

# ANTUNES SEVERO

O menino do arroio Itapevi

Ana Lavratti

ANTUNES SEVERO

O menino do arroio Itapevi



Ana Lavratti



Editora Insular  
**ANTUNES  
SEVERO**  
O menino do arroio Itapevi

© 2012 Ana Lavratti

Edição comemorativa aos 80 anos da Associação Catarinense de Imprensa

Editor: *Nelson Rolim de Moura*

Capa: *George Peixoto*

Revisão: *Lia Rosa Leal*

Diagramação e arte-final: *Carlos Serrao*

---

L414a Lavratti, Ana

Antunes Severo: o menino do arroio Itapevi / Ana Lavratti –  
Florianópolis : Insular, 2012.

152 p.

ISBN 978-85-7474-611-1

1. Biografia 2. Antunes Severo 3. Comunicação Social I. Título

CDD 920.71

---

Instituto Caros Ouvintes  
Rua Salvatina Custódio dos Santos, 525  
CEP 88034-600 - Florianópolis, SC  
Fone + 55 48 9919-1337  
[www.carosouvintes.org.br](http://www.carosouvintes.org.br)  
[www.antunessevero.com.br](http://www.antunessevero.com.br)

Editora Insular Ltda.  
Rodovia João Paulo, 226, Bairro João Paulo  
– CEP 88030-300 – Florianópolis, SC  
Fone/fax: 48 3232 9591 e 3334-2729  
[editora@insular.com.br](mailto:editora@insular.com.br) • [www.insular.com.br](http://www.insular.com.br) •  
[http:// twitter.com/EditoraInsular](http://twitter.com/EditoraInsular)

## A OBRA:

Nascido no interior do interior do Rio Grande do Sul, em família de poucos recursos, Antunes Severo acompanhou sempre acompanhado com obstinado interesse a evolução da comunicação. No início, apavorado pelas vozes que se infiltravam na sala da casa a partir daquela caixa brilhante, ligada por tantos fios ao cata-vento instalado numa vara de eucalipto. Em seguida, buscando de cidade em cidade a chance de trabalhar diante dos microfones que povoavam a sua imaginação.

Escolhido o Melhor Animador de Rádio do Paraná, criador da agência de publicidade A.S. Propague, professor universitário, executivo da comunicação, Secretário de Estado da Comunicação Social, fundador da ADVB-SC, autor de livros, idealizador de campanhas e coberturas históricas, reconhecido pela ACAERT como Comendador da Comunicação, o personagem desta história é um exemplo de ousadia e de superação. Colecionador de amigos e fãs, Antunes Severo faleceu aos 85 anos, em dezembro de 2017, mas sua trajetória permanece, registrada aqui, para ser aplaudida e lembrada pelas futuras gerações.

## A AUTORA:

Ana Lavratti é Jornalista e Mestre pela Universidade Federal de Santa Catarina.

Com 30 anos de atuação, acumula experiência em mídia impressa, eletrônica, assessoria de comunicação, produção literária e mídia digital online.

Na mídia impressa, foi repórter, editora e colunista social interina no Diário Catarinense durante oito anos. Também colaborou com dezenas de revistas, incluindo reportagem de 10 páginas para a publicação trilingue Vamos Latam em 2016.

Na mídia eletrônica, foi repórter e apresentadora da Band SC durante sete anos, período em que ancorou o telejornal da noite, realizou inúmeras coberturas ao vivo com transmissão estadual e nacional e produziu programas especiais em vários estados do Brasil e na Europa.

Paralelamente ao trabalho como sócia do escritório Informação, desde 1998, chefiou a Assessoria de Comunicação da Secretaria de Estado do Planejamento, em 2006, e da Secretaria de Estado da Saúde, entre 2007 e 2010. Também assinou uma coluna diária no jornal Notícias do Dia, entre 2014 e 2015, e é colunista social do portal Acontecendo Aqui desde 2016.

No campo literário, é autora de três livros, de dois cases vencedores e três finalistas do prêmio Mulheres que Fazem a Diferença, e de três e-books que resgatam a história dos Núcleos mais antigos da Associação Comercial de Florianópolis (ACIF).

## APRESENTAÇÃO: A epopeia de um astro

O texto de Ana Lavratti nos conduz, como num bom filme de época, pela epopeia de vida de uma das mais extraordinárias figuras humanas que este pedacinho de terra já viu. Mas desconfio um pouco que a história contada aqui nos oculte alguma coisa mais, capaz de explicar melhor o que tanta gente tem testemunhado e que também aparece neste livro.

De minha parte, testemunho pelos últimos trinta anos, desde que Antunes Severo entrou na jogada para decidir a criação do Museu do Rádio de Santa Catarina, projeto de minha aluna Cirley Ribeiro que tive o privilégio de orientar. Assim, quase do nada, das boas intenções de uma estudante, com o toque mágico de Eurides o projeto virou um acontecimento, mobilizou a mídia, agência de publicidade, profissionais da ativa, aposentados e suas famílias, para assistirmos emocionados, no Auditório da Reitoria, a ressurreição do radioteatro catarinense na voz de seus autores e atores, em pleno 1984.

Infelizmente, a UFSC não tinha ainda capacidade de dar o seguimento que o projeto merecia. Mas isso não seria um obstáculo para Antunes Severo: o Instituto Caros Ouvintes viria na continuação, para fazer justiça à memória do rádio, agora num patamar tecnológico atualizado para o Século XXI. Iniciativa de quem? De um menino-lenhador de Itapevi, que só conheceu a eletricidade na entrada da adolescência e as primeiras letras ainda depois disso.

O menino de Itapevi será lembrado como fundador da primeira agência de publicidade de Santa Catarina, como fundador e dirigente da ADVB no Estado, como um grande mestre que passou pela ESAG, como Secretário de Estado, como executivo, como o extraordinário profissional de rádio que Florianópolis, Rio Negro, Curitiba, Itajaí e Porto Alegre conheceram, como... a lista não para aí. Deveria incluir também as muitas coisas que não o deixaram fazer. Lembro do seu plano dos anos 1980 para refundar o jornalismo da Rádio Diário da Manhã, já então da RBS. Suas ideias eram muito maiores do que o discernimento dos que não quiseram que acontecesse. Com isso, perderam a empresa e a cidade. Mas Antunes não seria parado nunca.

Sei que a qualquer momento ele vai me ligar outra vez: “professor, tem um tempinho?” E trará embaixo do braço um maço de folhas com o esboço de mais um sonho de tornar este mundo melhor, em algum de seus departamentos. Seu carisma e entusiasmo tornarão a proposta irresistível. Para mim e para todos que ele tem sabido mobilizar e liderar, com a doçura e a segurança de um pai. O seu, ele não conheceu de fato, e talvez por isso venha criando essa figura de um pai melhor do que aqueles que existem na realidade - colocando nisso todo seu talento de galã de novela.

É, acho que o livro de Ana Lavratti nos oculta alguma coisa. Desconfio que Antunes Severo não seja exatamente uma figura humana. Pelo que realizou, pelos obstáculos que superou, e pelo que sua enorme visão pretendeu realizar, sei não. Considero esta história de um menino sem certidão de nascimento até a maioridade bem difícil de acreditar. Minha hipótese é de que isso é um conto para explicar um anjo extraviado, que errou seu plano de voo, bateu na Serra do Caverá e caiu no arroio Itapevi. E, tendo perdido as asas, não teve alternativa a não ser a de vir cumprir o seu plano divino aqui nesta Ilha da Magia.

Esta é uma história que, se não for descoberta antes por Hollywood, há de ser um dia filmada por um cineasta catarinense. E, certamente, contada num áudio, com o mesmo apuro que fez de seu protagonista um grande astro do nosso radioteatro.

Eduardo Meditsch; Doutor em Ciências da Comunicação

### **APRESENTAÇÃO:** O *self-made man* que conquistou respeito em tudo o que fez

Conheci o Antunes Severo há 40 anos, quando ingressei na A.S. Propague na condição de aprendiz de publicitário, e de imediato nos tornamos amigos. Sempre o admirei como profissional e, sobretudo, como pessoa, e a ele devo muito do que sei hoje na profissão que abracei. Mas seu maior legado talvez tenha sido a experiência humana que me transmitiu.

Ponderado diante da adversidade, inquebrantável frente ao desafio, obstinado na consecução dos sonhos, ele acumula o raro talento de mostrar-se humilde no trato, manter o olhar sereno e se expressar em voz desarmada. Outra característica marcante do Antunes é pensar sempre à frente do seu tempo. Desde a época do rádio e, sobretudo, na visão de uma agência de propaganda estruturada profissionalmente quando não se sabia direito o que era isso.

Ao ler este livro, no entanto, percebi que algo de fundamental me escapara esses anos todos na compreensão da sua trajetória vitoriosa. Antunes é um *self-made man* que, saído de uma infância humilde no interior e após um contato tardio com o estudo, triunfou como radialista e publicitário, tornou-se professor universitário e conquistou respeito em tudo que fez.

Seria o bastante para contar a todos sua história. Uma história de sucessivas superações, num caminho repleto de desafios e vicissitudes - em suma, uma lição de vida. Mas não foi a isso que me referi. A bela biografia escrita pela jornalista Ana Lavratti, permeada pela emoção da primeira à última página, abriu-me os olhos para um detalhe de que eu não me apercebera.

Revela que ele cedo identificou o Deus interior que existe em cada um de nós, e nunca o abandonou. Vem daí a luz que emana de Antunes e o impulsionou a sempre combater o bom combate. Tanto na carreira exitosa quanto na vida particular, ambas construídas com amor, harmonia e dedicação. Por tudo isso, o privilégio de privar da sua amizade me enche de orgulho.

Roberto Costa; presidente da Propague

### **PREFÁCIO:** Não há predestinados, há os lutadores

Um menino, a vastidão dos pampas, uma torre de rádio. A vontade do menino de entrar nesse mundo de belas vozes, de música e mágica que faz as palavras viajarem longe, sem sair de perto. A história do país moldando as vidas das famílias.

Nestas páginas Ana Lavratti nos guia num mundo cheio de dificuldades e de promessas no interior do Rio Grande do sul e nos sonhos de um menino que decidiu ser Gente. Não deixa de fora as paisagens, as reviravoltas de guerras e revoluções que chegam aos rincões onde o Brasil já se despede do Brasil, ou a mãe forte como uma personagem de Erico Veríssimo.

Quem pensaria que o homem que criou a primeira agência de publicidade de Florianópolis chegou à vida adulta praticamente analfabeto? Descobrimos que mesmo educado pela curiosidade e formado pelas notícias do rádio, Antunes Severo só frequentou bancos escolares já perto dos 30 anos, fazendo as provas do supletivo que lhe daria o diploma necessário para fazer o vestibular.

De universitário a Mestre foi um passo. E a soma das décadas acompanhando a vida do menino de Itapevi deixa aquela convicção de que não há predestinados: há os lutadores, que se impõem desafios maiores que eles mesmos, e que, ao vencê-los, premiam a todos nós.

Sônia Bridi; escritora e jornalista internacional da Globo

#### **DEPOIMENTO: Antunes, exemplo e pioneirismo**

Há 50 anos que tenho o privilégio de contabilizar entre os amigos conquistados no jornalismo o honrado nome de Antunes Severo. Até hoje costumo reproduzir o texto-chamada de seu prestigiado programa “Ponto de Encontro”, na Rádio Diário da Manhã, nos eventos e cumprimentos casuais. Mantenho até hoje na lembrança o prefixo musical. Vi o sucesso e convivi com o vitorioso profissional. O título, tive a alegria de reeditar no “Jornal do Almoço” da TV Catarinense, Canal 12, da RBS TV, na década de 80.

De Antunes Severo recolhi exemplos notáveis de profissionalismo, de lealdade, de amizade, de solidariedade e de espírito público. Conheço o excepcional trabalho de voluntariado que realiza no Centro Espírita Nosso Lar.

Radialista, jornalista, professor universitário e pioneiro na publicidade estadual, Antunes Severo escreveu páginas memoráveis na história da comunicação catarinense.

Esta feliz e oportuna iniciativa da jornalista Ana Lavratti não representa apenas uma merecida homenagem a um dos destaques do rádio na segunda metade do século passado em Santa Catarina.

Com um texto leve e objetivo, a autora permite saborosa viagem a uma Florianópolis que não existe mais e que deixa saudades para muitas gerações.

“O menino do arroio Itapevi” transmitiu-nos preciosas lições e magníficos exemplos, graças à extraordinária esposa, que trata carinhosamente de “Pretinha”, companheira de todas as horas e que torna o casal um magnífico paradigma de vida e de família.

Moacir Pereira; Jornalista e membro da Academia Catarinense de Letras

## 1- Um arroio chamado Itapevi

Com 726 quilômetros de extensão, a rodovia Osvaldo Aranha cruza o Rio Grande do Sul no sentido transversal leste-oeste. Na altura do quilômetro 522, a BR-290 é cortada por um arroio batizado pelos índios, como tantos na região. Com nascente na Serra do Caverá, o arroio Itapevi se integra a outros cursos d'água até escorrer para fora dos limites do Brasil.

Início do século XX. Quase na fronteira com o Uruguai, no triângulo formado pelos municípios de Alegrete, Rosário do Sul e Cacequi, vivem Antônio Cândido Severo e sua esposa, Amazilia do Prado Severo. Na clareira de mata nativa que protege as águas do Itapevi, o agricultor, homeopata e curandeiro constrói a casa de pedra onde veria nascer nove filhos, três homens e seis mulheres.

## 2- A Revolução de Getúlio

Primavera de 1930. Tropas militares do Rio Grande do Sul marcham em direção a São Paulo sob o comando de Getúlio Vargas. Apoiado por lideranças políticas dos estados de Minas Gerais e da Paraíba, o fazendeiro e político gaúcho lidera o movimento que culmina com a derrubada do presidente eleito, Washington Luís. Aberto o caminho, Getúlio assume como Presidente Provisório do Brasil.

A notícia do recrutamento para reforço das tropas militares voa como rastro de pólvora pela campanha sulina. Chega a Alegrete e a todas as demais cidades e seus distritos, por mais distantes que fossem. Eurides Ignácio Antunes, filho do agricultor Antônio Ignácio Antunes e de Cândida Rodrigues Antunes, é um dos jovens convocados para *sentar praça* na Brigada Militar do Estado.

Antes de partir, Eurides precisa despedir-se de Lahir, a namorada que vive com os pais, Antonio e Amazilia, na casa de pedra à margem esquerda do arroio Itapevi. Na iminência da separação, os apaixonados improvisam. Aos 20 anos, com o amor ardendo em urgências, alinhavam um novo vínculo, capaz de acender a ilusão do reencontro enquanto ele estiver no *front*. Ainda que o pai de Lahir se oponha ao compromisso, a peculiaridade do momento o obriga a consentir.

O noivado abrupto não tem festas nem cerimônias. Apenas as promessas, que passam a duelar no peito com as raízes crescentes da insegurança. À vista do grupo de homens fardados, reunidos junto ao palanque da casa de pedra, Lahir tenta esconder as lágrimas. Amordaçada pelo medo, busca voz no fundo da alma, até murmurar, sem coragem suficiente para erguer os olhos lavados pela desilusão:

- *Quando eu te vejo de novo?*

Eurides, atônito, quer responder. Mas as palavras não saem. Não sabe o que dizer. Mentir? Mentir à sua amada, o primeiro amor de sua vida? Não, não faria isso. O que prometer, então? Ele precisa partir. Cumprir a missão que lhe é imposta. Lutar pela defesa dos direitos e da liberdade anunciados. É sua obrigação, sim. E uma obrigação que o legitima como cidadão. O silêncio vai crescendo, até que a angústia, como se chicoteada pela ordem do comandante do pelotão de recrutas, se cristaliza em forma de voz no vazio da campanha:

*- Vamos, pessoal! O dever nos chama e a estrada não espera. Esta noite a nossa pousada é no Alegrete. As tropas seguem de trem, às seis da manhã, com destino a Porto Alegre. Temos de estar em São Paulo daqui a dois dias. Vamos. Assumam suas montarias!*

O tom ríspido logo se perde sem eco. A dor imposta a Lahir por aquela conflagração militar permanece muda, apática, subordinada ao frio das distâncias e aos desafios do desconhecido. A separação, involuntária, anuncia sua vocação para estigma dessa paixão.

### **3- Viúva em plena lua-de-mel**

A Revolução de 30 chegou às encostas da Serra do Caverá, na fronteira oeste do Rio Grande do Sul, assim como chegara aos demais extremos do Brasil. Insatisfeitas com a candidatura do paulista Júlio Prestes à presidência da República, o que afrontava a vigente Política do Café com Leite – na qual os latifundiários de São Paulo e de Minas Gerais se alternavam no mandato presidencial –, as lideranças de Minas, Paraíba e Rio Grande do Sul apoiaram o golpe de estado que culminaria com o fim da República Velha.

Em Santa Catarina e no Paraná, o conflito durou pouco e ficou limitado a pequenos confrontos na passagem das tropas militares gaúchas que se deslocavam de trem para São Paulo. Em menos de um mês, pracinhas e seus comandantes intermediários estavam retornando aos quartéis. Não houve baixas, apenas mobilização, com danos atribuídos mais à falta de preparo das tropas e de estrutura nos acampamentos do que propriamente a alguma batalha. Os líderes do movimento, enfim, dirigem-se ao Rio de Janeiro para dar posse a Getúlio Vargas na presidência da Nação enquanto os militares – incluindo o ansioso noivo Eurides Ignácio Antunes – retornam às suas regiões de origem.

Eurides e Lahir se casaram no dia 6 de julho de 1931, na residência dos pais da noiva, em Itapevi. Herdeiro de uma pequena gleba na localidade de Queromana, então pertencente ao Distrito de Durasnal, no município de Alegrete, Eurides constrói ali o lar do casal. A pouco mais de uma légua de Itapevi, a casa é erguida na margem direita da Estiva - uma sanga de vida intermitente que flui no inverno e seca no verão.

Para ajudar nas lides domésticas, o trato de duas vacas leiteiras e três cavalos e uma pequena lavoura de milho, mandioca, batata-doce e melancia, o irmão caçula de Lahir,



Anacreonte, vem morar com eles. O cultivo, bastante rústico, não garantia mais que a subsistência da família e alguns trocados, para ajudar na compra do sal e do açúcar.

Verão de 1932. Após menos de um ano de convívio, Eurides e Anacreonte se desentendem. A disputa pela razão vira luta corporal. Anacreonte fere o cunhado com um golpe de faca no abdômen. O corte no ventre é profundo. Sem acesso a socorro médico adequado, Eurides morre no dia seguinte, 22 de fevereiro, aos 21 anos.

Grávida de três meses, viúva, Lahir não tinha onde buscar amparo. Era repelida pelos parentes do marido, que não perdoavam seu irmão, e também pela própria família, que nunca chegara a aprovar o casamento. Sem condições de enfrentar sozinha uma gestação, sem renda, sem vizinhos, isolada dos amigos, não teve outra opção. Foi viver com o pai e a madrastra, com quem Antonio Cândido se casara após a morte de Amazilia, mãe de Lahir. O convívio, difícil durante a gravidez, não tardou a se agravar após o nascimento do bebê.

O primeiro e único filho de Lahir e Eurides veio ao mundo no dia 2 de agosto de 1932. Chamava a atenção pelo aspecto viçoso e saudável e pelos traços nada comuns naquele lugar, não obstante a semelhança com os pais: os cabelos crespos e claros, quase loiros, e olhos de um azul profundo que lhe renderam de imediato o apelido de Mozinho, sinal do mimo de parentes e amigos mais próximos. A atenção dedicada ao menino, todavia, não era suficiente para esconder os atritos que dominavam a rotina doméstica dos Severo, a ponto de Antonio Cândido expulsar de casa a filha e o neto. Mais tarde, por outras fontes, o menino soube da história que a mãe sempre se empenhou em esconder.

*- O velho ficou brabo com ela e assim que ela ganhou o filho a mandou embora. Ele estava gastando com advogado para livrar o Anacreonte da cadeia, era meio pão duro, e o que contava no momento era não gastar. Isso deve ter pesado na sua decisão. Um dia, ele colocou a filha e o bebê em uma carroça puxada a cavalo, daquelas que a gente chama de aranha, e mandou os dois embora. Parece que deu dez contos de réis, para o neto, se não me falha a memória, relataria, no futuro, um parente próximo.*

O destino de Lahir, dessa vez, foi a casa do irmão Erioval. Casado com Universina Ribeiro, também de família pobre, acolheu a irmã provisoriamente, com a condição de que ela encontrasse logo outro lugar para viver com o filho. Em busca de alguma renda, Lahir passou a se dividir entre os cuidados com o bebê e a prestação de serviços na casa de parentes, limpando, esfregando, polindo o sonho de viver com dignidade. Ilusão que mais uma vez traria consigo o estigma da separação.

Entre as pessoas a quem servia, Lahir conheceu o comerciante José Machado Soares, pai de quatro filhos. A mãe dos pré-adolescentes, com problemas mentais, vivia isolada da vida conjugal. Tão logo foi convidada, Lahir assumiu a governança da casa, ainda que o emprego lhe custasse a distância do único filho. Eurides – batizado assim em homenagem ao pai -, foi entregue aos cuidados da prima em segundo grau, Dalila Aguiar, que morava a cinco quilômetros dali.

O entrosamento da governanta com a nova família foi tão positivo que, no ano seguinte, Lahir e José passaram a viver como marido e mulher. Em cinco anos, tiveram quatro filhos: Jesus, Amasília, que morreu ainda bebê, Maria Antônia e Serafim. O difícil convívio entre filhos e enteados, no entanto, provocava brigas cada vez piores entre o casal. A ponto de Lahir abandonar a casa, com três crianças e nenhuma perspectiva.

Lahir, que anos antes já buscara abrigo na casa de Erioval e Universina, voltou a viver com o irmão, desta vez acompanhada por Jesus, de quatro anos, e Maria Antônia, de dois anos. O filho menor, Serafim, com apenas um ano, foi morar com o tio e padrinho, também de nome Serafim. Mesmo disposta a se desdobrar entre as crianças e algum trabalho remunerado, na campanha não havia empregos. A sobrevivência vinha das atividades domésticas, do pastoreio de uns poucos animais – duas vacas leiteiras, dois cavalos, alguns porcos e galinhas – e de uma agricultura de subsistência que mal cabia em uma quadra de campo.

Aos 30 anos, já tendo enfrentado tantas lutas e provações, Lahir não se conforma. Além da pobreza, sofre pela separação dos filhos caçula e primogênito. E recorre ao primeiro sogro, com esperança e humildade, para tentar ter Eurides de volta. Apegada ao menino de quem se considerava mãe de criação, a prima Dalila se recusava a entregá-lo, e a disputa pela guarda foi parar no Juizado de Menores, em Alegrete. Por determinação da Justiça, até sair a sentença ou haver acordo entre as partes, o garoto deveria morar com o avô paterno, o que, ao contrário do que pode parecer, não trazia promessas de alegria. Apesar do parentesco próximo, ele nem o conhecia até então.

Na audiência de conciliação, coube ao pequeno Eurides escolher, entre três caminhos, o rumo do seu futuro: permanecer com o avô, voltar para a casa dos padrinhos e pais de criação, onde viveu por seis anos, ou optar pela mãe, com quem conviveu apenas quando era bebê. Guiado pelo instinto e pela força da inocência, Mozinho, o menino do arroio Itapevi, responde à pergunta do Oficial de Justiça:

*- Com quem você quer ficar, menino?*

*- Eu quero ficar com a minha mãe.*

#### **4- Mudança para a Capela do Saicã**

A vida de Eurides não havia sido fácil até ali. Órfão antes mesmo de conhecer o pai, expulso da casa do avô ainda bebê, morando de favor com parentes, afastado da mãe ainda pequeno, o menino que aprendeu a andar sobre o chão batido dos terreiros da casa dos padrinhos Dalila e Adroaldo cresceu meio xucro, contagiado pela simplicidade dos hábitos campeiros. Em meio à imensidão da campanha gaúcha, convivia com lavouras,

peões, bois que puxavam as carretas, vacas leiteiras e cavalos de montaria. Seus amigos mais chegados eram parte da bicharada: gatos, cachorros, galinhas poedeiras e angolistas que – ariscas – o obrigavam a correr até se render à fadiga, assumindo um fôlego menor que o delas.

Agora, aos oito anos, desfrutava da companhia de uma mãe sofrida, que pela falta de recursos se viu novamente obrigada a abrir mão de dois filhos. O que conseguira amearhar com o seu trabalho doméstico e o arrendamento de dois pedaços de campo recebidos como herança, após a morte do pai e do marido, não dava nem para o mínimo. Asfixiada pelas privações, Lahir recorre ao pai das crianças, que já retomara a criação de Serafim, para que também assumisse Jesus.

No rodízio involuntário da guarda dos filhos, desta vez a vida miserável é compartilhada com Maria Antônia e Eurides, que contribui como pode, vendendo doces e frutas nas ruas da cidade. Vivendo numa meia-água de duas peças num bairro à beira-rio, em Alegrete, Lahir não vê qualquer perspectiva de dignidade, e mais uma vez pede abrigo ao irmão, Erioval, assumindo as lides da casa enquanto a cunhada costura para ajudar no sustento. A única distração, naquela vida simplória e submissa, era visitar parentes, de onde voltou com a boa notícia.

A filha caçula de um arroteiro muito respeitado na região havia casado e a outra filha dele, por sofrer de problemas mentais, não tinha condições de assumir a casa. O viúvo, portanto, precisava de uma governanta. Epaminondas Farias tinha asma, beirava os 60 anos, mas apesar da doença e da idade impressionava pela simpatia e pelo ar fidalgo. Surpreendido com o bom trabalho, a beleza e a juventude da nova colaboradora, deu-lhe mais do que abrigo e emprego. Em pouco tempo, propôs que vivessem maritalmente.

No ano de 1944, naqueles confins da Capela do Saicã, a 36 quilômetros de Rosário do Sul, viviam cerca de 60 famílias. A iluminação à luz de vela, candeeiro ou lampião de querosene ainda era requinte reservado aos mais abonados da vila. Os demais se contentavam com lamparinas, nas quais pequenos discos de cortiça nadavam com o pavio na banha de porco. O meio de transporte se restringia à tração animal: o cavalo, a carroça, a aranha e a carreta. Exceção feita ao médico que usava a moto, objeto estranho à maioria dos habitantes e que o catapultava a uma posição quase divina em relação aos demais.

Tirando-se dois ou três *bolicheiros* que mantinham armazéns de secos e molhados, o médico motoqueiro, o empresário arroteiro, o professor de ensino primário e duas benzedeiras-parteiras, toda a população era composta por trabalhadores braçais: lenhadores, peões de fazendas, taipeiros, cortadores de arroz, prestadores de eventuais serviços domésticos e ainda os *changueiros*, que faziam pequenos transportes.

A atividade econômica se limitava à pecuária extensiva e ao cultivo de arroz do molhado. Manual, a prática exigia grande massa de mão de obra. Os homens trabalhavam no

preparo da lavoura, no plantio e na colheita, e as mulheres ajudavam nesta última etapa. O transporte da lavoura para o local em que ficam as trilhadeiras era feito por tração animal num sistema chamado *zorra*, espécie de balsa construída com troncos de madeira e que desliza sobre a lama, puxada por uma junta de bois.

Além da plantação de arroz que só dava retorno durante a safra, Epaminondas mantinha um pequeno negócio em sua própria casa. Ali vendia chita, brim, riscado e outros tecidos baratos, e também acessórios necessários aos trabalhadores da arrozeira, como botas, alpargatas, botinas e cintos com cartucheira e coldre. Apesar da disposição e da experiência, uma estiagem em 1945 levou seus negócios ao fracasso. A recuperação financeira só foi possível dois anos mais tarde, quando Epaminondas arrendou um pedaço de terra da Fazenda Nacional do Exército, na região do arroio Saicã.

## **5- A Era do Rádio chega à vila**

O mundo de quem vive na campanha gaúcha é feito de grandes distâncias. Um mundo imaginário, alimentado por crenças, lendas, costumes e medos que povoam as mentes e almas ingênuas da gente do campo; outras visíveis, quase palpáveis, medidas em léguas até o limite do horizonte captado a olho nu.

A Segunda Guerra Mundial, por exemplo, era uma realidade longínqua para os habitantes daquela pequena vila rural. Assim como costumavam subestimar as nuvens de gafanhotos – esses bichinhos aparentemente indefesos que chegam aos borbotões, formando nuvens de encobrir o sol e arrasando plantações – na guerra eles também não previam a dimensão do prejuízo nem suas consequências naquele quase fim de mundo.

Os efeitos, no entanto, existiam. Eram sutilmente percebidos na falta de mantimentos no armazém da vila, no aumento do preço do arame farpado e no medo invisível que rondava a população, em especial os mais ignorantes. Analfabetas, as pessoas não tinham acesso a jornal. E a falta de energia elétrica também privava os moradores da campanha de contato com o rádio. As notícias, então, eram trazidas por um ou outro mascate ou por quem se deslocava até Rosário para fazer compras ou vender sua produção agrícola. Divulgadas boca a boca, as informações, mais do que limitadas e imprecisas, ainda ganhavam detalhes fantasiosos.

Epaminondas tinha familiares em Santana do Livramento, cidade gêmea da uruguaia Rivera e distante uns 150 km dali. Lá, comprava roupas, presentes e buscava novidades. Por serem países menores, com capitais próximas da fronteira com o Brasil, o Uruguai e a Argentina tinham serviços de radiodifusão avançados para os padrões da época. Suas emissoras – El Espectador, de Montevideú, e El Mundo, de Buenos Aires - à noite podiam ser ouvidas como estações locais na fronteira oeste do Rio Grande do Sul.

Para compensar a falta de serviços de distribuição de energia elétrica em algumas regiões, os *hermanos* instalaram cata-ventos na periferia de suas capitais, nas principais cidades do interior e nas sedes das fazendas. Os aparelhos funcionavam como usinas aéreas gerando energia em seis volts, suficiente para acionar o rádio e ainda permitir o luxo de um “bico de luz” de 25 watts aceso na sala de visitas, onde reinavam os rádio-receptores em suas reluzentes caixas de madeira ou baquelite.

Motivado pelos parentes que viviam na campanha uruguaia, Epaminondas deu o primeiro passo para que as transmissões de rádio chegassem à região onde morava. Apesar do elevado investimento, comprou o conjunto completo: torre metálica de cinco metros de altura, cata-vento, a fiação para as conexões elétricas e para a antena externa, duas baterias e o aparelho de rádio. A instalação da aparelhagem em frente ao casarão de madeira – que dividia as funções de residência familiar e sede da granja de arroz – foi um acontecimento na vila.

Era 1945, ano marcado pelo fim da Segunda Guerra Mundial. No interior do interior do Rio Grande do Sul, nessa mesma época, através do pioneiro Epaminondas Farias, a Era do Rádio chegava à Capela do Saicã.

## **6- A caixa brilhante do rádio RCA Victor**

O som do aparelho receptor envolvia e fascinava os familiares do arroteiro e os vizinhos mais próximos. À noite, a luz da lâmpada elétrica completava o espetáculo transformando a simplicidade da sala em inspirado palco cênico. Mesmo vivendo ali, o menino curioso e assustado hesitava em se aproximar. Geralmente espiava do escuro, de fora de casa, o encanto das crianças e o deslumbramento dos mais velhos com aquele arsenal que desafiava seu limite de compreensão.

- *Que diabo de coisa estava acontecendo ali?*, perguntava-se o menino do arroio Itapevi.

O cata-vento lá em cima era mais alto do que a cumeeira da casa. Ficava na ponta de uma geringonça de quatro pernas que começava larga no chão e ia afinando, afinando, até alcançar uma cruzeta que tinha rabo de passarinho e uma travessa de madeira que desaparecia quando rodava. O que era aquilo? E os fios que vinham lá de cima e entravam pela parede, onde começavam e onde terminavam? E aquele outro fio esticado em cima da casa, preso em duas varas de taquara, uma de cada lado, grudado atrás daquela caixa que falava?

- *Quanta coisa, Deus do céu!*, contemplava em silêncio.

Dentro da sala, além do rádio e da lâmpada pendurada no forro de tábuas brutas, havia uma caixa preta no chão. Era a bateria. Mas e aqueles dois fios com uma garrinha na ponta,

presos na bateria, que entravam atrás do rádio? Para o menino, desvendar o mistério exigia seriedade. À noite, a curiosidade era tanta que lhe roubava o sono e se infiltrava em sonhos. Sua mente rodava em busca de explicações para aquele sobressalto: coração disparado, respiração forte e uma incerteza que triunfava sobre a fadiga na escuridão do quarto.

Quando enfim adormeceu, os sonhos confirmaram a impaciência. Ele se via já grandote, numa espécie de galpão cheio de peças que não identificava. Não pareciam arreios nem apetrechos de carroça. Nada lembrava a mobília do quarto ou da cozinha, mas, coisa curiosa, aquilo lhe parecia familiar. Mesmo sem se localizar, sentia que conhecia aquela arrumação. Na cena seguinte, o ambiente era uma sala grande, onde pessoas alegres o aplaudiam, enquanto ele falava, de cima do soalho de uma carreta.

Eurides acordou pela manhã com a nítida sensação de que já conhecia aquele lugar. Ele não sabia explicar, mas jurava conhecer o cenário do sonho. No caminho para a cozinha, onde era servido o café da manhã, viu o aparelho receptor calado em cima de uma mesa de canto e enfim decidiu:

- *Eu vou descobrir como se lida com isso*, disse, aliviado, disposto a ouvir e até conversar com os garotos da vizinhança sobre o que se passava na casa dele.

Mais alguns dias e a aparelhagem virou rotina na sala de visitas, em seus pensamentos, nos seus sonhos. A caixa brilhante do rádio RCA Victor, porém, continuava altaneira, dominando as noites e a atenção dos presentes. As emissoras estrangeiras falavam em castelhano, tocando tangos, milongas e canções dolentes, às vezes alegres e barulhentas. O rádio agora fazia parte da casa e Lahir não economizava cuidados com o hóspede permanente. Zelo, aliás, que resultou em acidente.

Responsável por travar e destravar o cata-vento quando a bateria estava carregada ou não, e de verificar o nível da água destilada nos reservatórios internos do equipamento, Lahir improvisou uma técnica para retirar a água excedente da bateria. Ao puxar o líquido corrosivo em direção aos próprios lábios com uma bomba de chimarrão, não só queimou a boca como comprometeu os dentes, de forma irreversível. A cicatriz da mãe deu ainda mais fôlego à curiosidade do menino Eurides.

Aquele atropelo de ideias ora incomodava ora fascinava. Afinal, quem carrega o que o rádio toca? De onde ele tira essas coisas? Onde está toda aquela gente falante que canta e toca música? Naquela noite, de novo tardou a dormir. E quando dormiu o sono foi cheio de sonhos. Sonhos desatinados, intrigantes e confusos. Só acordou com o chamado da mãe:

- *Ta na hora de tomar café. Levanta!*

O abrir dos olhos não apagou as imagens formadas durante a noite. Ainda sonolento, a caminho do poço onde buscava água para se lavar, uma ideia martelava sua cabeça sem cessar:

*- Engraçado, eu não entendo nada dessas coisas, mas elas também não me assustam. Eu já vi essa tranqueira em algum lugar e vou descobrir como funciona.*

## **7- A estreia como lenhador**

Debruçado sobre os sonhos que o rádio teimava em nutrir, Eurides mal percebia as mudanças já impostas a sua vida. Era 1946 e ele chegava aos 14 anos sem um ofício, sem estudo, sem se dar conta do nível de pobreza em que vivia. Sem planos para o futuro, o pouco que fazia era cuidar dos animais de criação, levando-os para beber água na sanga e trazendo as vacas leiteiras para a ordenha diária. Mas isso não era o suficiente. A plantação de arroz rendera menos do que o esperado, e os efeitos da guerra, mesmo terminada, continuavam a se abater sobre aquela gente sem recursos e sem perspectivas. Certa manhã, depois do café, a mãe puxa a conversa.

*- Meu filho, tu já estás grandinho e precisas fazer alguma coisa pra te sustentar. Eu falei com o compadre Rufino<sup>1</sup> e ele disse que podes ganhar algum dinheiro trabalhando com ele.*

*- Pra fazer o que, mãe?*

*- Começou a semeadura do arroz e ele tem serviço de cortador de lenha. Tem que aproveitar enquanto as lavouras são movidas por máquinas a vapor. O dinheiro que tu vais ganhar é pra comprar umas roupas e calçados, porque eu vou continuar fazendo o que eu posso pro sustento de vocês.*

A vida de lenhador não chegava a assustar. Cortar lenha é uma atividade comum no interior, onde o fogão e o fogo de chão nos galpões integram a rotina da maioria das famílias. O mais difícil era ter de acampar no mato, distante da vila. Com apenas um pelego como cama e um poncho para se cobrir, ele agora dividia com os colegas um pedaço de lona que improvisava uma barraca.

A lida ia do amanhecer ao pôr do sol. A jornada só tinha duas breves paradas: para o café e para o almoço. No jantar, comiam o que sobrava: uma gororoba de feijão e arroz com um naco de charque, tudo cozido numa única panela na noite anterior – isso quando um gambá ou uma jaguatirica não surrupiava a refeição.

Além da única panela havia a cafeteira *customizada*: uma cambona feita com uma lata de óleo de cozinha em que o cabo era um pedaço de arame e o *coador* um tição em brasa

---

<sup>1</sup> Rufino Pelejero, mestiço, trabalhador braçal, casado, seis filhos. Na safra era cortador de arroz. No restante do ano, fazia biscate, auxiliava na lida doméstica como diarista eventual.

que se mergulhava na lata para que o pó repousasse no fundo. Acompanhando o café preto, nada mais que o trivial, com batata-doce assada ou pão caseiro de farinha de milho.

Naquela época, a mata que acompanhava o arroio Saicã era jovem e rala devido aos cortes sucessivos. Trabalhando duro e sem folga, chegava-se, com sorte, a uns quatro metros cúbicos de lenha cortada e empilhada a cada jornada de 12 horas. Ao final da segunda semana de trabalho, os lenhadores levantavam o acampamento e retornavam para casa a pé, carregando todas as suas tralhas, para receber o pagamento de acordo com a produção. O trajeto cortava picadas, sangas e elevações, e quando tudo corria bem, era vencido em umas quatro horas. Mas se chovia...

Quando as sangas transbordam nessa região, acabam bloqueando a passagem nas proximidades do arroio em que desembocam. Às vezes, mesmo andando na escuridão da noite, os lenhadores eram forçados a subir a coxilha em busca de um vau nas cachoeiras formadas pela enxurrada. Ainda que o sacrifício rendesse pouco, eles se conformavam. Era dali que tiravam o sustento. Mas no inverno seguinte, não tiveram outra opção. As chuvas, intensas, exigiram que buscassem trabalho na região mais elevada, onde os bosques de eucalipto ofereciam melhores condições.

#### **8- A primeira bombacha com cheiro de nova**

Os bosques eram formados de árvores adultas, algumas com até 20 cm de diâmetro, o que facilitava o corte e o manejo da lenha. Para fazer as pilhas, os lenhadores seguiam o sentido dos renques do bosque. Cada dupla derrubava três ou quatro árvores e depois se revezava entre o corte dos troncos e da *galharia*. A cada três horas, o prêmio era um *descanso* empilhando parte da produção do dia.

Já na primeira semana ficou evidente a vantagem da mudança. A folga quinzenal foi mantida, e os lenhadores voltavam à vila para visitar a família, receber o pagamento e refazer o estoque de mantimentos. Quando quatro meses se haviam passado, Eurides pediu, enfim, uma semana de folga. Queria ir a Rosário comprar sua primeira bombacha e um par de botas *daquelas do Alegrete*.

Liberado do serviço, viajou de carreta, como ajudante do compadre Acácio. O *xiru* velho – como se diz dos amigos nessas terras de fronteira – transportava a produção das lavouras para o Engenho Rosariense, encarregado de descascar o arroz e vendê-lo em sacas de 60 quilos. A viagem foi a passo de boi: três dias para ir e mais três para voltar.

Em Rosário, enquanto o carreteiro acompanhava os peões que descarregavam a sacaria, Eurides correu até a selaria Rosariense, a mais completa da cidade. Comprou suas pilchas quase chorando de alegria. Sentia a emoção de pagar com o próprio dinheiro. Dinheiro ganho à custa de força, suor, calos sobrepostos e perigos afrontados. Diante da conquista,



avalia seu retrato. Olha para as mãos grossas de lenhador, os pés descalços, a roupa surrada. Acaricia cada peça das compras, sente na pele o deleite daquela posse, e decide sorrindo:

*- Agora eu posso voltar aos meus sonhos.*

Eurides então se apressou. Era preciso sair da cidade o quanto antes, a fim de encontrar na estrada um ponto com água para os bois que puxavam a carreta e um local para passarem a noite. Na manhã seguinte, mal clareava o dia e já estavam a caminho de casa. O carreteiro se mantinha calado, se dirigindo apenas aos bois para que não dormissem na canga. Aproveitando o silêncio, o jovem revisita o *enxoval*. Além da bombacha e das botas, tinha comprado um cinto largo cheio de cartucheiras, uma camisa de riscado e um lenço vermelho para usar no pescoço, como símbolo da sua conquista.

Na carreta vazia, deitou a cabeça sobre as compras e se perdeu em devaneios. A lembrança mais viva vinha do rádio. Estava tudo na sua mente: a ansiedade dos primeiros acontecimentos, o cata-vento, os fios e a bateria, o misterioso aparelho receptor com suas vozes e músicas desconhecidas, a insônia, os sonhos, as alegrias e incertezas que as ondas do rádio provocavam.

Entre uma e outra ilusão projetadas, infalivelmente revê o filme que conhece melhor. Se a vida fora tão dura com sua mãe, o que faria com ele? Sem saber ler nem escrever, sem estudo, sem ofício, que futuro teria? No balanço da insegurança, adormeceu, exaurido pela falta de respostas. Foi preciso que o companheiro batesse no soalho da carreta para que ele acordasse.

*- Dormindo a essas horas, seu preguiçoso, disse rindo seu Acácio. Levanta e leva os bois pra beber água na sanga. Eu vou fazer fogo pra esquentar a boia e preparar o mate.*

## **9- A caminho de Rosário**

Vestido a caráter com os trajes típicos da fronteira, Eurides fez sucesso na domingueira do compadre Rufino, seu companheiro de trabalho. Com quase 15 anos, 1m75cm de altura, traços viris e olhos azuis, ele se destacava entre a rapaziada da região. Terminada a dança, voltou para casa à tardinha decidido a falar com a mãe. Mesmo tendo um trabalho e ganhando o suficiente para sobreviver, não se sentia satisfeito. Muito menos feliz.

*- Dona Lahir, falou, pois era assim que a tratava quando a conversa era de gente grande. A senhora se lembra daquele primo do meu pai que mora em Rosário?*

Diante da imagem do filho pilchado com ares de adulto, a mãe não segura a emoção, revendo no jovem o perfil e a postura do pai.

- *Claro! Mas corta a frase, buscando artifícios para disfarçar a comoção. Espera um pouquinho que eu vou buscar o mate pra gente continuar a prosa.*

Ela dirige-se à cozinha. Ele, na sala, deixa-se hipnotizar pela caixa de madeira brilhante. Lembra o impacto de ouvir o rádio pela primeira vez. Então esfrega os olhos, como se estivesse acordando. Foi um instante, mas foi fulminante. Ele estava decidido:

- *Eu tenho que sair daqui, eu quero sair daqui, eu vou sair daqui.*

A mãe volta com a chaleira e a cuia nas mãos. Enquanto enche o primeiro mate e oferece ao filho, que agora parece o *homem da casa*, ele já puxa o assunto:

- *Mamãe, eu sei que posso trabalhar e me sustentar. Mãe, eu quero ser gente. Quero fazer uma coisa de que eu goste, que me deixe feliz e a deixe tranquila. A senhora se lembra daquele primo do meu pai que é doutor e mora em Rosário?*

- *Sim, o doutor Amadeu. Ele é médico-chefe do posto de saúde do SAMDU. Esses dias, em uma consulta, perguntei se ele podia nos ajudar. Falei sobre a minha viuvez, o que nós temos passado, que tens essas ideias de mexer com rádio. Ele é muito calmo, disse que gostaria de te conhecer e que até poderias te adaptar morando com eles, já que eles só têm duas filhas pequenas. Falei que és um rapaz de boa índole e que precisas de um padrinho que te encaminhe, e ele lembrou que em pouco tempo vais ter que servir ao Exército.*

- *Mamãe, a senhora faz um enxoval novo pra mim e me leva pra lá?*

- *E tu vais prometer mandar notícias e me visitar de vez em quando! Combinado?*

Apesar da boa índole, como dizia a mãe, Eurides nunca fora um modelo de bons modos, mas também não desmerecia os bons princípios pregados por dona Lahir. É verdade que teimara em não estudar e muito pouco sabia da vida, dado o isolamento em que vivia. Mas sabia que na vila só tinha futuro quem se dedicava às lides do campo. Já na cidade...

## **10- Os alto-falantes do Som Azul Estúdio**

A nova família do menino do arroio Itapevi residia num sobrado de dois andares a uma quadra da Borges de Medeiros, a praça principal de Rosário do Sul, uma cidade pequena em tamanho mas grande em glórias por sua contribuição às conquistas do território gaúcho. Ali estava o miolo, o cerne, a vibração da vida urbana daquela gente. Tudo parecia grandioso: a Igreja Matriz com suas torres imensas, o prédio novo da prefeitura, o Café Marchezan, apinhado de mesas e cadeiras estendidas à noite pelas calçadas. Isso sem falar do Teatro Municipal, com candelabros na abóbada que nos remetiam às nuvens quase azuladas dos céus da fronteira. Mais adiante, na esquina principal, o primeiro e mais antigo hotel da cidade: o Central.

Na calçada da praça, suspensas nos postes de luz, as deslumbrantes cornetas do Som Azul Estúdio elevavam a imaginação do mais novo morador local. Em 1948, com quatro mil habitantes, Rosário do Sul concentrava nas ruas em torno da praça o melhor do seu comércio, os clubes, os cafés e o *footing* no final do dia, principalmente quartas, sábados e domingos.

Deslocado e xucro por culpa da ignorância em que vivia, o menino chega à adolescência. Naquela fase quando tudo parece possível e ao mesmo tempo nada parece acontecer, dá os primeiros passos em busca de algo que nem ele sabia o que poderia ser. Apenas pressentia que o seu futuro estava ali, ligado ao som que saía do alto dos postes.

Começa observando os outros rapazes da sua idade. Alguns ficam horas sentados na praça, ouvindo as músicas transmitidas pelo Som Azul Estúdio. Outros desfilam de um lado para o outro, envolvidos em alegres conversas e infalíveis risadas. Em poucas semanas, consegue integrar-se a um grupo e logo identifica o líder da turma.

Mais velho que os demais, Adão Feldmann se destaca sem esforço ao comentar a seleção musical. Sabe o nome dos autores, cantores e acompanhantes, inclusive quando as músicas são em inglês ou *castelhano*. Ao tornar-se amigo de Adão, soube ainda de outros méritos: ele estudava à noite e durante o dia trabalhava na Casa Rosário, uma loja de tecidos e confecções da família Bronfmann.

Para Eurides, ter uma turma era uma experiência mágica. Naquele mundo novo, o garoto se sentia tão fascinado quanto confuso, tão alegre quanto inquieto pela sucessão de pensamentos que se atropelavam em sua mente. Alguma coisa estava para acontecer, pressentia. Por mais força que fizesse para entender o que se passava, era como se a realidade e a compreensão brincassem de esconde-esconde. Até que uma pergunta, muito estranha, infiltra-se naquele turbilhão de sentimentos:

- *Vocês topam ouvir uma música diferente dessa que toca aqui na praça? O filho do meu patrão disse que nós podemos ouvir música clássica no sábado, na casa da família dele. Quem quer ir?*, convida Adão

Metade da turma se candidata. O garoto do arroio Itapevi aceitou o convite sem pensar, impulsionado por uma força que logo se rendeu ao pânico. *Se eu não sei o que é música clássica, o que eu vou fazer lá?*, pensou em silêncio, temendo o arrependimento.

## **11- Bê-á-bá às vésperas da maioridade**

O tema do próximo encontro na praça foi, então, a música clássica. Felizmente, Eurides não era o único a desconhecer o assunto. A ignorância da maioria deu margem a uma aula

ministrada pelo líder da turma, que aproveitou para explicar como o som do rádio chegava aos bancos da praça. Adão ensinou que as músicas eram gravadas em discos, que os discos eram colocados em pratos, que os pratos rodavam com uma agulha de metal em cima. A agulha captava o som que estava gravado no disco e, a partir desse processo mecânico, uma cápsula que tinha no braço do toca-discos transformava as vibrações sonoras em impulsos elétricos. O blá blá blá continuou ininteligível...

*- A música, então, vem através dos fios que chegam aos alto-falantes. Ali, uma bobina reconverte aquelas vibrações elétricas em impulsos mecânicos que, em contato com o ar, reproduzem a voz e os sons das músicas que chegam aos nossos ouvidos. Apesar da riqueza de detalhes, a aula foi um verdadeiro fiasco, pois os alunos eram broncos demais para captar um processo tão complexo. O curioso, no entanto, é que não desistiram da erudição.*

A família Bronfmann, proprietária da Casa Rosário, onde Adão trabalhava, morava a uma quadra da praça onde a turma se reunia. Sábado, no horário marcado, Adão buscou os quatro amigos para a audição. Os visitantes bateram palmas, a porta se abriu e todos subiram um lance de escadas de pura madeira de lei. Aos olhos dos rapazes, a sala parecia imensa e bem mobiliada. Mesa com oito cadeiras, sofás, poltronas e uma cristaleira que chegava a reluzir. No canto havia uma espécie de baú quadrado. Com mais ou menos 1,5m de frente por 1m de altura, a moderna radiola importada após a Segunda Guerra Mundial impressionava pelos detalhes, em tecido, couro e metais.

O *concerto* na casa de Simão Bronfmann foi um divisor de águas para aquela patota improvisada em audiência de elite. O que foi visto e ouvido naquele sábado serviu de alimento para muitas conversas e discussões. Os calouros no mundo erudito eram unânimes: haviam encontrado ali os sons da natureza. A nova referência abriu as fronteiras do pensamento e ampliou o limite das sensações. Para alguém apaixonado por rádio, naturalmente, os acordes da música clássica, aliados ao repertório de canções populares apresentadas a ele por Adão, eram o ponto de partida para uma revolução pessoal.

O aparelho de rádio na sala, na casa da Capela do Saicã, o alto-falante na praça, a radiola dos Bronfmann, o interesse nato até mesmo por chiados e ronqueiras advindos da interferência atmosférica... para o garoto analfabeto era como se tudo conspirasse rumo ao mundo da comunicação. Cada vez mais, Eurides sentia que seu futuro tinha a ver com a magia do serviço de som da praça, com causos que ouvia, histórias de outros lugares e livros que não lera, apenas percebera na mão dos amigos. Com o tempo, o quebra-cabeça ficava ainda mais intrincado. A realidade do seu dia a dia, a dependência econômica, a falta de intimidade em casa, o convívio limitado com outras pessoas pareciam erguer um obstáculo intransponível entre ele e seu destino.

A solução seria ter um trabalho, uma renda. Mas como? O jovem sonhador não sabia ler e não tinha documentos. Nada, nem certidão de nascimento. Mais uma vez, o líder da

turma fez a diferença. Eurides aprenderia a ler com ele. Como cresceu trabalhando na Casa Rosário, Adão conquistara algumas regalias. Almoçava com a família dos proprietários e dispunha de uma hora para estudar. Tinha até um espaço no depósito, onde ficavam seus livros e cadernos. Tamanha era sua confiabilidade que os patrões o autorizaram a ensinar Eurides, ali mesmo na loja, em seu horário de folga. Três meses depois, no entanto, ambos tiveram a chance de frequentar uma escola de verdade, naturalmente com *status* distintos: um como aluno e o outro como professor.

O sargento Sejanos, transferido pelo Exército de Alegrete para Rosário, abriu uma escola noturna do SENAC para alfabetizar jovens e adultos. Longe de ter o formato de uma escola padrão, o curso era orientado para as necessidades imediatas dos alunos. Até a duração era abreviada. Em seis meses, quem tivesse aprendizado suficiente e desejasse continuar estudando poderia *passar de ano*.

O curso também se preocupava com a formação cívica dos seus alunos. No mês de setembro, em alusão ao Dia da Independência, eles tiveram a chance de interpretar *O Grito do Ipiranga*. A direção da peça era do aluno João Osório Retamal, enquanto ao menino do arroio Itapevi, agora com 17 anos, coube interpretar Dom Pedro I. No palco do Teatro Municipal de Rosário do Sul, Eurides viveu a experiência de pronunciar a frase antológica que atribuem ao príncipe regente do Brasil: *Se é para o bem de todos e felicidade geral da nação, diga ao povo que fico*.

## **12- De lenhador a capinador**

Ocupado com a clientela do posto de saúde e do consultório, Dr. Amadeu acompanhava de longe a vida do parente. Eurides era tratado com respeito, mas não se sentia parte da família. Seu quarto fora improvisado numa meia água de madeira, no fundo do quintal, sem água encanada nem instalações sanitárias. Quando estava em casa, usava o banheiro da área de serviço e se alimentava sozinho, na cozinha. Passado o primeiro mês de convívio, encheu-se de coragem e procurou o primo que ele chamava de tio. Em vez de dinheiro, apesar de estar acabando a economia que trouxera, pediu ajuda para conseguir emprego.

Uma semana depois, Amadeu o chama. Na segunda-feira seguinte, às sete da manhã, ele deveria apresentar-se na Prefeitura Municipal. Eurides agradeceu e correu para contar aos amigos. Não sabia qual função iria exercer; mas, otimista, encheu o peito para anunciar à turma.

*- Vou trabalhar na Prefeitura e deve ser em uma boa coisa, porque o Dr. Amadeu é o chefe do posto de saúde e conhece todo mundo lá.*

Os interlocutores, mesmo trocando olhares de desconfiança, preferiram não estragar a alegria do amigo. Então começaram as brincadeiras sobre a importância do emprego e o quanto isso contaria na conquista de namoradas – como aquelas três morenas que moravam na rua da prefeitura e sempre passavam pela praça. O entusiasmo chegou a ofuscar um detalhe da vaga. Deveria ser para não-alfabetizados. E era, de fato.

Meio resabiado, roupinha limpa, alpargatas ainda novas, o jovem Eurides se apresentou dez minutos antes do horário estabelecido. Pelo porteiro, foi encaminhado ao chefe do serviço de limpeza e manutenção. Deveria aguardar ali pelos demais funcionários para começar o trabalho. Enquanto esperava, observou os próximos a chegar, todos mal vestidos, até meio sujos. Estranhou, mas permaneceu confiante até o chefe informar:

*- Como vocês sabem, em dois meses nós teremos eleições e o Senhor Prefeito quer que a cidade esteja limpa e bem cuidada. Então, vocês foram contratados para limpar o inço que está tomando conta do calçamento das ruas em torno da praça.*

Mal falou e já foi entregando as ferramentas: arrancadores de inço, enxadinha, enxada, enxadão, uns sacos de estopa e um carrinho de mão. E foi orientando:

*- O seu João vai mostrar como é o trabalho e onde vocês devem colocar o material recolhido. Vocês têm direito a uma parada pro café às oito e meia; o almoço é de uma hora e meia e depois às cinco horas termina a jornada. No sábado não tem expediente.*

Sonhador por natureza, radialista por vocação, o menino do arroio Itapevi reconhecia sua próxima provação. Pensava na vergonha que passaria, quando conhecidos o vissem arrancando erva daninha nas gretas dos paralelepípedos. Chegava a chorar. Chegava a desejar ter a dimensão de uma lágrima, para se esconder das garotas que passavam em seu horário de expediente.

Felizmente, o sofrimento durou pouco. No fim do mês recebeu 120 cruzeiros, agradeceu a oportunidade e se despediu dos colegas. Naquele mês, um dos cobradores da Casa Rosário, recém-casado, deixou o emprego. Adão prontamente intercedeu junto ao patrão e a vaga foi reservada para o garoto, já conhecido na loja. O serviço viera a calhar: além de trabalhar, conseguia estudar e treinar, na busca obstinada por uma chance como locutor.

### **13- Primeira experiência como locutor**

Agora sim, a independência estava proclamada. As aulas particulares na Casa Rosário, a turma da praça, a chegada do SENAC à cidade, a sensação de estar aprendendo, as comemorações de 7 de Setembro, a representação no palco do Teatro Municipal, enfim, as chances *devoradas* com tenacidade trouxeram a Eurides um inusitado sabor de esperança.

Em menos de um ano, além do emprego na loja, ele havia garimpado outras duas oportunidades: falar para os ouvintes do Som Azul Estúdio e atuar como locutor da Rádio Marajá de Rosário do Sul. Era o primeiro passo para que o menino do arroio Itapevi saísse do anonimato e estresse na carreira da comunicação, à qual imprimiria sua marca pelos próximos 60 anos.

Das primeiras experiências como radialista, dois momentos foram inesquecíveis. Eurides foi contratado no final de 1950 para animar um show inédito na cidade. A Livraria Central tomou a iniciativa de criar uma performance de marionetes ao vivo. O boneco tocava piano na vitrine da loja, enquanto o locutor anunciava as ofertas de Natal e de Ano-novo. O espetáculo era apresentado das 19 às 20h, todas as noites, por duas semanas, e premiava com descontos os primeiros fregueses. Pelo pioneirismo e criatividade da produção, as vendas da livraria duplicaram naquele ano.

A outra façanha, também sem precedentes, foi transmitir ao vivo uma cerimônia de casamento. Colhendo os louros pelo sucesso do evento na livraria, o inexperiente locutor foi o escolhido pela direção da Rádio Marajá para comandar o que seria a primeira transmissão externa da emissora. Além de marcar a estreia do aspirante a profissional, a boda transmitida ao vivo direto da Igreja Matriz foi a primeira ação dessa natureza na fronteira oeste do Rio Grande do Sul, o que a tornou uma referência também para a emissora.

Para justificar o investimento, claro que os noivos eram peculiares e populares. Tratava-se, no caso, do casamento do solteirão dono do Café Central, já beirando os 50 anos, com a filha do maior fazendeiro local, uma donzela rica, passada dos 40 – quando a tradição mandava casar antes dos 20 – e longe de ser bonita. Os equipamentos foram instalados e testados, como manda o figurino. Havia microfones no púlpito, diante do coral e para o locutor, que narrou da chegada do noivo à curiosidade dos convidados, que não se continham até desvendar se a noiva entraria ou não vestida de branco.

A transmissão foi um sucesso, apesar de a repercussão ter facetas contraditórias. Para alguns, foi descrita como o programa mais emocionante que já ouviram no rádio. Outros reagiram de maneira desdenhosa, julgando o enlace uma farsa, pois acreditavam que o dono do café enganava a *coitada da moça*. Há também os que juraram ter ouvido uma corrida de cavalos, pela entonação do locutor e pelos termos que utilizava na narração do casamento. Mas ficou a lição. Não há fórmula fixa – nem garantida – para agradar a audiência.

#### **14- Cavalaria Motorizada de Rosário do Sul**

O sucesso no início de carreira tornou ainda mais difícil o passo seguinte a ser dado pelo jovem astro dos microfones. Para prestar serviço militar, Eurides apresentou-se no quartel do Batalhão de Cavalaria Motorizada de Rosário do Sul, hoje 4º Regimento de Carros de Combate. Mais do que uma obrigação, entrar para o Exército foi também uma oportunidade de ascensão. O garoto que nunca tivera um documento ganha enfim sua identificação pessoal. Tudo, na época, foi resolvido com a simples declaração do próprio interessado. Assim, aos 18 anos, o menino do arroio Itapevi torna-se, oficialmente, Eurides Antunes Severo.

Agora era cumprir o serviço militar. Assim que foi aprovado na bateria de testes, todos de ordem física, a incorporação foi marcada para o dia 28 de março de 1951. A notícia repercutiu em forma de festa na casa da mãe, que cerca de 20 anos antes se apaixonara por um soldado da Brigada Militar. Desde a morte do marido, quando estava grávida de Eurides, Lahir acalentava o sonho de ver o primogênito seguindo os passos do pai. Quem sabe, finalmente, ela teria o que comemorar.

O deleite inicial de Eurides, no entanto, não tardou a dividir a cena com o desapontamento. Por um lado, o novo soldado “curtia” com os amigos, que quase invejavam o colega fardado, desfilando em traje de passeio ao som de um tango transmitido pelo Som Azul Estúdio. De outro, percebia o quanto serviço militar e atividade à paisana, como aquela exercida no rádio, seriam incompatíveis a curto prazo.

No quartel, a nova rotina era bastante exigente: levantar às seis da manhã, fazer exercícios puxados, arrumar o alojamento, o dormitório e as instalações sanitárias. Havia ainda serviço de plantão nos finais de semana, as atividades relativas à formação profissional do soldado, o curso de alfabetização e treinamentos, para quem almejasse uma promoção a cabo. E o menino do arroio Itapevi, naturalmente, queria.

Chegou o fim do ano. Eurides recebe a insígnia de cabo, que melhorava o *soldo* e dava direito a mandar nos soldados, além de aumentar o cartaz com as garotas, que passaram a ver no galã um forte indício de bom partido. Na solenidade de promoção, um dos momentos mais esperados foi o anúncio dos três cabos com as melhores notas, que a partir daí disputariam uma vaga para a Escola de Sargentos das Armas em Três Corações, no sul de Minas Gerais. A seleção seria feita em Santa Maria, espécie de capital da fronteira oeste do Rio Grande do Sul.

Antes das festas de Natal e Ano-novo, em 1951, o Cabo Eurides inunda de alegria o coração da mãe. O abraço cheio de saudades trouxe entrelaçada a notícia:

*“Mamãe, eu passei, eu vou pra Três Corações já em fevereiro do ano que vem.”*

Ao anúncio, se sobrepôs o silêncio. Mas, também, ninguém precisava dizer nada. As lágrimas e o carinho incontidos foram mais eloquentes do que qualquer outra manifestação possível.



## 15- Carreira militar em Três Corações

O fluxo da vida explode no ritmo de uma represa aberta. Tudo estava mudando com uma velocidade nunca vista nem imaginada: a rotina, a carreira, o futuro. Sair da sombra projetada na parede da caverna para a claridade da luz extrema, neste caso, mais ofusca do que facilita a visão. Como compreender o que influenciou tamanha mudança naquela vida enxuta de promessas? Por fim, havia adiante um caminho bem demarcado: o da carreira militar.

Mas, e as ilusões que serviram de consolo nas horas mais difíceis? Onde estavam? O gerador de energia que rodava sem parar no alto daquela torre? O aparelho receptor que se escondia numa caixa com formato de igrejinha? A Rádio Marajá e seus ouvintes? Os concertos na casa dos Bronfmann e no Clube Comercial? A poesia de Castro Alves que o empoagara tanto? A revolta ao perceber o racismo, ainda dominante na sociedade local? Onde ficara tudo isso? As dúvidas, para um sonhador irreversível, foram então alinhavadas com o fio revigorante da esperança:

*“Quem sabe um dia eu possa fazer as duas coisas?”*

Enquanto aguarda na estação ferroviária o *misto* que o levaria para as terras distantes das Minas Gerais, os pensamentos atropelam Eurides tal qual animais selvagens acudados em um curral. O barulho da locomotiva o trouxe de volta à realidade. Estava ali, enfim, o trem com destino ao futuro, onde, quem sabe, estaria a sua segurança e a felicidade da sua mãe.

São sete em ponto da manhã. O pesado comboio movimenta-se, rangendo as ferragens gastas e mal cuidadas. O trem deixa a pequena estação ferroviária de Rosário do Sul levando consigo a alma, o coração e a vida do outrora menino do arroio Itapevi. Pouco depois das oito, é tempo de escala na subestação da localidade de São Simão. Dona Lahir, faceira e emocionada, aguarda o filho abraçando duas sacolas. Chorando de alegria, entrega o enxoval que prometera ao seu *menino* quando recebera a notícia de que ele fora aprovado para estudar na Escola de Sargentos das Armas, privilégio reservado a apenas 500 brasileiros a cada início de ano.

Os sinos da estação ferroviária anunciam a partida. Após o encontro, com a emoção contida à força, o Cabo Eurides permite entregar-se, sem resistência. Como criança, chora e soluça, tomado por sentimentos volúveis como o vento. No peito, o medo do desconhecido confunde-se com a alegria de enfrentar desafios cada vez mais promissores.

A distância de Rosário no Sul, na fronteira gaúcha, a Três Corações, no sul de Minas Gerais, vai além da percepção do viajante. Naquele momento, ele ainda ignora o que para

muitos seria um impedimento decisivo: o percurso é feito a bordo de trens velhos, ultrapassados e ainda mistos, pois transportam pessoas, animais e cargas em vagões com pouca higiene e nenhuma privacidade. Serão três dias e três noites de viagem entre planícies recortadas por rios, vales e montes, descortinados da janela de um comboio que mais parece estático naquela paisagem sem fim.

Meio dia. A primeira parada é na gare de Santa Maria da Boca do Monte, o maior entroncamento rodo-ferroviário do Sul do país. O serviço de som da estação dá avisos de orientação aos passageiros, faz propaganda e toca as músicas mais populares da época, enquanto o Cabo Eurides revive os sons que o instigavam quando o singelo cata-vento, movimentado pela própria natureza, trazia energia para o rádio pioneiro na Capela do Saicã.

Na estação de Santa Maria, repete instintivamente a letra do tango que nunca foi capaz de esquecer. “Uno, busca lleno de esperanzas / el camino que los sueños / prometieron a sus ansias... Sabe que la lucha es cruel y es mucha, pero lucha y se desangra por la fe que lo empecina...”

## **16- Escola de Sargentos das Armas**

Verão de 1952. Na chegada a Três Corações, Minas Gerais, o corpo não disfarça a fadiga acumulada em quase dois mil quilômetros, percorridos num vagão de trem entre o tédio e a prostração. Sem pausa para banho, a monotonia só era quebrada pelas seguidas paradas do cargueiro, que serpenteava sobre os trilhos transportando gente, animais e mercadorias sem muita distinção entre as espécies. A primeira manhã no seu destino, em compensação, inunda a vista cansada com os reflexos dourados da caprichosa e verdejante topografia tricordiana.

Transferida do Rio de Janeiro para Minas Gerais em 1950, a Escola de Sargentos das Armas é conhecida na região pela sigla ESA. O impacto é imediato. O elo entre a ESA e a cidade é a praça central e a vitamina do seu Antoninho, um pequeno ponto de alimentação rápida, também no Centro. Tudo é novo, e os *marinheiros* de primeira viagem, vindos dos quatro cantos do país, com seus costumes, sotaques e sonhos tão distintos, logo descobrem ter o deslumbramento e um pouco mais em comum, em especial o cansaço, que se sobrepunha à curiosidade em torno da Escola:

*“Ah, um banho de chuveiro, com água corrente e uma toalha pra se enxugar!”*

A ducha, apropriadamente, foi o primeiro e grande presente oferecido pela caserna. No dia seguinte, o som da corneta anuncia o café da manhã. Os colegas, em torno de 500 *calouros*, se dirigem ao refeitório. Outro contingente, encarregado dos serviços, explica aos alunos onde encontrar o que necessitam para a sobrevivência diária. O Oficial de Dia e

o próprio Comandante da Escola dão as ordens, e a primeira é para entrar em forma. Além de receberem as boas-vindas, são apresentados às normas gerais de movimentação interna e à subdivisão dos alunos por arma: artilharia, cavalaria, engenharia e infantaria.

A recepção é conduzida pelo Oficial de Dia. A preleção é direta e objetiva:

- *A ESA é a nossa casa, e a cidade de Três Corações é a extensão de nossa família.*

Além das folgas semanais, os alunos tinham direito a sair do *campus* da escola, de segunda a sexta, das 17 às 18h. Além disso, como a chegada à cidade coincidiu com o Carnaval, foi anunciada uma regalia:

- *Há clubes em Três Corações que recebem nossos alunos, desde que retirem os convites com antecedência.*

Para Eurides, foi uma surpresa.

*“Opa! Parece que o bicho não é tão feio na ESA como nos quartéis”,* avaliou, precocemente.

Entre as recomendações, uma soou especial:

*“O comportamento de cada um é que define sua posição no grupo.”*

No final da tarde, não foi necessária nenhuma combinação formal. Às 17h15, um grande contingente de recém-chegados posta-se na fila da vitamina do seu Antoninho, a meia quadra da praça central. Três portas, um balcão e três atendentes – o seu Antoninho e dois auxiliares. Os fregueses, centenas, mais de 300 aparentemente, pareciam cardumes de lambaris esfomeados. O atendimento ia devagar. Cada um pedia a vitamina que queria, o auxiliar preparava, seu Antoninho anotava o nome do freguês e o consumo de cada um e cuidava da cobrança na saída.

Sexta-feira de Carnaval, 10 da noite. Ao exibir o convite de *forasteiro* ao porteiro do clube, o cabo gaúcho nem imaginava o impacto que teria. Logo na entrada, o visitante se surpreende com a quantidade de negros e mulatos presentes na festa. Na preconceituosa Rosário, o destino das classes sociais era muito bem dividido: os comerciantes e as famílias tradicionais iam ao Clube Comercial; a classe média, comerciários, ou caixeiros como eram tratados, frequentavam o Caixeiral; e os negros se divertiam no Navegante. Tudo era de tal forma estigmatizado nos anos 50 que branco não entrava em clube de negro, e vice-versa. Naturalmente, também chama a atenção do visitante a ZYK-6, Rádio Clube de Três Corações que transmite a folia mineira ao vivo.

## **17- Presidente do Grêmio da ESA**

Para o Cabo Eurides, Três Corações é mais do que a Escola de Sargentos das Armas e a vitamina do seu Antoninho, pai da Nazaré. Aquela sociedade mais cosmopolita e menos discriminatória, o que particularmente lhe agradava muito, também o atrai por ser a sede da Rádio Clube, fundada em 1947, quando o tricordiano Pelé ainda era um menino de sete anos.

No campo da rotina, o craque em carisma logo se vê capaz de dominar o jogo. Eurides recebe a notícia de que a Engenharia, assim como os demais cursos da ESA, tem um Grêmio de alunos e deve escolher seu presidente. Em uma semana, o Cabo Eurides, agora conhecido como o Cabo 118, marca seu primeiro gol de placa no sul de Minas Gerais: apesar da forte concorrência, foi eleito e empossado. Mas isso era só o começo.

A poeira do pleito mal assentou e outra vaga já o seduz. Como de praxe, deveria ser eleito o presidente do Grêmio da Escola, que nesse caso representaria todos os alunos. Com menos de um mês de convivência com gente proveniente de todo o país, o 118 é eleito para “representar os interesses dos alunos junto ao Comando da ESA e responder pelas relações com a cidade de Três Corações”.

Uma das primeiras ações do novo presidente foi *negociar* com seu Antoninho para acelerar o atendimento aos alunos no estreito horário de folga. A proposta para simplificar a operação foi ousada e inovadora, e estabelecia uma relação de confiança até hoje pouco usual no Brasil. Os preços das vitaminas e salgadinhos seriam afixados em cartazes bem visíveis. Assim que terminassem de se servir, os alunos, por conta própria, anotariam a despesa nos cadernos pendurados na entrada.

Liberado da função administrativa, seu Antoninho ajudaria no preparo das vitaminas. O ganho de produção seria de 30%, e como a média passaria de 200 para 260 atendimentos naquele período, o índice de satisfação também cresceria consideravelmente. A proposta foi aceita e implantada. Um pacto não escrito, mas consentido, contribuiu para o êxito da empreitada: se alguém observasse um aluno tirando proveito, *esquecendo* de anotar a despesa, deveria chamar o colega ou denunciar a situação.

*- A vitamina do seu Antoninho é um oásis, uma fonte de alimentação saudável e saborosa que não encontra similar na cantina da escola. Então, cada aluno deve ser o seu fiscal e fiscalizar o colega, proclamava o dono da ideia.*

O sucesso de público e crítica se confirmou no caixa, quando o seu Antoninho comparava o consumo com as anotações da clientela. Mais do que comprovar a lealdade da rapaziada, a iniciativa revelava o talento empreendedor do menino criado na roça, líder nato entre os militares, que exatos 10 anos mais tarde voltaria a golpear o destino, fundando a agência A.S. Propague.

## **18- No comando do show de calouros**

Por mais que sonhasse em voltar ao rádio, o presidente do Grêmio da ESA não imaginava que o microfone, por obra e graça do imponderável, cruzaria tão em breve seu caminho. Para se integrar à comunidade, a ESA iniciara, em 1951, um programa de auditório transmitido aos sábados pela ZYK-6 Rádio Clube de Três Corações. O show de calouros, com a participação de alunos e de músicos do *cast* da emissora, deveria ter continuidade, e o primeiro nome lembrado para assumir o comando do programa foi, como fica fácil suspeitar, o do Cabo 118.

Durante uma hora, cantores, locutores, instrumentistas, imitadores e comediantes se revezavam com suas performances ao vivo. A rapaziada aproveitava. Além de exercitar a descontração, os alunos ainda tinham a chance de conviver, aos sábados, com as garotas da cidade. O auditório, sempre lotado, projetou o *status* do apresentador para além dos muros da ESA. No *footing* da praça, o presidente do Grêmio, de olhos azuis e voz famosa, destacava-se entre os colegas.

A origem simples, a infância difícil, a falta de berço e ausência de identidade até os 18 anos não o impediram de conquistar a garota mais cobiçada do pedaço. Nazaré, a filha do seu Antoninho, não resistiu aos inibidos galanteios do inexperiente conquistador. Àquela altura, o Cabo 118 nem imaginava que, entre as jovens da cidade, era conhecido como Flash, em alusão ao cinematográfico personagem do seriado Flash Gordon do Planeta Mongo. Sua semelhança, diziam, era grande com o ator Larry *Buster* Crabbe, que protagonizava a série exibida aos domingos.

A notoriedade logo provocou resultados inesperados no âmbito da Escola. Os responsáveis pela disciplina na ESA redobram a vigilância sobre o cabo, temendo que seu prestígio repercutisse em benefícios reais ou imaginários, o que não seria tolerado na tropa. Ao se destacar por seu conhecimento e carisma, o Cabo 118 passou a ser motivo de observação permanente, como se representasse perigo à imagem da corporação.

Em decorrência dessa vigilância, foi penalizado para dar serviço justamente quando haveria uma festa na cidade. O motivo alegado era *o não cumprimento dos serviços de limpeza das instalações sanitárias conforme as normas da companhia*. O fato, no entanto, mais do que mudar os planos para aquele fim de semana, alterou definitivamente o destino da sua carreira militar.

## **19- Greve de fome e perda de privilégios**

Era sábado, por volta das quatro da tarde. Na ronda, durante o serviço de guarda, o Cabo 118 se encontrou com um oficial da escola que logo demonstrou sua surpresa:

- *Ué, você de serviço hoje?*
- *Pois é, foi a resposta, meio sem jeito.*
- *E você não pensou em trocar o serviço com um colega?,* sugeriu, amistosamente.

Isso era possível e acontecia com regularidade. Apenas um detalhe não fora considerado: a troca de serviço é permitida desde que não se trate de um serviço para cumprimento de punição disciplinar. Impensadamente, seduzido pela dica do oficial, o cabo dirigiu-se ao alojamento. Em 10 minutos, saía portão afora, enquanto um colega assumia a ronda.

Na segunda-feira, quando o tenente Comandante da Companhia soube do ocorrido, imediatamente *deu parte* ao Comando da Escola, atribuindo-lhe a pena máxima para o tipo de infração: detenção por quatro dias. Quer dizer, cadeia. A medida, radical, explodiu como um choque.

Tentando compreender o *thriller* policial em que se envolvera, Eurides projetou na prisão o filme da sua vida, com direito a *zoom* nos capítulos recentes: a saída de Rosário, o encontro com a mãe na estação de São Simão, a viagem para Três Corações, a nova realidade, a vida na Escola, a liderança entre os colegas, o programa de auditório, a namorada, as notas que catapultavam seu nome ao alto da lista na classificação final, e agora a detenção. Preso e humilhado, considerava a pena uma desonra.

Perturbado pela avalanche de sentimentos, o líder nato aposta em um ato *heróico*: rejeita a alimentação para demonstrar a injustiça daquela punição. A atitude é considerada um confronto à ordem hierárquica, o que é grave no âmbito militar. O cabo é punido com mais quatro dias de detenção, por insubordinação.

Inconformado e desorientado, Eurides não se rende. Mantém a greve de fome e recebe, como pena, mais quatro dias de reclusão. Para piorar, informam ao transgressor que se não mudar a conduta será enquadrado na condição de Mau Comportamento. O setor de relacionamento interno da Escola então intervém. Encaminhado ao serviço médico da corporação, o atendimento que recebe é providencial. Após os exames preliminares, o clínico-geral anuncia o diagnóstico:

- *Esses acontecimentos estão sendo muito desgastantes. Você desenvolveu uma crise brônquica que precisa ser tratada imediatamente. Vou encaminhá-lo para internamento no Hospital Central do Exército no Rio de Janeiro. Em 15 ou 20 dias, você deverá ter alta. Enquanto isso, o pessoal da Companhia vai providenciar a sua documentação com a indicação dos lugares onde poderá continuar o serviço militar.*

Incrédulo, o Cabo Eurides custa a absorver o impacto daquela notícia. Enquadrando-se na categoria de Mau Comportamento, ele perde mais do que a chance de frequentar a ESA. A partir de agora nem as boas notas acumuladas seriam suficientes para assegurar seu progresso na carreira militar.

## **20- Batalhão Rodoferroviário em Lages**

Perder o curso, a promoção e o reconhecimento pelo trabalho realizado exigiu uma dose extra de resignação daquele veterano em superação. Na cerimônia de encerramento do ano letivo, o Cabo 118 nem ao menos foi mencionado, apesar de toda a liderança que exercera sobre a tropa. Enquanto a mágoa e a tristeza latejam, ao menos a revolta ele consegue disfarçar. Esconde no peito, onde a infância de privações cimentou uma crosta de conformismo e aceitação.

Encerradas as formalidades, cada sargento voltaria para casa, a fim de aproveitar as festas de fim de ano antes de seguir para a nova unidade de trabalho, em algum quartel do Brasil.

- *Você pode escolher onde quer completar o tempo de engajamento nas Forças Armadas.*
- *Quero voltar para o sul, mas não para o Rio Grande. Onde fica a unidade de engenharia mais próxima da fronteira gaúcha?*
- *Lages, Santa Catarina. Você pode ser transferido para o 2º Batalhão Rodoferroviário.*
- *É pra lá que quero ir.*

Definida a documentação necessária, era hora de cuidar da saúde no Rio de Janeiro. Debelada a crise de bronquite, estabilizada a angústia, em janeiro de 1953 o Cabo 118 volta a ser Cabo Eurides. O trem, lento e resfolegante, tem como destino os campos de Lages, na serra catarinense. Sua nova morada é o contingente do Batalhão de Engenharia, que na época dedicava-se à implantação de uma ferrovia.

Como havia concluído a formação de sargento, apesar de manter o título de Cabo, Eurides é destacado para prestar serviço em Rio Negro, na divisa de Santa Catarina com o Paraná. Na cidade pequena logo conquista um círculo de amizades, dentro e fora do quartel. Entre os novos conhecidos está Sansores França, um dos locutores da ZYG-9 Rádio Rio Negro. O interesse em comum pelo rádio alicerça uma amizade com implicações definitivas em sua vida. Fascinado pela rotina do amigo, o locutor por vocação decide, corajosamente, trocar o futuro previsível no Exército pelas nuances e surpresas de uma carreira no rádio.

Encerradas as atividades no Batalhão de Rio Negro, o Cabo Eurides volta para Lages. Decidido a dar baixa do Exército, enfrenta os percalços da burocracia oficial até conseguir desligar-se do serviço militar, no dia 6 de julho de 1953. Em agosto, o talento fala mais alto do que qualquer outra voz. Um mês após deixar o Batalhão, Eurides já é locutor na Rádio Rio Negro, onde após quatro meses de experiência tem a chance de assinar seu primeiro contrato de trabalho profissional.

## **21- Rádio Rio Negro/PR**

O sonho ganha a sintonia do desafio. O romantismo do artista, de uma vida entre auditórios, depara-se com questões técnicas, éticas e de conduta profissional. No alto-falante da consciência, em vez de música, ecoam o trabalho e a dedicação necessários para a construção de uma carreira de radialista.

A casa de alvenaria de um só pavimento era ao mesmo tempo a sede da Rádio Rio Negro, a residência do gerente Hugo von Linsengen e, a partir de agora, o lar de Eurides, que passou a ser hóspede permanente do amigo locutor. A sala de visitas já havia sido transformada em estúdio, ao ganhar uma mesa de locução, uma cadeira, o microfone equilibrado em um pequeno pedestal e uma caixinha de textos. Para garantir o tratamento acústico, as paredes eram revestidas de Eucatex.

Entre o locutor e o operador de som ficava a claraboia, uma janela com vidro duplo para evitar microfonia e os ruídos comuns da operação de áudio. Nessa saleta menor, a mesa de som – um console com os comandos, visores e monitoramento da transmissão – e dois pratos para rodar os discos de 78 RPM, antecessores do vinil, compartilhavam a parede da claraboia. São dez para as oito da noite. Ali, sozinho no estúdio, está o mais novo locutor da emissora. Com 22 anos, 1m75cm, 75 quilos, cabelos castanhos encrespados, olhos azuis arregalados de medo.

O estreante está gelado. Mal consegue respirar. A mente gira veloz com as cenas da infância paupérrima na campanha gaúcha, a casa da Capela com o cata-vento, o assombro do rádio falando *castelhano*, a aventura de ir para a cidade, o serviço de alto-falantes de Rosário do Sul, os amigos com quem aprendera a ler, o fim do serviço militar, o começo de uma nova jornada. O que diriam a mãe, a família e os amigos de Rosário?, interrogava-se o eterno menino do arroio Itapevi.

O som da campanha acionada pelo colega da técnica ecoa como um jato d'água fria. Estava terminando o intervalo musical. Era véspera do seu aniversário; hora da estreia. Apanhado de surpresa pelo sinal, o novo locutor procura coragem no colega do outro lado da claraboia, mas só vislumbra uma sombra levemente iluminada. Parecia pouco, mas foi suficiente. Agora ele sabe: a parede de vidro que os separa também os une. Na caixinha de luz sobre o vidro da claraboia, um clarão avermelhado destaca as palavras mágicas que lhe fariam companhia pela vida afora: *No ar!*

O impacto do letreiro funciona como estabilizador. Traz à memória do principiante as experiências já (a)provadas no Som Azul Estúdio, na Rádio Marajá e na Rádio Clube de Três Corações. Eurides, que abre mão do primeiro nome e elege como nome artístico o sobrenome do pai e o da mãe – nesta ordem, conforme registrado –, respira fundo, sorri para o colega de trabalho que aguarda paciente e fala ao microfone:

*“Senhoras e senhores ouvintes, boa noite. Hoje é dia primeiro de agosto de 1953, sábado. São vinte horas pontualmente. Esta é a ZYG-9 Rádio Rio Negro, uma estação da Rede Paranaense de Emissoras que transmite em 970 quilociclos com 250 watts de potência, da*



*cidade de Rio Negro, Paraná. Meu nome é Antunes Severo e eu estou iniciando minhas atividades nesta emissora. O operador de som do horário é o colega Mário Francisco dos Santos. Nossa programação desta noite começa com uma seleção de música popular brasileira e internacional. Ouviremos a seguir Nelson Gonçalves, interpretando o samba-canção de Lupicínio Rodrigues e Alcides Gonçalves, Quem há de dizer, e na voz de Libertad Lamarque o tango Uno de Enrique Santos Discepolo e Mariano Mores”.*

## **22- Enfim, Antunes Severo**

Para Antunes Severo, a estreia ao microfone da ZYG-9 Rádio Rio Negro marcou o fim dos dias de Mozinho, de menino do arroio Itapevi, de Cabo 118 ou Cabo Eurides. Com o tanque de combustível da disposição lotado, ele deixava a ambição acelerar. Planejava trabalhar numa emissora de ondas médias e curtas que fosse ouvida em todo o Brasil. Ele queria, ele sentia que precisava ser ouvido em sua terra natal.

*- Eu vou fazer todo o possível. Eu tenho que me preparar pra trabalhar em Curitiba.*

A bela Rio Negro, sua gente amável, os companheiros de trabalho e até as namoradas, por mais queridos que fossem, eram coadjuvantes nesse episódio. O novo profissional se concentrava no trabalho enquanto pensava no passo seguinte. Caprichava nas atividades de locução e logo passou a produzir e apresentar programas musicais de estúdio. Com o locutor-chefe, Sansores França, também participava das primeiras transmissões externas da emissora.

Para que tudo desse certo, pegava no pesado. Diante da precariedade dos recursos tecnológicos, colocava a mão na massa, ou melhor, em centenas de metros de fios e cabos necessários para a transmissão de uma partida de futebol, como ocorreu na primeira externa da ZYG-9. Em campo, as equipes do Mafra e do Rio Negro. Fora do campo, em torno das quatro linhas, nem um caixote onde se sentar. Mas a falta de estádio e de condições não impedia que Antunes Severo e Sansores França, sob o olhar desconfiado de uns 10 torcedores céticos, dessem a largada histórica para as reportagens esportivas na Rádio Rio Negro.

Outra aventura pioneira foi a transmissão de uma prova de ciclismo, realizada anualmente em Rio Negro. Os recursos técnicos da emissora só permitiam a instalação de postos de transmissão onde houvesse energia elétrica e linha telefônica para ligar a maleta de amplificação. No posto da marquise do cinema, por exemplo, seria possível narrar a largada e a chegada da prova, mas e todo o resto do percurso?

A saída foi conseguir um grupo de jovens colaboradores que, posicionados em vários trechos ao longo da Volta Ciclística, telefonavam para o estúdio da rádio dando o número dos atletas. As informações eram sumárias, limitando-se a registrar a passagem dos

competidores. Todavia, mais que precisão jornalística, o importante era marcar presença na transmissão do evento. Assim, aos poucos, Antunes Severo fortalecia os laços com a cidade e seus habitantes. E sua turma fez história...

Semana Santa, em cidade do interior, nos anos 1950, costumava ser promessa de tédio para quem não é cristão. Na Sexta-feira da Paixão fecham os bares, a rádio não funciona, o cinema exhibe filme religioso e as garotas não saem de casa. A falta de programa trouxe a *inspiração* salvadora a um componente da turma que o radialista frequentava.

- *O Danilo tem um caminhão e eu tive uma ideia legal. Vamos fazer um troca-troca de móveis entre Rio Negro e Mafra.*

As cidades, embora em estados diferentes, são separadas apenas por um rio, e têm costumes bem semelhantes. Naquela doce época, as residências, em sua maioria, mantinham cadeiras, redes e espreguiçadeiras na varanda e ninguém usava chaves nos portões. Pois dito e feito. A madrugada foi dedicada a encher o caminhão numa cidade e descarregar na outra, até que o sábado amanheceu com o maior alvoroço. Inicialmente, imaginavam tratar-se de roubo. Mas aos poucos, à medida que as famílias localizavam seus móveis em outros endereços, compreenderam – e perdoaram – a *pegadinha* irresponsável.

### **23- Acampado na Rádio Marumby**

De Rio Negro ficaram a saudade e os amigos conquistados. Na rádio, o gerente, Hugo von Linsengen; o chefe de locutores, Sansores França, e os colegas da técnica. Na cidade, a família Nadrowski, em particular a Irene, promovida por Antunes Severo a eterna *irmã querida*. E as namoradas. Mas sobre elas... melhor nem falar! O próximo capítulo exigia desapego. Mais do que um recomeço, a mudança para Curitiba era o estágio necessário para aproximá-lo do objetivo: uma emissora famosa, ouvida em todo o país. Para chegar lá, valeria qualquer sacrifício.

Determinado a se transferir para a capital paranaense, o jovem comunicador faz amizade com o experiente locutor e produtor de comerciais Sech Júnior, que se dividia entre Curitiba e sua cidade natal, Rio Negro. Além de fazer corretagem de propaganda, Sech trabalhava na Rádio Marumby, pequena emissora do município de Campo Largo, que operava com estúdios numa das principais artérias curitibanas, a Rua XV de Novembro, fazendo concorrência à poderosa PRB-2, primeira emissora do estado e terceira do Brasil. Ao perceber o quanto a agência, que produz *spots e jingles* para diversos clientes, exigia de Sech, Antunes Severo faz a proposta:

- *Sech, se você quiser se dedicar mais ao seu negócio, posso trabalhar em Curitiba no seu lugar e até ajudar você, gravando comerciais pra sua empresa.*

Sech não apenas concorda como programa férias para a semana seguinte, anunciando ao amigo que a vaga é dele, desde que se acerte com a rádio. Com total interesse, Antunes Severo já sondara que a emissora fazia um rádio dinâmico. Tinha programação de auditório, radioteatro e muita atuação noticiosa, veiculando principalmente reportagens externas. Outra autêntica novidade era a participação dos repórteres por telefone, ação até então impensada numa emissora tradicional como a PRB-2, Rádio Clube Paranaense.

Mal recebeu sinal verde e o comunicador com voz de peso e pés de pluma vai ao encontro de Sansores França, para que juntos negociem o aviso prévio. O gerente foi compreensivo e facilitou a liberação do antigo inquilino, que três dias depois chegava a Curitiba. Contrastando com a mala, pequena, carregava no elevador da rádio um coração gigante, lotado de vontade e confiança.

Radialista sempre ganhou mal. E os principiantes, pior ainda. Sem condições de pagar uma pensão de imediato, Antunes Severo apelou para uma proposta, no mínimo, ousada: dormir na própria rádio. Sorte que, por ter boas referências e pela impressão que causara, foi autorizado a usar uma das salas da central técnica, onde poderia morar até receber o primeiro salário. Sem aposentos nem cama, o hóspede improvisou um saco de dormir, estendendo dois cobertores na sala onde ficavam os equipamentos que processavam e enviavam os sinais de áudio para o transmissor, situado a uns 50 km, no município de Campo Largo. Era inverno e a precariedade representava uma vantagem: os aparelhos ligados 24 horas ajudavam a aquecer o ambiente.

Novato na casa, começou fazendo os primeiros horários da manhã. Cabia aos locutores que madrugavam, entre outras tarefas, cobrir as ocorrências policiais da noite, o que eles conseguiam mantendo contato por telefone com a delegacia de plantão. O aprendizado dos *calouros* incluía o registro de pequenas ocorrências de rua, utilizando um gravador que precisava de duas pessoas para ser carregado. E foi com uma atuação *in loco* que Antunes Severo estreou como repórter da Marumby de forma inesquecível.

Da pauta, sabia que o motorista perdera o controle e o ônibus só parou quando bateu num poste, quase subindo a calçada. Inexperiente, o repórter culpa a velocidade em excesso pelo acidente ocorrido próximo à sede da rádio, na Rua XV de Novembro. Mal a matéria vai ao ar, um dos diretores da empresa de ônibus tenta tirar satisfações do proprietário da emissora, Bilu Macedo, que contorna o ocorrido. Depois, com seu jeito bonachão, chama o colaborador e ensina em tom de gozação:

*- Aprende, garoto, essas latas velhas mal conseguem chegar aos 40 km por hora.*

A essas alturas, o jovem radialista já aprendera que para vencer não bastava ter conhecimento. Também era preciso prontidão. Por isso, dormia ouvindo a Rádio Nacional do Rio de Janeiro. Instalada na sede do governo federal, ela era a principal fonte de notícias para as demais emissoras do país. Foi assim que, na manhã de 24 para 25 de

agosto de 1954 Antunes Severo acorda ao som do prefixo do Repórter Esso, o noticioso mais conhecido do Brasil. Antes de muitos de seus colegas, no Paraná e em outros estados, ouve o locutor Heron Domingues dizer emocionado, preciso e seguro:

*- Atenção! Atenção! O presidente Getúlio Vargas foi encontrado morto em seus aposentos com um tiro no peito.*

## **24- Morre o presidente**

Levada ao ar inicialmente pela Rádio Nacional do Rio de Janeiro, a notícia da morte do presidente Vargas correu o país como a chispa de um raio. Tinha o efeito de uma convulsão despropositada, capaz de emocionar do político no Congresso Nacional ao pacato homem do campo, que mal sabia o que dizer à mulher e aos filhos. Em Curitiba, o impacto não foi diferente.

Na época – como registrou o então gerente Ubiratan Lustosa no livro “O Rádio do Paraná” – a Marumby era formada por experimentados profissionais, como Herrera Filho, Nicolau Nader, Waldemar Haquime, Vicente Mickosz e João Lídio Seiler Bettega. Equipe que com os recém-contratados Regina Célia, Carlos Nogueira, Sílvia Loretti, Norberto Castilho, Léo Becker, Souza Miranda e o novato Antunes Severo, mais os operadores de som e o pessoal da área técnica, chegava a 25 profissionais formando o time da *Emissora das grandes iniciativas*. Sempre que necessário, a equipe trabalhava de forma integrada para cobrir acontecimentos sociais, esportivos ou urbanos, como um incêndio ou acidente de trânsito.

Entusiasmada com a repercussão da cobertura jornalística dada ao suicídio de Vargas, a direção da Marumby ousa de novo. Busca temas incomuns e os transforma em reportagens ou, mais ainda, séries de sucesso. As novidades incluíam a transmissão de trechos de espetáculos circenses e shows com cantores famosos. Nessa leva de jornalismo embrionário, Antunes Severo chama a atenção, com participações ao vivo da casa de uma menina que dizia ver a imagem da mãe de Jesus projetada na janela do seu quarto. Além da série cheia de mistérios, que mobilizou grande parte da cidade, o ex-militar também se destacou na rádio, justamente, à custa de um militar.

Embora beirando os 200 mil habitantes, a Curitiba de 1954 sempre fora dirigida por prefeitos ou funcionários designados pelo governo do Estado, nunca por alguém eleito pelo voto direto da população. Pela primeira vez cinco candidatos disputavam a chefia do Executivo: quatro representando partidos tradicionais e um sem partido, o major Ney Braga. O momento era histórico e a Rádio Marumby soube aproveitar a oportunidade escalando dois jovens para realizar uma série inédita de reportagens externas. A tarefa

coube a Antunes Severo, repórter, e Osni Bermudes<sup>2</sup>, sonoplasta e técnico em gravação de áudio.

Eles deveriam gravar rápidas entrevistas, identificando a preferência do eleitor, nos pontos de maior aglomeração: praças, feiras, terminais de ônibus, postos de saúde, filas em hospitais e outros serviços públicos. A reportagem, com 15 minutos de duração, incluía uma enquete com em média 50 pessoas por edição. O programa foi ao ar na primeira semana de agosto, quando o tema eleição mal mobilizava as lideranças e articuladores políticos. A população e os ouvintes pouco ou nada sabiam do que se passava. Por isso a tarefa, além de pioneira, era também missionária.

O programa ia ao ar no período da tarde, quando predominava o público feminino, composto por donas-de-casa e empregadas. Depois vinha a audiência de operários da construção civil, motoristas de taxi e frequentadores de lugares públicos, como bares, armazéns e pequenas feiras de bairro. A repercussão era modesta até que começaram a aparecer os primeiros resultados e, dentre esses, nomes sem nenhuma tradição política. O trabalho ganha corpo quando, dentro da própria emissora, surgem questionamentos da validade e da credibilidade desse tipo de abordagem. No embalo, a inexperiência dos responsáveis pela enquete acaba no banco dos réus:

*- Como dois jovens ingênuos, que praticamente nada conhecem da vida política, podem conduzir com isenção um trabalho dessa natureza?*

Em meados de setembro, os comentários sobre a prévia eleitoral da Rádio Marumby ultrapassaram os limites do ambiente radiofônico. O Diário do Paraná, um dos principais jornais da cidade, que pertencia aos Diários e Emissoras Associados, não só registrou a enquete como também divulgou os resultados do programa, que apontavam o favoritismo do candidato Ney Braga.

A repercussão foi imediata e fulminante. O major Ney Braga, apesar de militar respeitado, era desconhecido nos meios políticos da Capital. As lideranças tradicionais que dominavam os pleitos eleitorais não se conformavam. Representantes dos vários candidatos procuraram o diretor da Marumby, manifestando dúvidas quanto à lisura da enquete. Tobias de Macedo Júnior, diretor da emissora, chama os repórteres. Destaca os vínculos que a rádio mantém no meio político e insinua que deve haver moderação. Antunes Severo não se retrai. Defende a seriedade com que o trabalho vinha sendo feito e insiste que a enquete deve continuar.

Os dois, repórter e operador de gravação, estavam convictos da sua imparcialidade na condução do trabalho nas ruas. Era setembro, as eleições seriam no mês seguinte e quem liderava as indicações de voto era o major Ney Braga. Sem currículo político, o militar concorria com uma sigla emprestada do Partido Social Progressista. Na época, não havia

---

<sup>2</sup> Osni Bermudes chegou a gerente da Rádio Marumby e foi um dos primeiros diretores de produção da TV Paranaense, canal 12.

nenhuma legislação que disciplinasse a divulgação de prévias, e a Marumby, por decisão própria, apresentou as enquetes até 48 horas antes da eleição.

No dia 3 de outubro de 1954, pela primeira vez, os curitibanos foram às urnas eleger seu prefeito. A apuração dos resultados, além de morosa, era cheia de mistérios para o grande público. Surpreendentemente, em uma semana, o Tribunal Regional Eleitoral divulgou os primeiros resultados indicando a liderança do major Ney Braga. Poucos dias depois viria o resultado oficial: Ney Aminthas de Barros Braga vencia com 28,7% dos votos válidos, o que representava quase o dobro da média de votos dos quatro políticos que disputavam a prefeitura. A margem de votos e a classificação dos candidatos eram praticamente as mesmas apontadas pela enquete da Rádio Marumby. A credibilidade dos dois radialistas, que nem jornalistas eram, abriu para ambos um atalho rumo a conquistas ainda maiores.

## **25- Rádio Clube Paranaense**

Na década de 1950, como outras capitais brasileiras, Curitiba respirava os primeiros ares cosmopolitas. Com centros educacionais de primeira linha, inclusive com universidade federal, uma população de origem europeia culturalmente desenvolvida, economia pujante e um invejável planejamento urbano, a cidade pecava apenas pela forma emperrada de sua administração pública. Não se tratava de falta de vontade nem de talentos, mas das limitações impostas por um sistema antiquado, quase monárquico.

A eleição de um prefeito desvinculado dos entraves da administração convencional trazia uma aura de liberdade, estimulando a renovação e a ousadia. Além do lastro profissional enriquecido pela vida militar, o novo prefeito também se destacava pela notória cultura geral e humanística. Para Antunes Severo, a efervescência da cidade funcionou como trampolim. A experiência acumulada em quase um ano na Rádio Marumby o motivou a buscar uma emissora de grande potência, capaz de tornar seu sonho possível: ser ouvido na casa da mãe, em Rosário do Sul, onde vivia a família que ele deixara exultante ao perseguir a ilusória e interrompida carreira militar.

Sem hesitar, solicita demissão da Rádio Marumby. O salto seria arriscado, mas a confiança dava o impulso necessário. Um mês depois, em junho de 1955, era contratado pela Rádio Clube Paranaense. Locutor comercial, noticiarista, apresentador de programas de auditório, narrador de novelas e radioator, Antunes Severo encontrou ali não apenas uma oportunidade para mostrar sua faceta multimídia, mas também a chance de usufruir o contato com os fãs e admiradores que passou a acumular.

As exigências do novo emprego não o impediram de atuar numa dimensão ainda maior, em âmbito institucional. Com o apoio dos amigos deixados na Rádio Marumby e dos novos colegas da Rádio Clube, aderiu ao movimento pela criação de uma entidade profissional em defesa da classe dos radialistas. Na primeira gestão da Associação

Paranaense de Rádio, ocupou o posto de secretário geral ao lado do presidente Sérgio Fraga<sup>3</sup>, seu colega de emissora.

## **26- Melhor Animador do Rádio**

No rádio, a voz da vocação continuou falando alto. Além de ser eleito o melhor animador da Rádio Clube Paranaense, no mesmo ano de 1956 foi escolhido Melhor Animador de Rádio do Paraná. As sucessivas conquistas profissionais, no entanto, em vez de frearem sua inquietação, davam margem a novos planos e contornos mais longos à já audaciosa linha da ambição.

O radialista notívago só saía da emissora pela meia-noite, quando encerrava o expediente geral. Às vezes, procurava os colegas para jogar conversa fora, tomar um trago e esticar em alguma boate. Em outras, preferia a companhia de Edwin Scott Balster, na época operador de som na Rádio Tingui, que também pertencia ao grupo empresarial da Rádio Clube Paranaense. As duas emissoras funcionavam no mesmo prédio, na Rua Barão do Rio Branco, quase esquina com a XV de Novembro, no centro de Curitiba.

Era bater a meia-noite e Antunes Severo ia ao encontro do amigo, que o esperava com o chimarrão quentinho na rádio onde a transmissão só terminava uma hora mais tarde. Juntos, jantavam um cardápio peculiar: bife acebolado mal passado, acompanhado por uma caneca de café com leite e uma dose de conhaque. A conversa, geralmente, se estendia até as três da madrugada, quando caía a típica chuva, fria e fininha, da noite curitibana. Os assuntos eram quase tão inusitados quanto o menu da dupla: do penteado da colega de emissora ao repertório da Orquestra Sinfônica, que se preparava para tocar no imponente palco em construção do Teatro Guaíra.

## **27- Rádio Diário da Manhã**

- *Vamos para Florianópolis?*

A pergunta veio despreziosa entre um trago de conhaque e uma baforada de cigarro, depois de horas de conversa jogada fora. Na parede vermelha do bar, no calendário meio amarelado mal se podia ver a data: 17/10/1956 – Quarta-feira.

- *Edwin Scott Balster*, repetiu o amigo, impondo à pergunta um certo tom de mistério, *vamos embora pra Santa Catarina?*

Edwin, calmo como sempre – quando sóbrio – limitou-se a perguntar: *pra onde?*

---

<sup>3</sup> Locutor, produtor e apresentador de programas de auditório na Rádio Clube Paranaense.

- *Pra Florianópolis, conheces?*

Não, ninguém conhecia a Capital catarinense. Somando a experiência dos dois, daria no máximo um pouco do Planalto e um pedaço do Norte.

- *E o que é que nós vamos fazer lá?*

Era a pergunta que o amigo esperava. Nos encontros quase diários, os dois bebiam, fumavam e filosofavam. Nômades por natureza, os radialistas pareciam estar sempre em busca de algo inesperado: uma nova emoção, uma aventura diferente, um desafio apaixonado. Naquela noite, depois de repassar os acontecimentos do dia e mais alguns flertes ocasionais, entra na conversa o sucesso que vem fazendo a até então quase desconhecida Rádio Diário da Manhã, de Florianópolis.

- *Vamos trabalhar lá, na rádio que tem uma onda curta de 31 metros tão forte que chega derrubando poste em todo o Brasil.*

Dos comentários ouvidos sobre a emissora catarinense, impressionava a qualidade do sinal e o estilo leve e dinâmico da programação. Nenhum dos dois conhecia Florianópolis, não sabiam nada da cidade, mas em vez de intimidá-los, o desconhecido os seduzia. Às quatro da madrugada, num bar da Rua XV, recarregaram as baterias com conhaque, pinga com fatias de limão e uma decisão definitiva.

- *Estamos nos mudando pra Florianópolis, pois lá está o nosso futuro!*

Foi assim que o nobre inglês, nascido em Curitiba e criado no povoado de Três Barras, em Santa Catarina, e o outrora menino do arroio Itapevi, oriundo das encostas da Serra do Caverá, na fronteira oeste do Rio Grande, pegaram a estrada a caminho do *pedaço de terra perdido no mar* onde encontrariam uma vida plena de oportunidades.

## **28- A Ilha de Santa Catarina**

Antes da retirada era necessário pedir demissão, tentar contato – de preferência com a ajuda de um conhecido – com o diretor da emissora catarinense, comprar as passagens e juntar *a tralha*. Embora simples, o plano exigia tato e capacidade de persuasão, principalmente da parte de Antunes Severo, pois apesar do pouco tempo na PRB-2, já era uma das estrelas da emissora, inclusive com o título de Melhor Animador de Rádio do Paraná. Para Edwin, o trabalho nos bastidores, ou na *cozinha* como se diz em jargão jornalístico, facilitava a saída, ainda que fosse um excelente sonoplasta.



As negociações com a direção das emissoras onde trabalhavam duraram três dias e foram a parte mais delicada do processo. Simultaneamente, eles buscavam acesso à cúpula da emissora catarinense. Descobriram, por exemplo, que o locutor Souza Miranda<sup>4</sup>, da Rádio Cultura de Curitiba, conhecia Francisco Mascarenhas<sup>5</sup>, diretor da Diário da Manhã. Feita a ponte, tiveram a oportunidade de conhecer o executivo ainda em Curitiba, no dia 24 de outubro de 1956, uma terça-feira.

Dois dias depois, malas prontas, e lá estavam eles, os expedicionários, a bordo de um “superluxo de carreira” da Auto Viação Catarinense. Com o sol por testemunha, às 9 da manhã se despediam de Curitiba rumo à cidade distante 320 km dali. O trajeto, porém, levava quase o dia inteiro para ser vencido, entre sacolejos e solavancos provocados pela esburacada estrada de chão que ligava as duas capitais.

Finalmente, por volta das oito horas da noite, os imigrantes são recebidos pelas esparsas luzes da Ponte Hercílio Luz, alcançando em seguida a Rua Felipe Schmidt, que apesar de ser o principal acesso ao centro quase não tinha iluminação. Estavam na Ilha de Santa Catarina. Enfim, a penumbra delineava a primeira impressão da pequena e pacata cidade, e uma luz solitária dava ponto final à viagem com bilhete só de ida.

Sem qualquer referência prévia, os *forasteiros* recorrem ao pessoal da empresa de ônibus para saber onde pernoitar. Foi fácil. Era tudo muito perto. Estavam a três quadras da Praça XV de Novembro e a uma quadra da Rua Conselheiro Mafra onde poderiam acomodar-se na pensão *familiar* do Luiz. Malas a tiracolo, descem a Rua Jerônimo Coelho em direção ao Mercado Público, dobram a primeira à direita e logo estão na pensão. Agora, tudo o que precisam é alimentar-se, dormir e recuperar as energias. Que viesse o sono... e com ele os sonhos... e com eles as emoções que buscavam.

Por volta das nove horas da manhã, o plano de ação para chegar e conquistar a Rádio Diário da Manhã estava pronto para ser executado. Após o café na pensão, a dupla sai para fazer o reconhecimento da cidade, sentir seu clima, os aromas da vegetação exuberante da Praça XV de Novembro, as cores do casario colonial português. No passeio, fazem questão de se identificar com a gente local, perscrutar a aura dos que passam e cumprimentar cada um, ainda que só em pensamento.

- *Olá, bom dia! Viemos de longe, andávamos a esmo, quase perdidos. Hoje nos encontramos; nós também somos daqui. Nossas almas são gêmeas, trazemos sonhos e esperanças pra compartilhar.*

---

<sup>4</sup> Osvaldo Souza Miranda integrou o seletivo grupo dos locutores românticos que se tornou famoso nacionalmente a partir de 1950. Seu programa Rosa de Tangos fez história em emissoras de quatro estados. O paranaense fixou residência em Florianópolis e continuou na ativa até 2010, quando se aposentou aos 84 anos.

<sup>5</sup> Chiquito, como era tratado na intimidade, é sócio-fundador da Rádio Difusora de São Francisco do Sul/SC. Eleito deputado estadual, mudou-se para Florianópolis em 1950. Ao terminar o mandato, participou da implantação da Rádio Diário da Manhã, onde trabalhou por quatro anos, até se mudar para Joinville e se dedicar à carreira jurídica.

A saudação imaginária traduz o desejo de um compromisso afetivo entre visitantes e visitados. Silenciosa, antecede um tempo de comunhão. A sintonia de sentimentos age feito força atávica, desabrochando em plena primavera uma relação fiel e fecunda.

## 29- 78 RPM e outras rotações

O trajeto de pouco mais de três quarteirões, até o prédio da emissora na Praça XV de Novembro, foi feito em menos de 30 minutos. Buscando antídotos para a ansiedade, os visitantes apreciam o casario da região do Mercado Público e as mercadorias, expostas nas fachadas e vitrinas das lojas de varejo. Mais adiante, banhada pelo sol, a vegetação da Praça XV ganha pinceladas de arte, compondo com o coreto, os monumentos e a velha figueira uma típica paisagem de cinema tropical. Três realidades consumidas pelo progresso completavam o cenário: os lentos e raros ônibus urbanos, os tálburis puxados a cavalo, conhecidos como carros de mola, e o antológico Trapiche Miramar.

No lado oposto ao trapiche, a Catedral Metropolitana observa majestosa o Jardim Oliveira Belo. Vigia à direita o Hotel La Porta e o Palácio Cruz e Sousa, então sede do governo. À esquerda, espreita as sóbrias mansões em estilo colonial entremeadas de construções mais recentes. Uma delas, de três andares, abriga no térreo a agência do Banco Indústria e Comércio de Santa Catarina, o INCO, e logo acima a Rádio Diário da Manhã.

No horário combinado, os radialistas Antunes e Edwin sobem as escadas que levam ao primeiro andar do prédio sede da emissora. À direita da entrada, numa sala comprida, atrás de uma montanha de papéis, está Francisco Mascarenhas, o diretor Chiquito. Reconhecendo os visitantes, dá as boas-vindas à dupla e os convida para conhecer as instalações. Aos poucos, são apresentados à dona Geni, que varria o auditório, mas também fazia o cafezinho e cuidava da limpeza; ao Cláudio Alvim Barbosa, o Zininho<sup>6</sup>, que passa abraçado a uma enorme gravadora de fita de rolo; ao Aldo<sup>7</sup>, diretor de radioteatro; à dona Leta, secretária e esposa do Aldo; e ao Nezinho, o contrarregista. Cabe a ele preparar a *traquitana* que será usada no próximo capítulo da novela transmitida ao vivo. Chiquito então sobe os dois degraus que dão acesso ao palco, desvia de dois microfones, um piano, uma bateria e um enorme contrabaixo, e continua:

*- Neste auditório apresentamos os programas com atrações locais. Quando vêm artistas de fora, os programas são transmitidos do Teatro Álvaro de Carvalho. Aqui (apontando para a parede atrás do piano, no mesmo nível do palco) é o estúdio de onde transmitimos*

---

<sup>6</sup> Poeta, cantor, produtor e compositor, autor de uma centena de sambas e marchinhas de Carnaval. Além do Rancho do Amor à Ilha, hino da cidade de Florianópolis, Zininho é autor dos hinos de Joinville, em Santa Catarina, e de Rio Negro, no Paraná.

<sup>7</sup> Aldo Silva começou a trabalhar em rádio na Difusora de Tijucas/SC. Depois de passar pela Guarujá, em Florianópolis, assumiu na Diário da Manhã uma série de funções, como produtor, apresentador, radioator, diretor de radioteatro e artístico da emissora.

*as novelas e peças radiofonizadas. No outro lado fica a sala de controle de som, produção e gravação, e nesta outra sala é a direção de radioteatro.*

O diretor desce do palco, dirige-se à porta de entrada do auditório e sobe as escadas do segundo andar que dá acesso à enorme sala destinada à redação de radiojornalismo. O *centro nervoso* das notícias fica entre a sala da central técnica e da discoteca, no lado oposto ao estúdio.

- *Olá, bom dia.* Com um sotaque português, trazido da ilha de São Francisco do Sul, sua terra natal, no litoral Norte de Santa Catarina, Chiquito vai cumprimentando o pessoal da casa.

Sobre a bancada que se estende ao longo da parede divisória da redação com a discoteca se alinham quatro máquinas de escrever. Duas delas, acompanhadas de receptores de rádio e gravadoras de rolo, estão à disposição do pessoal do jornalismo e do esporte. Lauro Soncini<sup>8</sup>, comentarista de esporte, datilografa seu texto, enquanto *coruja* a Rádio Bandeirantes de São Paulo em busca das últimas do esporte nacional. Em outra máquina, Augusto Mello<sup>9</sup> capta o Globo no Ar, da emissora carioca, e seleciona as notícias que devem entrar no próximo boletim informativo da Diário da Manhã.

Mais ao fundo, com fones cobrindo as orelhas, um radiotelegrafista capta em código Morse as mais recentes notícias do mundo. No receptor Halicrafter S-85 de 13 faixas de ondas, conectado a uma antena com 20m de comprimento fixada sobre o telhado do prédio, o sargento Vidomar Cardozo, o CDZ, capta o noticiário das agências United Press Internacional, France Press e Reuters, além da Asa Press, aqui mesmo do Brasil. Na outra ponta do balcão, enquanto aguarda ao telefone o contato com suas fontes, o repórter Rozendo Lima conversa com Humberto Fernandes Mendonça, narrador e diretor do departamento esportivo.

Separada da sala de radiojornalismo por um armário de duas portas de correr, uma saleta comporta uma mesa e a cadeira onde senta a datilógrafa Nivalda Jacques, responsável pela Central de Apoio ao Departamento de Radioteatro. Além dessa função, a Pretinha – como é tratada – também auxilia o diretor do departamento, descrevendo o perfil dos personagens para facilitar a escalação dos radioatores e radioatrizes.

Feitas as apresentações, Francisco Mascarenhas se encaminha para a discoteca, onde Ourivaldo Goulart, o Dadica, comanda o trabalho da esposa Dulcemar e da assistente Neide Maria Rosa<sup>10</sup> – também locutora, cantora e radioatriz. Em menos de dois anos, a

---

<sup>8</sup> Jogador profissional nas décadas de 1940 e 1950, aderiu ao rádio comentando e narrando jogos na Diário da Manhã e na Guarujá. Funcionário público de carreira, atuou na assessoria de comunicação dos governos Henrique Córdova e Antônio Carlos Konder Reis.

<sup>9</sup> Sonoplasta, rádio-escuta e redator do jornalístico Vanguarda. Sucedeu Adolfo Zigelli na direção do programa, quando o colega assumiu a Secretaria de Imprensa do governo de Santa Catarina.

<sup>10</sup> Começou cantando em programas infantis da Rádio Guarujá de Florianópolis onde permaneceu até 1955. A partir daí, foi discotecária, cantora, locutora e radioatriz na Rádio Diário da Manhã. A convite de Elizeth Cardoso se mudou para o

discoteca acumulava milhares de discos em 78 RPM, centenas de LPs e um sem número de compactos com uma ou duas faixas de cada lado, em 45 ou 33 e 1/3 RPM. Os LPs, discos de vinil de 12 polegadas, eram o último grito da tecnologia na época, capazes de abrigar uma quantidade até então impensada de músicas: oito a dez faixas de cada lado.

### 30- Ondas curtas

Continuando a visita, o anfitrião se dirige ao estúdio principal, composto por duas salas de uns 16m<sup>2</sup> cada. Na primeira, o arsenal *de ponta* era composto por uma mesa-console com os controles de entrada para microfones, dois toca-discos, um gongo e duas linhas externas e saídas para fones e alto-falantes, mais um rádio-receptor para monitorar a transmissão.

A tecnologia era de primeira linha, com equipamentos da Philips, empresa holandesa que recém chegara ao Brasil para fabricar transmissores de grande potência: 10, 20, 50 e 100 kilowatts. O transmissor de ondas curtas da Rádio Diário da Manhã era de 10 kilowatts, um *assombro* em termos de cobertura.

Na outra sala, a cabine de som continha um microfone *jacaré* da RCA Victor, tido até então como imbatível para locução de cabine, radioteatro e auditório. Ao contrário do habitual, o microfone estava pendurado no teto, de cabeça para baixo, sobre uma pequena mesa ladeada por duas cadeiras e com um fichário Kardex em cima. O tratamento acústico em Eucatex branco cobria por completo paredes, porta e teto, enquanto o piso era revestido de carpete ocre, na cor do rodapé de madeira. Assim que o *tour* foi concluído, Chiquito e seus convidados retornaram ao primeiro andar. Na porta da sua sala, o diretor se despede recomendando aos visitantes:

- *Voltem a uma e meia, no meu horário de locução. Quero encaminhar vocês pra que comecem a trabalhar.*

A impressão levada por Antunes Severo e Edwin Scott Balster foi a melhor possível. Acharam tudo simples, limpinho, os equipamentos novos e bem conservados. Gostaram da apresentação dos estúdios e do tratamento acústico. E acharam todos muito receptivos. Enfim, sentiram no ar um cheirinho de *estou em casa*.

Antes do horário marcado, os aspirantes ao emprego na rádio já estavam de volta, e tiveram a chance de conhecer outro detalhe operacional. Enquanto o locutor apresentava a edição das 12h55 do Correspondente Renner, o redator de plantão, ou radioescuta, estava a postos, sintonizado no Repórter Esso da Rádio Nacional do Rio de Janeiro. Heron Domingues então disse:

---

Rio de Janeiro, onde Stanislaw Ponte Preta a rebatizou de Neide Mariarrosa, nome artístico usado até o fim de sua carreira, em 1994.

- *Atenção! Atenção para a notícia final.*

Ao mesmo tempo, o plantão começou a gravar. Ouvia a notícia e a datilografava com uma velocidade incrível. Mal terminou a gravação, voltou a fita magnética para conferir se o texto datilografado estava de acordo com o que ouvira no rádio. Em seguida, retirou a folha da máquina e correu até o estúdio para entregá-la ao locutor, que a essas alturas lia a penúltima notícia do informativo. Mais um *banho*, pensaram os visitantes, acostumados ao esquema tradicional das emissoras em que trabalharam. Nunca tinham visto uma agilidade tão grande.

Às 13h30, conforme previsto, Chiquito e o *calouro* Antunes Severo começam a atuar em dupla no estúdio, enquanto Edwin acompanha o operador de som para se familiarizar com o equipamento. A programação da tarde, à base de música gravada e intervalos comerciais intercalados com noticiários rápidos, era padrão naquela época na maioria das emissoras. Após cada música anunciada, o multimídia Chiquito – que acumulava as funções de locutor, produtor e diretor – deixava o estúdio, dava telefonemas e conversava com os funcionários. Antes das duas da tarde, sem qualquer aviso, sai para só voltar pelas seis horas, quando aparece com dois livros embaixo do braço: o Evangelho e as preces de São Francisco. Também trazia uns papéis com anotações a caneta, e ao entrar no estúdio, avisou a dupla recém-chegada:

- *Amanhã tragam os documentos pra fazer a admissão.*

### **31- Tainha e pirão na Praça XV**

À primeira vista, o acolhimento e os contatos pareciam promissores. Ao final do expediente do redator Lauro Soncini e do locutor Adolfo Zigelli<sup>11</sup>, seus mais novos amigos, os quatro foram juntos conhecer a cidade. Circularam pelo centro, pelos bares e pela região dos cinemas, sentiram o movimento, apreciaram o *footing* na Praça XV e na Felipe Schmidt. Pelas 10 da noite já estavam integrados. No Restaurante Estrela, do mestre Tourinho, provaram tainha frita, arroz branco e pirão com direito à vista privilegiada da Praça XV, cimentando com a degustação do prato típico uma amizade que os transformaria em legítima família.

Um jantar antológico como esse, claro, merece um complemento à altura. Então pediram *quatro purinhas* vindas diretamente dos alambiques artesanais do sul da Ilha, além de uma cerveja bem gelada, a Antártica fabricada em Joinville. Ao longo da conversa, variada e amena, o único ilhéu da turma, Lauro Soncini, contou suas aventuras amorosas e as peripécias como jogador profissional de futebol, antes de se tornar radialista e comentarista esportivo.

---

<sup>11</sup> Precursor do radiojornalismo em Santa Catarina e primeiro Secretário de Imprensa do Governo do Estado, em 1975.

Adolfo Zigelli, gentil e comedido, viera de Joaçaba cinco meses antes, acompanhado do irmão Walter, que integrava a equipe de comunicação do governador Jorge Lacerda. Fazia jornalismo político e defendia a comunicação pluralista e comprometida com a democracia. Apesar de todos os apelos das novidades do dia, o *papo* praticamente se deteve em assuntos profissionais.

- *Outras rádios na capital?*, pergunta Edwin.

- *Mais duas*, responde Lauro: *a Guarujá e a Anita Garibaldi*.

Despertada a curiosidade dos novos colegas, Adolfo Zigelli resume o perfil da concorrência com isenção e objetividade:

- *A Rádio Guarujá é pioneira. Começou em 1942 como alto-falante e em 1944 passou a transmitir na condição de emissora, regularmente. Dois anos depois, a concessão foi vendida ao empresário e líder político do Partido Social Democrático, Aderbal Ramos da Silva. A Mais Popular, como se autodefinia, não teve concorrência até que, em 1952, começou a funcionar precariamente a Rádio Anita Garibaldi, da família do médico JJ Barreto.*

E continuou...

*Simultaneamente ao surgimento da Rádio Anita era registrada na Junta Comercial a empresa que em 1954 instalou a Rádio Diário da Manhã, como parte de um projeto de comunicação da família do então governador Irineu Bornhausen. A emissora foi inaugurada em janeiro de 1955, operando um canal de onda média de baixa potência, mas logo em seguida obteve licença para operar um canal de ondas curtas em 31m, com potência de 10 mil watts.*

O panorama apresentado surpreendeu, mas não a ponto de inquietar, pois as concessões de rádio sempre tiveram forte componente político. O que chamava a atenção é que, em Santa Catarina, esse fator era *escancarado*. Terminada a exposição, era hora de *pedir a saideira, pagar a dolorosa e levantar o acampamento*; afinal, os ciceroes eram responsáveis pela primeira edição do Correspondente Renner, que entrava no ar às oito horas da manhã seguinte. Na saída, com um *até amanhã, colegas*, Lauro consolidou o *tour* de boas-vindas.

### **32- Terra de contrastes**

Florianópolis de 1956, no dizer do cronista Osmar Silva<sup>12</sup>, era uma cidade de “Ruas tranquilas e mal iluminadas, que mergulham cedo no silêncio da noite, enquanto os casais e namorados procuram as sombras protetoras dos portões”. Apaixonado pela cidade, o cronista vai além: “Chego à Praça XV, coração da cidade. O jardim maravilhoso e convidativo está deserto. Alcanço a Felipe Schmidt, a rua dos cafés e das confeitarias, o fogo-fátuo das nossas pretensões a cidade grande! É a rua dos *footings* e das conversas fiadas. Há homens pelas esquinas, homens que vão e que vêm, matando o tempo, à espera que as sessões de cinema terminem”. Na rádio Diário da Manhã, posteriormente, a contemplação do autor ganha a voz e a interpretação de Antunes Severo.

*- Dentro de mais alguns minutos a rua ganhará movimento e colorido! As jovens estarão desfilando a plástica e a elegância e distribuindo sorrisos cheios de promessas, aos olhares ansiosos que as aguardam, anuncia o radialista, ao microfone.*

É esse espírito que envolve os recém-chegados. Eles se sentem felizes, estão empregados e veem na cidade pequena um cenário propício para começar uma nova fase, mais tranquila. E quem sabe constituir uma família. Em Florianópolis há menos de 50 horas, o promissor galã mal poderia imaginar que já havia conhecido, sem alarde nem prenúncios, sua futura companheira de uma vida inteira.

Oriundo das planas coxilhas que se perdem no horizonte da fronteira gaúcha, Antunes Severo volta sua memória aos recortes da serra que antecedem o pequeno arroio que o vira nascer, enquanto satisfeito, saboreia a vista da nova morada: as ondas que acariciam o mar imenso que abraça a Ilha. Era o segundo dia dos forasteiros no lugar e no trabalho. A acolhida da direção da emissora e dos colegas facilitava, além do entrosamento, a assimilação dos hábitos e dos costumes locais.

Chamava a atenção, na época, o contraste entre a exuberância natural da região e o acanhamento da cidade, como chegou a descrever um jornal paulista: “Confinada em um pequeno triângulo, entre o Morro do Antão e o mar, com poucas possibilidades de crescer na ilha e estendendo-se para o continente, a cidade e a ponte Hercílio Luz separam duas baías de pujante beleza. Praias, pedreiras de formas caprichosas trabalhadas pela erosão, furnas e pequenas matas, constituem atração turística. Barcos de pequeno calado cruzam as águas lentamente e pescadores subnutridos trabalham de sol a sol, monotonamente desesperançados”.

A diferença era ainda mais evidente quando a rotina da cidade era comparada ao ambiente interno da rádio em que trabalhavam. Para qualificar seu quadro, a Diário da Manhã começou trazendo profissionais de renome nacional como o paranaense Antônio

---

<sup>12</sup> Poeta, escritor, novelista, cronista e principal redator da programação humorística da Rádio Diário da Manhã nos anos 1950/1960.

Santos Miranda, o maestro Mirandinha<sup>13</sup>; Souza Miranda, locutor e apresentador da Rádio Tupi de São Paulo, e o boliviano Carlos del Rio, recém-chegado ao Brasil.

Os melhores músicos, cantores, locutores, radioatores e radioatrizes da Rádio Guarujá também haviam migrado para a nova emissora. Para completar, a ilha atraiu em 1956 profissionais já tarimbados em outras regiões, como Humberto Fernandes Mendonça e Alfredo Silva, do sul do estado, os irmãos Walter<sup>14</sup> e Adolfo Zigelli, do oeste catarinense, e finalmente Antunes Severo e Edwin Scott Balster.

### **33- Batismo na praia**

Para se integrar à capital, era necessário submeter-se a avaliações de vários níveis. Receber o carimbo de *aceito*, por exemplo, exigia a adoção de um apelido, geralmente jocoso, vestir-se informalmente e alimentar-se com frutos do mar, de preferência. A terceira prova foi proposta por Humberto Mendonça, que de maneira gaiata e simpática informou aos novos colegas:

*- Sábado vocês vão ver o que é bom nesta terra. Vamos derrubar umas loirinhas geladas e comer muito camarão ao bafo e casquinha de siri no bar do Praia Clube, em Coqueiros.*

Para quem nunca tinha visto um camarão ou siri ao vivo e em cores, o anúncio do galhofeiro Gato – apelido do Humberto – seduzia mas não convencia.

*- O que será que ele vai aprontar?*, pensaram as vítimas em potencial.

O Praia Clube era um bar e restaurante famoso e bem frequentado, instalado na sede balneária do Clube 12 de Agosto, que reunia a elite local. E não ficava na ilha, mas no continente, onde pequenas praias, interligadas, mimetizam um gigante e estonteante colar de esmeraldas. A distância do centro ao bairro, apesar de curta, parecia longa, devido às más condições do calçamento das ruas. Alheia aos deslizos no percurso, a sede balneária do Doze reinava na condição de ponto de encontro da *jeunesse dorée* da capital e arredores.

Pelas duas da tarde, a turma foi chegando e se acomodando na areia, na praia bem em frente ao bar. O dia ensolarado convidava a um banho de mar e implorava por mais de

---

<sup>13</sup> Músico, compositor e arranjador, Mirandinha é autor de dezenas de sambas e marchinhas dedicadas à Ilha de Santa Catarina, como: Terra Santa, Praias da Ilha, Ilha Querida e Saudade da Seresta. Sua produção musical nunca foi gravada comercialmente.

<sup>14</sup> Aos 18 anos, Walter Zigelli era editor do jornal Cruzeiro do Sul, de Joaçaba. Em 1956, passou a integrar a assessoria de comunicação do governador Jorge Lacerda, em Florianópolis. Formado em Direito, dedicou-se mais tarde à política e à magistratura, chegando a deputado estadual, juiz e Procurador Geral do Estado.



uma cerveja. O grupo logo foi crescendo, com a chegada de Adolfo Zigelli, Alfredo Silva e Carlos Del Rio. Novos na área, eles não poderiam passar despercebidos.

Além do tipo nada comum, com olhos verdes e cabelos negros, Humberto ainda era emérito contador de piadas. Alfredo, moreno claro e franzino, ostentava um reforçado bigode no estilo Clark Gable. Adolfo, por sua vez, desfilava o charme do ator James Dean, ídolo da juventude da época. Contrastando com eles, Edwin tinha um porte avantajado de gladiador bretão da Idade Média. Por fim, o perfil de toureiro espanhol de Del Rio, e a combinação sedutora de Antunes Severo, com um par de olhos azuis emoldurados por um viçoso topete castanho, não deixavam dúvidas de que eram de fora. Tampouco o foco da atenção das mulheres e da curiosidade dos homens. Mas bastou pouco tempo para se sentirem em casa entre os manezinhos.

A ilha, vista daquele ponto do continente, era legítimo cartão-postal. O quadro se completava com a água morna chegando à areia branca da praia, a sombra das palmeiras, aves se fundindo ao azul do céu aqui e acolá, como nos melhores romances tropicais. Pelas quatro da tarde, com o sol se intimidando atrás do Cambirela, o ponto mais alto da Serra do Tabuleiro, eles percebem que nem almoçaram ainda.

- *Pessoal, vamos pegar uns beliscos pra enganar a fome, sugere Humberto, no embalo de caipirinhas e cervejas intercaladas. Encomendei uns bolinhos de siri e uns camarões fritinhos pra vocês irem se acostumando com a nossa comida do litoral, anuncia.*

A fome, de fato, era manifesta, e o que viesse seria bem aceito. Os neófitos então entraram no bar dispostos a provar as especialidades da casa: camarão frito e ao bafo, bolinho de carne de siri e uma travessa transbordante de mariscos com casca. Humberto e Alfredo, habituados com as iguarias, incentivavam os colegas a se servirem, mas Zigelli, Edwin e Antunes se sentiam *peixes fora d'água*. Mesmo compreendendo a boa intenção dos amigos, não se renderam tão fácil aos bichinhos cheios de perninhas desengonçadas e às placas retiradas das conchas. Foram necessários mais uns tragos e mais um período de jejum para que a fome, implacável, os levasse a provar os frutos-do-mar. Mais do que satisfeitos, os forasteiros estavam, oficialmente, batizados na tradição culinária dos manezinhos.

### **34- Do tempo dos tílburis**

A adaptação à nova cidade exigia malabarismos. De um lado, Antunes e Edwin viam a pequena cidade ainda entregue às tradições singelas de uma vila; de outro, observavam as vibrantes inovações das rádios Anita Garibaldi e Diário da Manhã, em especial quando comparadas ao estilo contido e formal da pioneira Rádio Guarujá. Na busca do equilíbrio, constataram satisfeitos que os temas das conversas saíam cada vez mais da reserva pessoal. As matérias radiofônicas oxigenavam ideias, discussões e conceitos.

De fato, os comentários dos radialistas chamavam a atenção de todos: dos jovens e das crianças que frequentavam os programas de auditório, das donas-de-casa que se emocionavam com as novelas, dos fãs do remo e do futebol que acompanhavam as atividades de seus times, dos comerciantes que ampliavam as vendas através da publicidade, e dos políticos, que se engalfinhavam nos programas partidários das emissoras que eles próprios controlavam. Isso sem contar a mobilização dos veículos de comunicação nacionais, reflexo do dinamismo do governo Juscelino Kubitschek, um presidente disposto a fazer o Brasil crescer 50 anos em cinco, na esteira do período pós-guerra.

A dinâmica da comunicação radiofônica local e nacional contrastava com o ritmo que se percebia nas ruas da Capital. A cidade continuava girando em torno da praça abraçada pelos símbolos tradicionais da civilização: a Catedral, o Palácio do Governo, os Correios, a Prefeitura Municipal e a Câmara de Vereadores. Ali ficavam os carrinhos de aluguel puxados por cavalos, o trapiche, os engraxates, o hotel, os bares, a farmácia, a livraria, o restaurante, a barbearia e, naturalmente, seus clientes.

Mas a Praça XV de Novembro abrigava ainda mais. Ficavam ali os mausoléus em homenagem aos heróis mortos na guerra contra o Paraguai, como à espera de aplausos; o coreto que integrava o Jardim Oliveira Belo; a floricultura coberta por trepadeiras de uma ramada capaz de causar inveja nos deuses do Olimpo; as centenárias figueiras, os ciprestes projetados em direção ao céu como se lá buscassem sua morada; as palmeiras enfileiradas projetando um caminho sem fim, os pinheiros frondosos, mimetizando com seu porte e sombra um rústico caramanchão.

Os traços precisos da natureza só encontravam par nas marcas preciosas daquele tempo: os automóveis de praça; o serviço de alto-falantes da primeira rádio da cidade acionado para retransmitir os noticiários, os programas esportivos e a Hora da Ave Maria; o ponto dos coletivos, com saídas de hora em hora do Miramar para fazer o circuito Volta ao Morro da Cruz; e finalmente os tálburis, carrinhos de cavalos que muitos só tinham visto em romances de Machado de Assis ou contos de Guy de Maupassant.

A tradição fazia dessa ilha um dos mais doces e harmoniosos locais para viver. Era um privilégio chegar, olhar para aquelas primitivas formas de transporte, dirigir-se ao cocheiro e dizer: *quanto custa para me levar até a Avenida Mauro Ramos, um pouquinho antes do Tiro Alemão?* Então o passageiro sentava no banco traseiro e autorizava a saída, não sem antes certificar-se de que estava sendo visto pelas pessoas em torno.

Por essas e outras emoções, os novos moradores estavam deslumbrados com a cidade. Mas não podiam esquecer: estavam em Florianópolis para trabalhar. O dia seguinte requeria atenção redobrada. Os mais recentes contratados da Rádio Diário da Manhã, a RDM de tantos corações, iniciariam uma etapa que marcaria para sempre suas vidas.

### 35- Arcebispo no Sindicato dos Jornalistas

Idealistas e sonhadores, pragmáticos eficientes – ou não –, todos agrupados formavam um conjunto diferenciado naquela emissora. A sensação de pertencimento que os envolvia respingava nas atividades, nas conversas e no comportamento de empregados e empregadores. Nessa equipe única, todos se deixavam contagiar pela aura generosa e simples que vinha de uma personalidade ímpar: Francisco Mascarenhas, o chefe e ao mesmo tempo o irmão, o colega, o companheiro e amigo.

Em 1956, três emissoras disputavam os ouvintes de Florianópolis e região: a Guarujá, que desde 1943 já atuava como rádio, ainda que em caráter experimental; a Diário da Manhã, inaugurada em janeiro de 1955; e a Anita Garibaldi, que desde 1954, também em caráter experimental, já beliscava a audiência com sua atitude agressiva e irreverente.

A Sociedade Rádio Guarujá – reinante solitária mais de uma década – mantinha-se com o básico do rádio de então: radioteatro, programas de auditório humorísticos e musicais, entrevistas, reportagens, o noticiário à base de radioescuta das emissoras do Rio e de São Paulo, e o indefectível *gilette-press*, com notícias recortadas dos jornais. Além das informações rotineiras, o noticiário cuidava prioritariamente dos interesses do Partido Social Democrático, o PSD do Dr. Deba.

Política semelhante era observada pela Rádio Diário da Manhã, pertencente ao governador do Estado pela União Democrática Nacional, Irineu Bornhausen. Na época, a UDN se dizia o partido da renovação do país. As duas emissoras, ao seu modo e estilo, mantinham-se no patamar de conservadorismo característico das lideranças tradicionais, embora a RDM tivesse uma programação mais abrangente e atualizada.

Enquanto isso, a Rádio Anita Garibaldi, a Anitinha, *deitava e rolava* irreverente e desbocada em seu linguajar quase chulo, chocando e até deliciando o ilhéu pouco acostumado a esse tipo de ousadia. Do ponto de vista estrutural, a emissora do médico JJ Barreto seguia o padrão das demais, inclusive com algumas experiências de radionovelas, mas também fazendo radiofonização de temas populares como contos, crônicas, letras de música e acontecimentos policiais.

A imprensa escrita, igualmente atrelada a partidos políticos, também refletia o estado bucólico de uma cidade pequena, pacata e acanhada que carregava no slogan “Terra do já teve” um estigma nada lisonjeiro. A produção jornalística, no geral, era antiquada e insossa, como registra Moacir Pereira no livro “Adolfo Zigelli, Jornalista de Vanguarda”, reproduzindo nota de uma coluna social da época. “Está aniversariando hoje, para gáudio de todos nós, o belo menino José Inácio, filho do estimado confrade Epaminondas da Silveira. Para marcar a significativa efeméride, seus pais recebem os amigos, quando oferecerão uma lauta mesa de doces e guaraná”.

O Sindicato dos Jornalistas Profissionais, por sua vez, chamava a atenção pela pluralidade dos integrantes. Entre os 280 inscritos em 1956 estavam prósperos comerciantes e intelectuais da direita conservadora, como o primeiro Arcebispo Metropolitano de Florianópolis, Dom Joaquim Domingues de Oliveira. Contestadores, alguns radialistas lançam uma chapa alternativa nas eleições seguintes. Sem tradição na área, até perdem o pleito, mas ainda assim imprimem sua marca: a disputada campanha eleitoral levou cerca de 100 associados a deixarem o sindicato, que se torna muito mais homogêneo e representativo da categoria de jornalistas.

### **36- Um amor para sempre**

Perfeitamente adaptado à rotina em Florianópolis, Antunes Severo passa a colecionar oportunidades. Querido, correto e famoso, acumula também cada vez mais amigos. Seu círculo de contatos cresce tanto dentro quanto fora da atividade profissional. Sua credibilidade, mais ainda, à medida que deixa de se sentir e se portar como um forasteiro, peregrino, à mercê do destino. É nesta nova fase, em 1957, que o radialista vê brotar a semente do seu primeiro negócio. Graças à sociedade com Rozendo Vasconcellos Lima, ele fundaria, em 1962, a agência de publicidade A.S. Propague.

No mesmo ano, em 1957, Antunes Severo assumiu o romance com a bela jovem com quem cruzara nos bastidores antes mesmo de sua estreia na Diário da Manhã. O namoro com Nivalda Jacques, com quem a essas alturas produzia e apresentava um programa de variedades, pegou todos de surpresa. A notória diferença de personalidade entre eles, somada ao boato de que o galã da rádio tinha outro compromisso, inspirava nos amigos mais ceticismo do que confiança. E havia pouca chance de dar certo, efetivamente. Enquanto a Pretinha, como todos a conhecem, sempre foi reservada, o popular radialista era menos criterioso na escolha dos amigos, e ainda mal acostumado pelo paparico das fãs.

- *Não dura seis meses, apostavam as amigas dela.*

Pois todos, e talvez os próprios personagens do romance nascente, erraram na previsão. O compromisso era mesmo para valer. Ao completar Bodas de Ouro, em 2008, o casal já contabilizava cinco filhos, oito netos e duas bisnetas. Mas na época, quem diria que cruzar a ponte representaria muito mais do que uma variação geográfica naquela vida nômade desde a infância? A mudança para Florianópolis, enfim, provava ser um divisor de águas na sua trajetória.

Engajado e atuante, Antunes Severo não limitou sua carreira aos estúdios, ainda que nesse ambiente conciliasse amor, trabalho e lazer. Em 33 anos de atividade no rádio, na televisão e na mídia impressa, exerceu praticamente todas as funções profissionais, à exceção da parte técnica. Participou da fundação e da diretoria de empresas e de

entidades de classe, como a Associação dos Radialistas do Paraná, Associação dos Radialistas de Santa Catarina, Associação Catarinense de Imprensa (Casa do Jornalista), Padrão Produções Sonoras e da agência de propaganda A.S. Propague, que viria a se tornar uma escola no campo da comunicação mercadológica.

No âmbito acadêmico, trocou a condição de autodidata pelo *status* de universitário. Aos 30 anos prestou os exames do Supletivo de primeiro e segundo grau e aos 32 anos passou no vestibular para a ESAG, Escola Superior de Administração e Gerência, hoje Centro de Administração da UDESC. Graduado em Administração, cursou Especialização, até tornar-se professor universitário para as disciplinas de Comunicação e Marketing. Docente, foi além. Em 2001, o menino do Arroio Itapevi, que por pouco não chegou analfabeto ao serviço militar, recebe o título de Mestre em Administração e Gestão Estratégica das Organizações.

### **37- A semente da Propague**

No promissor ano de 1957, a Rádio Diário da Manhã mantinha um elenco fixo com cerca de 40 pessoas, entre administração, discoteca, produção, orquestras, cantores, radioatores, jornalismo, esporte e técnica. Contando com o pessoal que trabalhava por cachê, tal número dobrava. Nesse universo cosmopolita, onde se revezavam quase uma centena de colegas, Antunes Severo estabeleceu três vínculos definitivos: com Adolfo Zigelli, com Rozendo Vasconcelos Lima e com Nivalda Jacques, sua esposa Pretinha.

Com Adolfo Zigelli, participou da implantação da equipe de radiojornalismo que manteve a emissora como líder de audiência por 10 anos. Quando os números caíram, eles já haviam deixado o time. A parceria com Rozendo Lima permitiu a criação da agência A.S. Propague, que deu a largada para a comunicação mercadológica profissional em Santa Catarina. Já com Nivalda, a amizade levou a um casamento firmado no afeto, na confiança e na dedicação, ainda que os laços, indissolúveis, tenham se atado sem pressa nem pressão.

Recatada, discreta, disciplinada e perseverante, Nivalda datilografava os capítulos de novela que vinham dos patrocinadores. Também descrevia o perfil de cada personagem, para facilitar ao diretor de radioteatro distribuir os papéis. E como não contavam com o conforto da fotocópia, não raro precisava repetir o trabalho inúmeras vezes. Ainda assim, encontrava tempo para ajudar nas tarefas dos colegas, que a admiravam a ponto de torná-la confidente para suas emoções conflitantes. Aos poucos, a pedido de Severo, Pretinha passou a organizar a correspondência de seus ouvintes, selecionar as cartas a serem comentadas, apontar os melhores pedidos musicais e separar missivas particulares dirigidas ao colega.

À medida que o trabalho progredia, a afinidade entre eles ficava mais evidente. A confiança mútua tornava o convívio tão prazeroso que em pouco tempo estavam falando de seus projetos pessoais, tomando um cafezinho no Ponto Chic, um aperitivo – a preferência era pela cachaça branquinha dos alambiques da ilha e pelas transpirantes garrafas da inigualável cerveja Antártica de Joinville – ou indo ao cinema. O filme era escolhido com antecedência, e em uma dessas ocasiões, a cena na bilheteria falou mais alto do que a mensagem da telona. Quando Severo adiantou-se para comprar os ingressos, Pretinha perguntou:

- *Posso pagar? Hoje é a minha vez.*

A resposta positiva, acompanhada por um sorriso, foi reveladora. “Ele não é machista”, percebeu Pretinha, admirada. Para ele, o gesto também foi animador. Prova de que, naquela companhia, não precisava fazer pose, contar vantagem nem conter a espontaneidade. Assim, descobriam cada vez mais afinidades. As *coincidências* se tornavam mais frequentes. Os princípios de vida se encaixavam. Um respeitava o ponto de vista do outro. Além de colegas, eram amigos, com um convívio cada dia mais estreito, a ponto de Antunes Severo insistir para que ela dividisse o estúdio com ele.

Alegando ter pavor de microfone, ela recusava, resoluta. Mas não foi capaz de manter a decisão. Com muita paciência – e um adicional de charme e sedução – ele a convenceu a ser sua *partner* na produção e na apresentação de um programa de variedades. Os ouvintes aprovaram a dupla e os comentários sobre namoro não tardaram a pipocar, através de pedidos musicais e de boatos disseminados nas audições. Cauteloso, o *quase casal* garantia que era só amizade, até eles próprios se convencerem do contrário.

Certa manhã de sábado, ao se cruzarem na escada da rádio, a amiga que acompanhava Pretinha convidou os dois para uma reunião de família na casa dela. Na festa, o comportamento inibido e os olhares magnetizados já insinuavam mudanças. A partir daí, as sessões de cinema ficaram mais constantes, os encontros mais afetivos, as conversas mais prolongadas, até que, cerca de três meses depois, Severo passou a frequentar a casa da colega. Ambos de origem muito pobre, encontraram na simplicidade daquele lar mais um forte elemento de respeito e identidade.

### **38- Época de Ouro do Rádio**

Embora a primeira experiência de rádio em Florianópolis tenha ocorrido no início da década de 1940, a cidade só viria a provar a Era de Ouro do Rádio na década seguinte, com o início das operações das rádios Anita Garibaldi e Diário da Manhã. A comparação entre a pioneira e as novas emissoras foi inevitável. Em meados de 1950, a Guarujá mantém seu diapasão apontado para um estilo ponderado e sóbrio, a Anita Garibaldi não esconde sua irreverência, e a Diário esbanja charme. No vértice de um redemoinho de

tendências, Severo multiplica sua atuação, da locução comercial ao jornalismo, da produção à apresentação de programas de estúdio e auditório.

Enquanto isso, Rozendo Lima escreve e apresenta os programas de esporte amador. Bem relacionado e bom vendedor, conquista patrocínios tanto para seus programas quanto para os de Severo. O Ponto de Encontro, patrocinado pelas casas Jody e das Noivas, ainda é lembrado por aquela geração. Apresentado de segunda a sábado, das 11h30 ao meio-dia, tinha ouvintes em todo o país, graças ao alcance da estação de ondas curtas de 31m da Rádio Diário da Manhã.

A qualidade do som era tão boa que muitos artistas nacionais, ao passarem por Santa Catarina, faziam questão de participar do programa, concedendo entrevistas e anunciando seus discos, como é o caso de Jorge Ben, hoje Jorge Benjor. Armando Pitigliani, diretor artístico da Philips do Brasil, que na época namorava uma das irmãs do cantor Luiz Henrique Rosa<sup>15</sup>, trouxe a gravação de “Mas que Nada”, ainda em acetato, para que o primeiro disco do cantor também fosse lançado no programa Ponto de Encontro, de Antunes Severo.

Outro sucesso da Diário da Manhã foi o concurso que precedia o Carnaval. Desde o mês de outubro, a RDM tocava as marchinhas e sambas tradicionais de anos anteriores do Rio e de São Paulo e, ao mesmo tempo, motivava a participação de compositores locais cujas músicas seriam incluídas na programação. No mês de janeiro, cabia ao público selecionar as composições que concorreriam no concurso oficial da Prefeitura Municipal, interagindo por carta ou nos programas de auditório. Tomada pelo espírito da folia, a Diário da Manhã deu um passo adiante.

A rádio entrou na disputa pela transmissão dos desfiles de Carnaval – uma tradição até então mantida pela Guarujá com exclusividade. As coordenadas foram definidas por Francisco Mascarenhas, que apostou na formação de um grupo-tarefa. A cobertura com transmissões de rua e de salões, acompanhamento de blocos e desfiles de escolas de samba, ficou a cargo dos tarimbados Edgard Bonassis da Silva, Humberto Fernandes Mendonça, Alfredo Silva e Lauro Soncini. E a coordenação foi dividida entre os estreates na ilha, Adolfo Zigelli e Antunes Severo.

### **39- Cobertura histórica do Carnaval**

A emissora da Praça XV começou inovando. Além do desfile das escolas de samba e dos carros alegóricos, cobriria os bailes dos principais clubes e a movimentação dos blocos de sujeitos nas ruas centrais da cidade desde sexta-feira à noite até a madrugada de quarta-

---

<sup>15</sup> Violonista, cantor, compositor e arranjador – dono de estilo singelo e intimista -, juntou-se aos pioneiros da Bossa Nova no Rio de Janeiro. Mais tarde, fez carreira internacional, convivendo nos Estados Unidos com músicos do porte de Stan Getz, Oscar Brown Jr., Billy Butterfield e Bobby Hackett.

feira. Como nem tudo era batucada, samba e marchinhas de fácil assimilação, o primeiro desafio foi impor um ritmo convincente à narração do desfile das Grandes Sociedades usando como trilha sonora sambas enredo de carnavais anteriores.

A apresentação de carros alegóricos e de mutação era um espetáculo grandioso, mas pouco atraente para os ouvintes de rádio que não conseguiam visualizar a performance vagarosa. Definida a trilha mais adequada à transmissão, coube a Edgard Bonassis a tarefa de descrever – com o máximo de brilho e esplendor – o que se passava diante da Comissão Julgadora, instalada na sede da Prefeitura, na esquina da Praça XV com a rua Tiradentes. Inexperientes, mas precavidos, os comandantes daquela empreitada anteciparam em detalhes o plano de trabalho.

Enquanto Zigelli cuidava do conteúdo das transmissões, Severo coordenava o suporte técnico e logístico da atividade externa da reportagem. Como qualquer estrepante que se preze, assumiram os riscos da ousadia. Fixaram três pontos de atuação: a transmissão dos desfiles das escolas de samba e das sociedades carnavalescas; flashes ao vivo dos clubes sociais da cidade e também dos bailes populares de rua; e ainda a veiculação de um Especial no domingo, segunda e terça-feira, com duas horas de duração, que resumia para os ouvintes da tarde os principais conteúdos da noite anterior. O Especial local era entremeado por reportagens das rádios Nacional, Jornal do Comércio e Bandeirantes sobre a folia no Rio de Janeiro, Recife e São Paulo.

Já nessa época, o Carnaval de Florianópolis se dizia um dos maiores do Brasil. De fato era, ao menos em duração, pois começava na sexta-feira à noite, com foliões já fantasiados em bares estratégicos e em bailes improvisados, e só terminava às oito da manhã da Quarta-feira de Cinzas, com o encontro das orquestras do Lira Tênis Clube e do Clube Doze de Agosto embaixo da colossal figueira da Praça XV de Novembro, onde todas as raças e credos e torcidas têm guarida.

Assim que as linhas gerais para a transmissão do Carnaval foram definidas, o suporte técnico foi acionado, sob o comando de Lourival Bruno e do assistente Edwin Scott Balster, novato na emissora mas com experiência em transmissões externas. Participavam da equipe os sonoplastas Zininho e Augusto Borges de Mello, os operadores de som Otaviano Isidro de Oliveira e Aristides dos Santos. Cabia a Lourival e Edwin manter contato com a Companhia Telefônica Catarinense e reservar as linhas para os quatro principais clubes da cidade: Doze de Agosto, Lira Tênis Clube, 15 de Outubro e 6 de Janeiro, e também para quatro pontos estratégicos em torno da Praça XV de Novembro, onde desfilavam os blocos, as escolas e as grandes sociedades. Além do esforço que todo aquele aparato exigia, o trabalho ainda precisava ser feito sem alarde, para que nada vazasse para a concorrência.

Com as cotas de patrocínio vendidas, a estratégia criada e revisada, era hora de anunciar a cobertura. A primeira aposta da campanha de comunicação foi explorar ao máximo a programação da própria emissora, a começar pelo programa de maior audiência matinal.



Assim, na sexta-feira, com Dakir Polidoro<sup>16</sup> abrindo A Hora do Despertador às seis da manhã, já ao som do *hino* Zé Pereira, a Diário da Manhã convocava ouvintes fieis e em potencial para acompanharem sua inédita Operação Carnaval.

Muitos sambas, marchinhas e sucessos depois, inclusive os mais cantados nas emissoras do Rio, Recife e São Paulo, é a vez de o Correspondente Renner entrar na campanha. A primeira edição, às oito da manhã, detalha os preparativos para o Carnaval, a programação dos carros de alegoria e mutação – exclusividade da ilha – e a disputa entre as poucas, mas aguerridas, escolas de samba locais. Como arremate, o locutor Adolfo Zigelli ainda proclama:

*- A partir deste Carnaval, a sua Rádio Diário da Manhã vai fazer a maior cobertura da festa de Momo, cobrindo os desfiles de rua e os bailes dos clubes do centro e dos bairros da cidade.*

Assim foi o dia inteiro, com o martelo batendo na tecla do Carnaval. Na recém-criada Divisão de Radiojornalismo da Diário da Manhã, a cobertura da folia era o centro das atenções. Até os colegas do esporte foram envolvidos. O desafio era fazer uma transmissão com muito conteúdo, agilidade e emoção, e isso os profissionais habituados a narrar competições de remo, futebol e outros esportes amadores tiravam de letra.

Pelo plano de trabalho, fazer parte da cobertura do Carnaval era uma *missão à parte* da rotina laboral. Ainda que as transmissões no clube encerrassem de madrugada, os profissionais escalados deveriam cumprir seu expediente normalmente no dia seguinte. Sorte que a grandiosidade da Operação garantia a adrenalina da equipe. Sentado na marquise do primeiro andar do prédio da rádio, microfone na mão, fones nos ouvidos, Antunes Severo sabe que o fim da Hora do Brasil, na sexta à noite, é a *deixa* que ele esperava, sinal de que a linha de transmissão está aberta e que seu microfone poderia ser ligado. Então fala:

*- Boa noite senhoras e senhores ouvintes! A partir deste momento, a Rádio Diário da Manhã de Florianópolis, em ondas médias e curtas, passa a transmitir diretamente da Praça XV de Novembro os desfiles do terceiro melhor Carnaval do Brasil.*

Sobe o fundo musical. Cabe ao âncora equilibrar a participação dos repórteres – que iniciam os contatos de seus postos de transmissão –, os comentários de Adolfo Zigelli, a inserção das matérias pré-gravadas que anunciavam os preparativos para a folia nas principais capitais do país, e ainda boletins nacionais ao vivo. A cobertura é um acontecimento memorável e o sucesso prolonga a alegria do time para além da folia. O rádio de Santa Catarina acabava de alcançar um novo patamar.

---

<sup>16</sup> Dakir Nilton Polidoro começou a trabalhar como operador no Cine Ritz, em Florianópolis, no início da década de 1940. No cinema, também era locutor e divulgador, pois produzia e distribuía folhetos com notícias e a programação de filmes. Mais tarde, criou e passou a apresentar o programa Hora da Petizada, aos domingos.

Ao som de sambas enredo e marchas de Carnaval, surgia um fenômeno do radiojornalismo. Com criatividade, trabalho e competência profissional, uma emissora pertencente a um grupo político lançava as bases para conquistar um dos maiores índices de audiência e níveis de credibilidade de que se tem notícia na história do rádio catarinense.

#### **40- Rádio Guaíba**

O Carnaval de 1957 foi mesmo o *start* para uma série de inovações na programação da Rádio Diário da Manhã: criação da Divisão de Radiojornalismo, reestruturação do departamento de Esportes e ampliação da cobertura dedicada ao remo, basquete, vôlei, futebol de salão e futebol amador. No radiojornalismo, foram lançados os noticiosos Renner e Argos com quatro edições diárias cada um, seguindo o exemplo do Repórter Esso da Rádio Nacional do Rio de Janeiro. O segmento jornalístico ganhou também dois jornais falados, um às 7h30 da manhã, destacando os principais acontecimentos da cidade, do Estado e do Brasil, e outro às 22h, com reportagens e uma síntese das pautas do dia.

O noticiário político passou a ter tratamento diferenciado com a criação de um programa diário, às 12h30, apresentado por dois locutores exclusivos: Adolfo Zigelli e José Valério Medeiros. Em forma de revista, os temas jornalísticos eram tratados de maneira crítica, com traços de humor quando convinha. Terminava com editorial em forma de comentário enaltecendo os feitos dos partidários da União Democrática Nacional e detratando as ações do arqui-inimigo Partido Social Democrático. Na rádio Guarujá, o programa de igual propósito falava exatamente o oposto.

Alheia às vicissitudes do jornalismo, engajado ou não, a programação artística da emissora deleitava e envolvia os ouvintes com quatro novelas diárias, atrações de auditório com música e humorismo ao vivo, nas quais desfilava, a cada semana, um elenco de cerca de 30 instrumentistas, cantores, locutores, radioatrizes, radioatores, comediantes, sonoplastas, contrarregras e técnicos de som.

Antunes Severo ganha espaço animando programas de auditório, produzindo e apresentando dois *talk shows* diários, e ainda participando da redação e locução do radiojornal da noite, mas não se contenta. Inquieto e fascinado com a popularidade, dá vazão a novos sonhos. Inaugurada em 1957, a Rádio Guaíba de Porto Alegre o empolga pelo ineditismo da programação, pelo padrão dos conteúdos do jornalismo, da música e do radioteatro e pela excepcional qualidade do som que transmite.

Em outubro de 1958, ele entra em férias e, como de hábito, se organiza para visitar a mãe em Rosário do Sul. A viagem é dividida em duas partes: Florianópolis a Porto Alegre de avião, e dali até o extremo oeste do Rio Grande do Sul de trem ou ônibus. Sua passagem

pela capital gaúcha coincide com as eliminatórias do Campeonato Brasileiro de Vôlei. Então, só para não perder o hábito, ele aproveita a escala e faz a cobertura dos jogos para a Rádio Diário da Manhã.

Nessa época, as poucas linhas telefônicas disponíveis ainda eram impróprias para transmissões interestaduais, pela má qualidade do som e instabilidade técnica. A alternativa era solicitar a uma emissora local, que tivesse ondas curtas, que servisse de *link*. A Rádio Guaíba logo se prontificou a ceder o *link* e os equipamentos para gravar os boletins, que seriam enviados para Florianópolis à tarde e à noite. Terminada uma das edições, Severo se encontrou com o chefe de locutores, o radialista Mendes Ribeiro, e ali mesmo no corredor, ao final de dois minutos, estava contratado para trabalhar na emissora mais desejada do sul do Brasil.

Antunes Severo começou na Rádio Guaíba em novembro de 1958, fazendo locução comercial e jornalística. Para aumentar a renda, conciliava o trabalho na rádio com um emprego na área administrativa do Banco do Comércio de Minas Gerais. O deslumbramento profissional, no entanto, logo passou a se debater nos obstáculos da vida afetiva. Cadê a namorada, os amigos, o carinho dos ouvintes que lotavam o auditório? Os dias passavam devagar, as noites eram imensas. Apesar da acolhida dos colegas, muitos amigos até hoje, o gaúcho radicado em Florianópolis não conseguia se sentir em casa em Porto Alegre.

#### **41- Volta ao ninho**

Sem celular, e-mail, skype, redes sociais nem qualquer outro trunfo que tanto facilita a comunicação no século XXI, o amor naquela época era dependente dos Correios. Começou então a fase das cartas, longas cartas, muitas cartas para a namorada, os amigos e os colegas. Algumas despistando a nostalgia com informações sobre o trabalho; outras contando o cotidiano no centro da cidade grande, mas todas com um *the end* em comum: as lembranças do tempo em que vivia na ilha. Assim foi até dezembro, quando uma carta da Pretinha deu *carta branca* a mais mudanças.

- *Antunes. Eu estou grávida.*

A resposta do namorado foi imediata, por telegrama.

- *Topas vir pra cá?*

No dia 13 de dezembro, após uma série de decisões difíceis, mas enfrentadas com muita bravura, Pretinha chegava ao aeroporto Salgado Filho. Se a vida em Porto Alegre não era fácil para um gaúcho bem empregado, para o casal se mostrou ainda mais complicada. Deixar a casa dos pais, sua cidade, seu emprego; morar numa pensão com pessoas estranhas; a ausência do namorado – que trabalhava de dia no banco e à noite na rádio –,

e a insegurança sobre o futuro dificultavam a adaptação da jovem gestante à nova vida. Prostrada e sensível, vê seus sonhos sofrerem novo golpe com a perda do filho, ainda no início da gestação.

Bastaram quatro meses para que a paixão pela Rádio Guaíba, onde Severo exercia um trabalho gratificante e prazeroso, fosse suplantada pelas dificuldades de adaptação àquela metrópole. Mesmo com emprego garantido em Porto Alegre, sem nenhuma oferta de trabalho vigente em Florianópolis, o radialista se via impelido a, mais uma vez, pegar a estrada e refazer a vida próximo à família da Pretinha. A sensação era assustadora. Voltar para um ninho desfeito exige muito mais do que saudade. Na corda bamba que o ligava à próxima parada, o apoio, a cumplicidade e a confiança da namorada fizeram toda a diferença, não apenas cimentando a mudança mas também enraizando, definitivamente, aquela relação.

Para facilitar a transição, Severo voltou sozinho para Florianópolis. Enquanto negociava uma nova colocação na rádio e a transferência do emprego no banco – o que confirmaria o retorno do casal para Santa Catarina –, coube a Pretinha buscar guarida na casa da sogra, em Rosário do Sul. O que não seria tarefa tão simples, a começar pela longa viagem de ida, feita na companhia do cunhado Serafim, e não de quem, a princípio, deveria apresentá-la formalmente à família.

A *quebra de protocolo*, no entanto, não comprometeu a acolhida, a afinidade e o entrosamento de Nivalda com dona Lahir e os cunhados, Serafim, Jesus e Maria Antônia, além da tia Universina, com quem Severo morara nos primeiros meses de vida. A experiência, que a princípio se mostrava ameaçadora, acabou sendo o oposto, com Pretinha sentindo-se parte da família, até Severo voltar para buscá-la, cerca de um mês depois, com as melhores notícias possíveis. Mais do que uma, havia garimpado duas ofertas de trabalho em rádios de Florianópolis.

A volta para o ninho ainda dependia de uma escala em Porto Alegre, onde deveriam buscar as malas, deixadas na pensão como garantia de que honrariam seu débito. Para coroar o reencontro, as boas perspectivas e a nova fase que se descortinava na vida de ambos – afinal deixaram Florianópolis como solteiros e agora voltariam com uma casa em comum – a última noite na capital gaúcha foi passada num hotel próximo ao aeroporto Salgado Filho, onde embarcariam no dia seguinte.

Severo e Nivalda perdem a hora refletindo noite adentro. O dia seguinte fora esperado com contagem regressiva. Para Pretinha, que pela primeira vez provaria a experiência de viver fora de Santa Catarina e longe da mãe, significava reencontrar a família. Para Severo, representava a chance de retomar um projeto desenhado com tinta permanente, quando ele e o colega Edwin trocaram outra capital do sul pelas promessas de Florianópolis.

A sensação de união, alheia à falta de vínculo formal, era um conforto diante de tantas mudanças. Na madrugada no hotel, a conversa flui, serena e ponderada. Confidentes,

revivem momentos marcantes de suas vidas. Confiantes, relembram cada obstáculo vencido até então. Falar abertamente dos sentimentos, um hábito que não alimentavam com frequência, só confirma o quanto eles têm em comum. Na defesa de opiniões, os argumentos chegam a ser antagônicos, mas os princípios pelos quais se regem são sempre semelhantes.

- *Vamos dormir?*, propuseram, ao perceber que a avalanche de pensamentos vencia o sono mas não o cansaço.

#### **42- Rádio Difusora de Itajaí**

Em Florianópolis, onde moravam os tios Osvaldo e Gelta, na subida do Morro da Cruz, havia uma casa disponível nos fundos do terreno. Por serem conhecidos e terem boa reputação na praça, Severo e Pretinha conseguem comprar os móveis e utensílios no crediário e mobíliam seu primeiro lar. Com o conforto mínimo necessário, decidem constituir uma família e dar aos filhos um pouco mais do que tiveram em suas vidas.

Nivalda, que deixara de trabalhar para viver em Porto Alegre, não escondia a alegria pela proximidade da mãe e das tias que a criaram. Severo, qual *filho pródigo*, comemorava o retorno à Rádio Diário da Manhã. O envolvimento com a comunicação era tanto que, mesmo com o Banco do Comércio de Minas Gerais tendo viabilizado a sua transferência para a agência de Florianópolis, ele mal aguentou uma semana de expediente burocrático.

Tudo parecia conspirar a favor do amor e da família, ainda que não fossem noivos nem casados oficialmente. Mas bastou um mês para que a tranquilidade da rotina fosse maculada por um novo assédio profissional. A família Bornhausen, proprietária da emissora em que Severo trabalhava, comprara em sociedade com a família Miranda Lins a Rádio Difusora de Itajaí, e não poupava investimentos para reverter a condição da rádio, sucateada, que perdia espaço para a concorrente instalada na cidade.

Para manter a liderança de mercado, os novos sócios precisavam investir em equipamentos e profissionais qualificados. Ao pedir indicação de um gestor, confiável e competente, perceberam o consenso da equipe da Diário da Manhã em torno do nome Antunes Severo. Antes mesmo de consultar a esposa sobre uma possível e abrupta transferência para Itajaí, o *forasteiro* dava asas à sua natureza, buscando detalhes da vaga oferecida pela Rádio Difusora.

Em seis anos de atividade profissional, o radialista ficara pouco nos bastidores. Quase sempre estava em função do microfone, da reportagem, do jornalismo, da produção de programas e apresentações no auditório. Na prática, nunca havia conduzido uma equipe. O desafio era atraente, mas a responsabilidade assustava. O capítulo seguinte, como previsto, foi de turbulência no coração.

Em dois dias, Severo foi informado de que seria entrevistado por Silveira Júnior, secretário da Diretoria do Banco Indústria e Comércio de Santa Catarina (INCO), que tinha como sócios majoritários Irineu Bornhausen e Genésio Miranda Lins. Por ser jornalista e se relacionar bem com a imprensa, coube a Silveira Júnior conduzir a transferência de comando na emissora e desenvolver o plano básico de atuação para a *nova Rádio Difusora*.

A estratégia, estabelecida em parceria com os ex-concessionários Dagoberto Nogueira e Adolfo de Oliveira Júnior, apostou na aquisição de equipamentos da mais avançada tecnologia, o que *atualizaria* a emissora dos estúdios à planta de transmissão. Todo o sistema operacional era fornecido pela Philips holandesa, recém-chegada ao Brasil. O próximo passo seria selecionar a equipe, função atribuída a Antunes Severo com a sedução adicional de que ele ganharia três vezes mais do que seu salário atual.

- *Não tenho dúvidas. Estás à altura do que precisamos pra fazer a melhor rádio de Santa Catarina, garantiu Silveira Júnior, ao propor a Severo o cargo de Diretor Operacional de Programação e Jornalismo, com contrato de um ano.*

Apesar de confortadoras, as palavras do colega esbarravam em outras resistências: o impacto que a transferência para Itajaí produziria na vida do casal e a chance de derrota que toda mudança carrega. Uma carreira profissional vitoriosa nem sempre é suficiente para se ter sucesso como gestor. Esse, para Severo, era um dos pontos críticos daquela decisão. E enquanto a vaidade brigava com a razão, ele apostou num plano de atuação.

- *Aceito, Silveira. Mas quero tempo para conhecer a cidade e escolher um lugar para morar. Quem sabe aqui realizamos o sonho de ter uma casa com horta e jardim? A empresa paga o hotel?*

Ao imaginar a conversa em casa, tudo o que Severo previa eram recusas e empecilhos. Mas foi surpreendido pela atitude da esposa. Cúmplice do marido, Preta sabia que para dar certo era preciso tentar. Sintonizado, apesar dos ruídos da rotina, o casal aceitou o desafio, enfrentando a quatro mãos toda sorte de obstáculos. O primeiro foi definir o destino dos móveis e acessórios de cozinha recém-comprados. A intenção era radical: não levar nada para Itajaí, a fim de montar lá uma *casa de verdade*. Sorte que na gerência da loja – onde haviam feito a compra e pago apenas a primeira de uma série de prestações – prevaleceu a compreensão.

Liberados da dívida assim que devolveram os móveis quase sem uso, Severo e Pretinha só tinham olhos para a casa nova. Aliás, o quarto endereço em apenas meio ano. Nesse período, viveram como solteiros em Florianópolis, depois em Porto Alegre, retornaram para a ilha como casados, e agora estavam em Itajaí, no nº 100 da Rua Uruguai, onde Gilberto, o primogênito do casal, nasceria no dia 30 de outubro. Para viabilizar a mudança,

o contrato com a Rádio Diário da Manhã foi rescindido em 27 de maio de 1959 e o contrato com a Rádio Difusora foi assinado no dia seguinte.

### **43- Estreia o executivo**

Apesar da experiência acumulada no estúdio e nas transmissões *in loco*, Severo chega à gestão da Difusora sentindo-se um calouro. A emissora pretendia ultrapassar os limites da cidade onde estava instalada, buscando repercussão e prestígio no Vale do Itajaí, justamente onde a concorrência era das mais competitivas do Estado. A renovação na rádio era de tal ordem que Silveira optou por tirar a emissora do ar enquanto aguardava a chegada e a instalação dos novos equipamentos.

Para Severo, não foi fácil lidar com a nova rotina, em especial por se tratar de uma emissora com 17 anos de tradição que, surpreendentemente, estava sem programação e fora do ar. Mas a medida, com o tempo, provou ser acertada, já que o impacto da *nova Difusora* ultrapassou toda e qualquer expectativa. Com o suporte financeiro assegurado pela administração do banco, a renovação foi feita a partir da base. Desde a parte técnica até a estrutural, tudo era novo: transmissor, mesa de som, pratos, microfones, revestimento do estúdio, gravadores, auditório e discoteca. Da equipe antiga, todos foram colocados em férias.

- *Estão trabalhando apenas o Adolfo, que é o responsável técnico, mais o operador que mora no transmissor. A seleção da equipe é seu primeiro trabalho*, informou Silveira Júnior.

Diante da tarefa hercúlea ordenada por Silveira, Severo achou prudente conhecer melhor o interlocutor, em quem depositava grande confiança. Foi, então, visitá-lo em seu gabinete, na sede do Banco INCO.

- *Silveira, você é jornalista e escritor, tem livro editado, escreve pra jornais e agora é o responsável pela implantação de uma emissora com tudo novo. O que exatamente você espera dessa nova fase da rádio?*

- *O meu sonho é que você seja o cara que eu estou pensando*, respondeu Silveira com um sorriso largo, acionando a campainha que ficava sobre a mesa.

- *D. Ida, pede um cafezinho pra nós.*

A conversa prosseguiu amena, com informações sobre a cidade, o porto, o comércio local e da região em torno, a biblioteca pública, o clube social Guarani e o time do Marcílio Dias, que pareceu ter a preferência do chefe no futebol. Sobre a rádio, Silveira Júnior sintetizou os objetivos já perfeitamente condicionados em sua mente: “ser motivo de orgulho para

a cidade em conteúdo – jornalismo, esportes, música, entretenimento e cultura – em comportamento de seus funcionários e em qualidade técnica”.

Aos poucos, as ideias trocadas com o chefe foram ganhando contornos mais concretos. Severo buscou na Capital os melhores profissionais que conhecia e se despiu de toda a vaidade dos tempos de artista para pôr sua *expertise* a favor dos bastidores, preparando locutores, cantores, jornalistas, músicos, discotecários, operadores de áudio, técnicos de som, operadores de transmissor, corretores comerciais, narradores esportivos e o setor administrativo. Enfim, poliu a equipe para a nova missão.

O primeiro mês no novo cargo também foi marcado por idas e vindas até Florianópolis. Em algumas fases, como a de definição do cronograma de trabalho, a viagem se repetia diariamente. Naquela época, a distância de 90 km entre as duas cidades exigia cerca de três horas dentro do ônibus. O jeito, então, era aproveitar a infindável solidão do percurso e da paisagem para pensar no trabalho. Entre um e outro buraco do maltratado e rústico caminho, Severo teve o *insight* da frase que serviria como *slogan* da nova Rádio Difusora: “ZYK-9. Aqui Rádio Difusora de Itajaí. Assim mesmo. Sem adjetivos.”

#### **44- Parcerias internacionais**

Há cerca de 10 anos, Severo deixara o interior do Rio Grande do Sul em busca de uma carreira militar que o levou a Minas Gerais e Santa Catarina. Em 1953, movido pela vocação, começou uma nova jornada no interior do Paraná. Nos três anos seguintes atuou nas rádios Marumby, Colombo e Clube Paranaense de Curitiba; teve uma experiência intensiva na rádio Panamericana de São Paulo – para onde foi motivado por uma namorada radioatriz -, trabalhou na rádio Diário da Manhã, em Florianópolis, e na Guaíba, em Porto Alegre. Era flexível e estava habituado às mudanças, mas considerava a oportunidade de dirigir uma emissora de rádio algo diferente, decisivo, um grande passo; afinal, estava trocando de *status* profissional. Era necessário, portanto, o máximo de informações sobre o cenário em que atuaria.

Com a colaboração de Dagoberto Nogueira e Adolfo de Oliveira Júnior, que eram da velha Difusora e permaneceram na equipe nova, Severo desbravou a história da primeira emissora da cidade. A rádio Difusora teve origem no serviço de som, inicialmente acoplado ao projetor de filmes no Cine Itajaí, e com os alto-falantes instalados na Praça Vidal Ramos, no centro, em 1942.

- *A rádio surgiu de forma curiosa. Conectei um pequeno aparelho adaptado ao equipamento do cinema, a fim de jogar no ar as músicas do filme e as que tocavam antes da sessão começar. O público aceitou bem, era uma fonte de informação justamente no período da Primeira Guerra Mundial, quando a comunicação era restrita e supercontrolada, explicou Adolfo ao colega.*



Dagoberto se interessou pela novidade e, junto com Adolfo, criou o serviço de alto-falantes Tabajara, que passou a funcionar regularmente em 1944 e se profissionalizou de forma muito rápida. Em 21 de setembro de 1945 a emissora já estava licenciada. A Rádio Difusora Itajaí reinou solitária até 1958 quando surgiu a Sociedade Rádio Difusora Vale do Itajaí, integrante da rede de Emissoras Coligadas, de Wilson Luiz de Freitas Melro, Caetano Deeke de Figueiredo e Flávio Rosa, detentores de concessões em Blumenau, Gaspar, Brusque e, a partir de então, Itajaí.

Sem os recursos necessários para enfrentar a disputa por audiência, a concorrência levou Dagoberto e Adolfo a aceitar o socorro oferecido pelas famílias Bornhausen e Miranda Lins, que não se alinhavam à facção política representada pela rede Emissoras Coligadas. Nesse contexto, cabia a Severo aproximar a Nova Difusora das lideranças políticas, econômicas e sociais da cidade. Fazia parte do *script*, portanto, associar-se ao Clube Guarani, assistir aos jogos nos estádios de futebol, almoçar com as lideranças da CDL e da Associação Comercial, frequentar os melhores restaurantes e as festas promovidas por Sebastião Reis, o principal colunista social da cidade.

Mas o lazer tinha limite. Severo, que conquistara para a equipe alguns dos mais destacados locutores que conhecia e com quem trabalhara, precisava desenvolver a grade de programação e acionar sua ampla rede de relacionamentos, no Estado, no Brasil e fora do país, já que seus planos incluíam parcerias com a Voz da América, BBC de Londres, Rádio França Internacional, Rádio Canadá e emissoras da Argentina, Chile, Paraguai e Uruguai. Mostrando sua habilidade no comando da equipe, unificou o diálogo, para que todos defendessem e praticassem os mesmos princípios. Foi então que cunhou a frase transformada em bandeira daquela jornada:

*- Cada integrante da equipe é igualmente responsável pelo resultado final do trabalho. Este é o lema geral. Toda e qualquer atividade, independente do seu nível de especialização ou status, é vital pra alcançar os objetivos pessoais e da organização. O que mais importa no que se faz é a atitude com que se faz. O fundamental é mostrar fazendo. O essencial é o que vamos fazer com nossa experiência e o que menos importa é o tamanho ou a especialidade dessa experiência.*

Para motivar ainda mais o time, ilustrou mentalmente a orientação:

*- A dona Jandira sabe fazer cafezinho e limpar banheiro melhor do que eu, então ela é a mais indicada pra fazer esse serviço. Ela é a pessoa mais importante quando se trata de cuidar da higiene e do asseio do nosso local de trabalho. Cada um de nós tem uma especialidade diferente, possui habilidades pra fazer algo de maneira correta e eficaz, mas precisamos que essas qualidades se adaptem aos objetivos gerais da organização, concluiu emocionado, convicto de que o principal papel de um dirigente é promover o trabalho em conjunto.*

A nova equipe era composta por alguns antigos funcionários recontratados: Dagoberto, Adolfo, o pianista e maestro Nene, os locutores Olindor Camargo, Ilda Souza, Irene Boemer, Gilberto Pereira, Aldemar Veiga, o jornalista José Tolentino da Silva, os discotecários Dalton Machado e Edna Santos, os operadores de áudio José Balhu de Souza, Décio Nogueira e Marino Lopes, entre outros.

Também permaneceram no time Dirceu Nogueira e Manoel Corrêa, responsáveis pela comercialização e administração. Aos poucos, o núcleo passou a incorporar nomes conhecidos como Edison Silveira, Humberto Fernandes Mendonça, Lauro Soncini, Odemar Costa, Odey Ramos, Iran Manfredo Nunes, Pedro Washington de Almeida, João Carlos Bittencourt, René Reynaldo, João Benjamim da Cruz Júnior e Luciano Corbetta.

A mudança da programação deveria ser estimulante para a equipe, atraente para os ouvintes, comercialmente vantajosa para os anunciantes e capitalizadora de prestígio para os proprietários da emissora. A expectativa na cidade em torno do lançamento da nova ZYK-9 era completamente heterogênea: alguns estavam muito entusiasmados, uns pagavam para ver o que viria, e outros simplesmente ignoravam o potencial das mudanças. Nessa fase tão crítica, Severo aproveitou ao máximo sua experiência em outras emissoras com ondas curtas. Lembrou, por exemplo, que quanto mais distante o ouvinte estivesse da emissora, mais atenção deveria receber ao se corresponder com aquela organização.

Por sua posição geográfica, o Estado de Santa Catarina era quase desconhecido em outras partes do país. Severo, então, somou as duas realidades para lançar importantes campanhas promocionais. Uma delas premiava os ouvintes mais distantes da Rádio Difusora e outra reproduzia a saudação de radialistas brasileiros que trabalhavam em emissoras de outros países. O apelo era providencial, já que Itajaí, sem falsa modéstia, na época se dizia a *porta de Santa Catarina para o mundo*.

#### **45- Correios congestionados**

A essas alturas, a população da cidade estava ansiosa pelo retorno da *sua emissora*. Ainda que feitos sem alarde, os primeiros testes alimentavam boatos sobre a chegada de profissionais famosos que iriam atuar na rádio. Os comerciantes já estavam sendo contatados para anunciar na Nova Difusora. A contagem era regressiva. Na primeira semana de julho de 1959, sem festa mas com impacto, volta ao ar com mais potência e completamente reestruturada a ZYK-9 Rádio Difusora de Itajaí.

A campanha de valorização de ouvintes em regiões distantes teve reação imediata. Desde o primeiro dia e pelos três meses seguintes, os Correios tiveram de reforçar a estrutura para a entrega de cartas no litoral do Vale do Itajaí. Faltava, contudo, estimular o ouvinte local, habituado a telefonar, para que também escrevesse. A campanha seguinte foi

voltada aos estudantes de primeiro e segundo grau (hoje Ensino Fundamental e Médio) com perguntas pertinentes às matérias dos seus cursos. Nesse segmento de público considerado irrelevante na época, o resultado ultrapassou o esperado. A rádio, que distribuía as premiações de acordo com a classe dos alunos, também passou a premiar as famílias, os professores e o próprio colégio.

Em agosto, com a entrada de mensagens gravadas em outros países, inclusive da Europa e da Ásia, nas quais os radialistas cumprimentavam Itajaí pelo relançamento da emissora pioneira, a rádio consolidou sua presença no coração dos ouvintes. A ZYK-9 chegava assim à liderança, comunicando-se com multiplicadores de opinião em todos os campos: sociais, econômicos, culturais, políticos e religiosos. Para Severo, a aceitação, a audiência e a credibilidade poderiam ser traduzidas por uma frase de Cecília Meireles:

*- Fazer bem feito o que merece ser feito.*

A repercussão da programação da emissora fez crescer a expectativa em torno dos próximos lançamentos e de ações que despertassem o interesse da comunidade. Os jornais falados tiveram seus horários ampliados, as pautas passaram a abraçar temas até então considerados tabus como comportamento, cultura, folclore, música, teatro, sexo, educação, limpeza da cidade, transporte coletivo urbano e assim por diante.

Na última semana de julho, as chamadas para a campanha de repercussão da rádio *no Brasil e no mundo* foram intensificadas. De forma espontânea, a imprensa passou a noticiar o *fenômeno* de ressurgimento da mais antiga emissora de Itajaí. E até mesmo a revista Radiolândia, do Rio de Janeiro, pautou seu correspondente em Santa Catarina para escrever sobre a Nova Difusora.

Simultaneamente, foram realizadas algumas ações entre os funcionários da rádio. Sempre que algum locutor mencionava o prefixo ZYG-9, levava aos ouvintes notícias sobre a *sua rádio*, mencionando os nomes de pequenas localidades, bairros e ruas até então ignorados pelos editores. Com isso, o público se sentia parte do sucesso alcançado, e comemorava como se fosse protagonista daquelas conquistas. Toda a equipe também foi orientada para manter a humildade, independente dos resultados. Nas falas de improviso, por exemplo, todos deveriam evitar frases laudatórias, como *a Difusora é a maior, nós somos os bons naquilo, nossa equipe é tal, nossa emissora é a mais potente...*

#### **46- Pane nas linhas telefônicas**

Estar em evidência, se por um lado é inebriante, por outro pode render situações inusitadas. Quando a Nova Difusora lançou as primeiras mensagens de incentivo provenientes de outras emissoras, o telefone da diretoria do Banco INCO tocava sem parar. Há casos muito engraçados, como o de um cliente, *preocupado*, que alertou os

proprietários sobre o excesso de despesas da rádio com autopromoção. Coube a Silveira, com um sorriso meio maroto, explicar que as mensagens eram produto de relacionamento e não de compra de um serviço de *puxa-saquismo*.

Mas o espanto do ouvinte era perfeitamente compreensível. Naquela época, alguém poderia imaginar ouvir em sua emissora local mensagens vindas de lugares tão distantes? Os cumprimentos chegavam do serviço de rádio da Organização das Nações Unidas (ONU), da BBC de Londres, da Voz da América de Washington, da Rádio França Internacional e da Rádio Argentina al Exterior (RAE). Já as mensagens provenientes do Brasil vinham estampadas na voz de locutores famosos das rádios Nacional e Globo do Rio de Janeiro, Bandeirantes, de São Paulo, Clube Paranaense de Curitiba e Gaúcha de Porto Alegre.

Outro evento marcante, no período de ressurgimento da ZYK-9, foi o lançamento de um programa de perguntas e respostas, gênero que mais tarde ficou famoso no Brasil com O Céu é o Limite. A sugestão de criar o programa foi de Silveira Júnior. Severo de imediato percebeu o potencial da iniciativa e se dedicou ao lançamento. O programa se chamava Seis Pontos Valem Um Conto, com participação dos ouvintes por telefone. Ao defender as ligações, e não a presença *in loco* no auditório, o experiente Silveira Júnior ponderou:

*- As pessoas mais cultas ou bem informadas fazem parte da elite da cidade e eu acredito que não viriam a um palco de auditório se expor.*

O apresentador, Antunes Severo, preferia o público presente no auditório, o que era o seu forte, mas aquiesceu diante da ponderação do colega que conhecia melhor a cidade e sua gente. Foi combinada, então, a edição de um *piloto* com a participação de algumas personalidades notórias, escolhidas a dedo entre jornalistas, advogados, juizes, religiosos e até oficiais das forças armadas.

Ao serem convidados para o teste, os quatro *eruditos* que concordaram em colaborar foram orientados para dificultar ao máximo o andamento do programa. Chegou, enfim, a noite em que os contatos telefônicos para o *piloto* seriam gravados. Sabendo da *pedreira* que ia enfrentar, em função da deliberada hostilidade dos convidados, Severo mal conseguia superar o nervosismo. Ainda assim a gravação foi brilhante e os participantes logo perceberam a riqueza da oportunidade.

O programa Seis Pontos Valem Um Conto ia ao ar das 20h30 às 21h. Para a rádio, foi o maior sucesso de audiência. Já para a Cia. Telefônica Catarinense, foi motivo de muita dor de cabeça. O congestionamento das linhas, provocado por ouvintes que queriam responder as perguntas, travava a pequena central, afetando até mesmo o tráfego das ligações de urgência para hospitais e outros serviços públicos. Com isso, a CTC era obrigada a buscar soluções de emergência para aqueles 30 minutos de loucura.

Antes que a emissora itajaiense completasse um ano com o novo formato, a repercussão do trabalho era tão intensa que só a Rádio Bandeirantes de São Paulo contratou em 1960 quatro profissionais da equipe Difusora: os locutores Hilda de Souza, Humberto Fernandes Mendonça e Odemar Costa e o discotecário Dalton Machado. Severo, por sua vez, mantinha-se decidido a cumprir o contrato de um ano e depois retornar para a capital. Em seu diário, ficou o registro: “depois de exatamente um ano e um maravilhoso jantar de despedida de Itajaí, eu recomeçava na Rádio Diário da Manhã de Florianópolis mais uma etapa de atividade profissional”.

Mais de 50 anos depois, as memórias daquele tempo permaneceriam intactas para Severo, tamanha a multiplicidade de lembranças e lições desse período: o aprendizado com os erros, a ousadia às vezes exacerbada, a gratidão pelas oportunidades abertas pelos proprietários da Difusora, as amizades e a acolhida da cidade onde o casal se transformaria numa família.

#### **47- Rádio Guarujá**

A intensa experiência em Itajaí mostrou a Severo as múltiplas possibilidades de uma empresa de radiodifusão. Mais maduro, deixou de ver o rádio apenas como gerador de conteúdos para serem transmitidos aos ouvintes. Agora, compreendia a emissora como empresa comercial que tem na geração de eventos de lazer, artísticos, esportivos, sociais e jornalísticos, e nas receitas da venda de anúncios, o seu sustento e sua possibilidade de expansão. Aos poucos, também despertou para o fato de que, atuando na área comercial, teria maiores rendimentos e oportunidades.

Na Diário da Manhã, ampliar sua atuação para a produção de comerciais, documentários e programas para rádio seria só questão de tempo. Aos poucos, Severo estabeleceu parcerias de confiança: a própria emissora fazia a veiculação, Zininho a parte de produção e gravação dos programas e Rozendo Lima a venda dos novos produtos. Em 1961 e 1962, além de *spots* e *jingles*, a equipe já criava audiovisuais para o nascente negócio do turismo em Florianópolis, além de documentários para professores ilustrarem aulas ou conferências.

Também é dessa época o lançamento de *As Crianças se Divertem*, primeira série infantil radioteatralizada e transmitida regularmente por 13 emissoras em Santa Catarina, com patrocínio da Secretaria de Educação e do Laboratório Catarinense. O programa era escrito por Pretinha que, por sugestão de Cyro Barreto, aboliu mais tarde o pseudônimo de Maria Helena Ribeiro e assumiu a autoria com seu próprio nome, Nivalda Jacques Severo.

A série infantil escrita por Preta acabou se tornando a semente de uma das mais tradicionais e conceituadas agências de publicidade de Santa Catarina, a Propague. A

repercussão do programa levou a família Jacques Severo a abrir um estúdio de produção de áudio, batizado de Padrão Produções Sonoras. A experiência como empresário, de tão promissora, estimulou Severo a propor uma nova parceria ao colega Rozendo Lima. Juntos, lançaram a A.S. Propague Ltda em 1962, considerada a primeira agência de publicidade do Estado, por contar na época com os departamentos de administração, criação, produção e mídia.

Além de ter sido a primeira escola para muitos publicitários catarinenses, que posteriormente passaram a gerir suas próprias agências, a A.S. Propague foi um marco na trajetória de seu fundador, Antunes Severo. A sobrecarga de trabalho nos negócios, fruto do sucesso daquela iniciativa de vanguarda, não tardou a comprometer seu interesse pela atividade artística. O devoto do microfone, de repente, abria mão da fidelidade àquela ferramenta, com a qual desde pequeno sonhava conviver.

Inseguro mas confiante, Severo encerrou seu contrato com a rádio Diário da Manhã em 1964. A despedida do estúdio, no entanto, não foi definitiva como imaginava. Posteriormente, a direção da Rádio Guarujá o convenceu a se manter no ar como apresentador do Correspondente Cimo e do Ponto de Encontro, que ele produzia com foco no entretenimento. O programa tinha sido um sucesso na Diário da Manhã, inclusive em ondas curtas, e interessava à Guarujá reeditá-lo, por também ter ondas curtas e fãs em vários estados do país. Apesar das boas condições de trabalho e do bom relacionamento com todos na Guarujá, o contrato não durou muito. O coração de Severo, a essas alturas, priorizava os negócios próprios. Sobrecarregado, optou por desligar-se da emissora no Natal de 1964.

#### **48- Vestibular, o que é isso?**

Na sociedade da Padrão e da A.S. Propague, Severo assumiu os setores administrativo, de produção e atendimento, e Rozendo a administração financeira. Mas naquela época, não bastava gerir as demandas. Era necessário evangelizar o mercado ainda inexperiente em termos de publicidade, e cabia a Severo vender o conceito de agência de propaganda, pois a concepção atual – de que a verba de publicidade deve ser administrada por uma empresa especializada – ainda era estranha e de difícil absorção pelo mercado.

Soma-se à dificuldade inerente a qualquer iniciativa pioneira o contexto vivido pelo Brasil nos anos em que Severo esteve à frente da Propague. Justamente nesse período o Brasil e o mundo viviam momentos de forte censura e repressão: o Golpe Militar de 1964, no qual o presidente João Goulart, o Jango, foi deposto; o Ato Institucional nº 5 de 1968, que autorizava o presidente da República a cassar mandatos eletivos, colocar em recesso o Congresso Nacional e as Assembleias Legislativas estaduais, entre outras barbáries; e ainda a Guerra Fria no âmbito mundial.

Não bastasse o contagiante clima de insegurança, os desbravadores da propaganda enfrentavam internamente outro fantasma: apesar da credibilidade, não tinham tradição no ramo empresarial, como se costuma dizer. A reputação de Rozendo era proveniente de sua carreira como dirigente financeiro de uma empresa pública. Severo, por sua vez, conhecia muito pouco ou quase nada de administração e de gestão de uma agência de propaganda. Mas reconhecer as limitações, em vez de imobilizá-los, deu fôlego extra aos dois sócios.

Em 1964, quando se dividia entre os negócios próprios e outras atribuições, como a implantação da TV Florianópolis, canal 11, e a produção do noticiário que levava as notícias do Governo Celso Ramos às emissoras do interior de Santa Catarina, Severo soube da fundação da Escola Superior de Administração e Gerência, posteriormente incorporada à Universidade do Estado de Santa Catarina. Em menos de uma semana, no entanto, a ótima surpresa ganhava a faceta da ameaça: para frequentar a ESAG era preciso prestar exame vestibular.

- Vestibular?, pergunta incrédulo.

Autodidata, todos os seus conhecimentos foram obtidos sem escola e sem professor, através de muita leitura, da história da Filosofia à enciclopédia Delta Larousse, do gibi semanal aos clássicos da literatura mundial. Sua vasta cultura, no entanto, nunca tropeçara nesta palavra, vestibular. Foi necessário que o sócio Rozendo elucidasse a situação.

- *Sim, meu caro, tem que ter o diploma do científico ou do colegial pra se inscrever no vestibular.*

À noite, inconformado com a barreira, Severo procura apoio na esposa. A intenção era encontrar um caminho, ser pró-ativo em vez de se entregar ao lamento. No dia seguinte, como sempre lhe foi peculiar, já dava o primeiro passo rumo à solução. No Bar do Felinto (Bar Príncipe), onde costuma encontrar-se com os antigos companheiros da Rádio Diário da Manhã, descobre que Adolfo Zigelli, Huberto Hubert<sup>17</sup> e Hélio Teixeira da Rosa<sup>18</sup>, entre outros com idade superior a 30 anos, prestariam os exames do Artigo 99 (posteriormente Madureza e atual Supletivo) para assim que possível arriscar o vestibular.

Sem perder tempo, Severo tenta uma inscrição no curso oferecido no Colégio Coração de Jesus. Mas a secretária logo levanta outro obstáculo, aparentemente intransponível para o empresário, a essa altura já hipnotizado pelas possibilidades advindas de um diploma universitário. A freirinha, com jeito angelical, é irreduzível: precisa ver seu certificado de

---

<sup>17</sup> Técnico autodidata em eletrônica, Huberto Hubert fez parte das equipes da produtora de áudio Padrão Produções Sonoras, da TV Florianópolis e da TV Cultura, canal 6.

<sup>18</sup> Apaixonado pela arte e em especial pela música, o maestro Hélio Rosa pesquisou, escreveu e produziu obras que vão do folclore aos clássicos, notabilizando-se como arranjador de músicas populares e maestro de coral. O Coral da Associação dos Funcionários do Tribunal de Contas Maestro Hélio Teixeira da Rosa foi batizado em sua homenagem.

conclusão do ensino primário. Felizmente, o desabafo feito a Huberto Hubert apontou uma passagem, quase secreta, no labirinto em que se debatia.

Hubert, o responsável técnico da Padrão Produções Sonoras, lembrou que a Prefeitura contava com um serviço de apoio a pessoas que perderam ou nunca obtiveram o certificado de alfabetização. Mediante provas específicas ou notório reconhecimento do nível de informação do pretendente, era emitido o tal certificado. Nunca os benefícios da prática foram tão saudados como no caso do radialista e jornalista profissional, com carteira fornecida pelo Ministério do Trabalho, e agora, para efeito legal, também portador do salvo conduto de cidadão alfabetizado.

#### **49- Curso superior**

As aulas de preparação para os exames do Artigo 99 eram teóricas e noturnas. Todavia, mais do que convalidar um conhecimento, serviram como lastro para acomodar informações arranjadas de modo aleatório e até caótico ao longo dos anos. O benefício veio na prática, com a aprovação nos exames do *futuro supletivo* e no vestibular para a Faculdade de Administração. Para Severo, o resultado foi consequência da sólida educação que acumulou informalmente, desde as aulas improvisadas no depósito da Casa Rosário.

Mesmo absorvido pelas exigências da universidade, cursada enquanto criava cinco filhos e administrava duas empresas, o eterno menino do arroio Itapevi não contém sua veia inata para exercer a liderança. Com João Benjamin da Cruz Júnior<sup>19</sup> e outros colegas, engaja-se ao movimento para a criação do Diretório Acadêmico da ESAG. Candidato à presidência da agremiação, foi eleito ao derrotar o também calouro em Administração Esperidião Amin Helou Filho<sup>20</sup>, enquanto João Benjamim assumiu como representante do Corpo Discente no Conselho da Escola.

Para Antunes Severo, integrar uma turma pioneira na Escola de Administração e Gerência foi muito mais enriquecedor do que desgastante, apesar de todas as demandas de um curso superior. Como já estava no mercado, ele aproveitava para sistematizar seus conhecimentos e conceitos, aplicando na prática a teoria recebida nas aulas. A experiência era tão gratificante que, depois de graduado, fez questão de dar continuidade aos estudos.

Em 1975, com a criação da Secretaria de Imprensa do governo do Estado, o futuro Mestre em Administração foi convidado pelo titular, Adolfo Zigelli, para ser Chefe de Gabinete,

---

<sup>19</sup> O radialista João Benjamin da Cruz Júnior trocou Itajaí por Florianópolis a convite de Antunes Severo. Na capital, fez carreira como publicitário, aderindo posteriormente à carreira acadêmica.

<sup>20</sup> Esperidião Amin, professor concursado da UFSC, ocupou como político todos os cargos eletivos: foi vereador e prefeito de Florianópolis, deputado estadual, deputado federal, senador e governador do Estado de Santa Catarina.



cargo hoje designado como Secretário Adjunto ou Diretor Geral. Missão aceita, permaneceu no cargo até o falecimento do ex-colega e amigo em acidente aéreo no mês de agosto. Sem Zigelli na Imprensa do Governo, esperou apenas a nomeação do próximo Secretário para deixar o cargo, perdendo o interesse pela política.

Sobrecarregado por conciliar a carreira acadêmica à rotina de empresário, Severo optou por desfazer-se de seus negócios próprios. Sua participação na empresa de produção sonora e na agência de propaganda foi vendida aos demais diretores<sup>21</sup>: João Décio Machado Pacheco, Unuri Silvério, João Benjamin da Cruz Júnior, Pedro Carlos Martins, George Alberto Peixoto e Roberto da Luz Costa.

A opção pela venda da A.S. Propague em 1978, assim como todas as outras mudanças de rumo na profissão, levou mais em conta o sentimento do que o planejamento. Efetivamente, a decisão foi tomada à beira-mar, em plena praia da Joaquina, para onde partiu sozinho, em mais uma manhã com agenda cheia. A fuga, nesse caso, foi uma aposta para *se encontrar* naquela fase turbulenta em que não conseguia, nem com esforço, conciliar as demandas de pai, marido, empresário e professor universitário, eternamente ávido por novas oportunidades e conhecimentos.

*- Quando eu ofereci aos sócios minha parte na agência, foi uma surpresa geral. Mas no vazio daquela praia concluí que trabalhava demais e não estava fazendo jus à nossa prioridade, que sempre foi a família, lembraria mais tarde, já bisavô, satisfeito com os frutos daquela decisão corajosa.*

Desvencilhado da burocracia envolvida em um negócio próspero e inovador, Severo passou a se dedicar com ainda mais interesse ao universo acadêmico. Já com Especialização em Administração Pública e professor contratado desde 1976 para as disciplinas de Administração Mercadológica e Vendas, assumiu na UDESC a coordenação do Curso de Pós-graduação em Marketing e a assessoria de imprensa da Reitoria.

Em 2002, conquista o título de Mestre com a dissertação *O Ensino da Administração: os casos da Fundação Getúlio Vargas e da Fundação de Estudos Superiores de Administração e Gerência*. Com a experiência acadêmica, seus temas de interesse ampliam-se ainda mais, incorporando Relações Públicas, Assessoria de Comunicação e Marketing para Organizações sem Fins Lucrativos.

## **50- De Assessor de Imprensa a Secretário de Estado**

O cargo de assessor de comunicação da Reitoria da UDESC logo rendeu ao professor-jornalista-publicitário um desafio com múltiplas facetas: desenvolver e coordenar a

---

<sup>21</sup> Dos sócios iniciais, Roberto Costa deu continuidade ao negócio. Uma das agências mais longevas do país, ao completar 50 anos a Propague (designação atual) permanece na liderança do mercado publicitário de Santa Catarina.

campanha promocional do primeiro vestibular unificado de Santa Catarina. Cerca de 10 instituições ofereceriam a mesma prova e o resultado seria divulgado simultaneamente, em todo o Estado.

Como o vestibular ganhou novas proporções, seria importante ter um novo – e forte – patrocínio. O processo natural foi oferecer a cota ao Banco do Estado de Santa Catarina, que não se deixou convencer pela estratégia de Severo. Como não havia uma emissora de rádio com abrangência estadual, o plano incluía mídias em veículos do Rio Grande do Sul e do Paraná, que tinham grande penetração nas regiões norte e oeste do Estado. Mas o investimento *além-fronteira* não agradou a cúpula do BESC. A solução foi procurar em São Paulo a direção do Bradesco, que recém comprara o banco INCO e precisava consolidar sua presença entre os catarinenses.

- *Naquela época, sem pendrive, DVD nem internet, o jeito foi viajar com uns 10 quilos de lay-out na bagagem. Mas valeu a pena, lembraria Severo para sempre.*

- *Encaminha o material pra gráfica, anunciou, na mesma data, a direção do Bradesco.*

A campanha foi um sucesso. As inscrições e matrículas estavam sendo pagas nos caixas do banco patrocinador. Até que um problema veio à tona. Vestibulandos com notas excelentes, confirmadas pelos gabaritos divulgados após as provas, não haviam sido aprovados. Como? No intuito de agilizar o processo de apuração, que na época era manual, o técnico considerou apenas as notas médias na hora de contabilizar os resultados, apostando na exclusão das notas baixas e na pouca probabilidade de os candidatos tirarem notas altas.

Após calorosas discussões, acataram a opinião do assessor de comunicação. Assumir publicamente o erro e anunciar que todos os alunos aprovados, inclusive os que não estavam na listagem inicial, teriam matrícula garantida seria a única forma de manter a credibilidade das instituições envolvidas com o vestibular. Dito e feito. A falha no processo foi esquecida mas não a tarimba do comunicador, que posteriormente recebeu novas e distintas propostas profissionais. Claro que devidamente aceitas.

Em um período de 10 anos Eurides Antunes Severo foi o primeiro gerente comercial e gerente executivo da RBS Santa Catarina, de 1979 a 1983; gerente de marketing da Band SC, então TV Barriga Verde, de 1983 a 1985; diretor comercial do jornal O Estado, de 1985 a 1987; e Secretário de Comunicação Social do Governo de Santa Catarina, nos anos de 1987 e 1988, a convite do governador Pedro Ivo Campos<sup>22</sup>. Nesse meio tempo, teve participação decisiva na implantação da Seccional SC da Associação de Dirigentes de Vendas do Brasil, a ADVB.

---

<sup>22</sup> Um dos fundadores do MDB, Pedro Ivo Campos foi o primeiro governador eleito pelo PMDB em Santa Catarina após 20 anos de ditadura militar. Tenente-coronel do Exército, assumiu como principais bandeiras de sua administração a luta pela democracia e a recuperação financeira do Estado. Afastou-se do Governo antes de concluir seu mandato, falecendo de câncer em 1990.

## 51- Presidente da ADVB/SC e outras escalafões

Em 1984, não havia em Santa Catarina uma associação que congregasse diferentes segmentos de classe. Cada associação representava um setor distinto e não existia interação entre elas. Percebendo os benefícios inerentes a um maior diálogo entre empresariado e profissionais, ainda que no dia-a-dia tivessem interesses antagônicos, Antunes Severo se dedicou a delinear o que seria a primeira gestão da ADVB/SC.

A movimentação levou mais de um ano e incluiu até mesmo a vinda de palestrantes de outros estados, que tinham experiências bem sucedidas nesse sentido, pois em Florianópolis ainda havia muito ceticismo em relação a uma iniciativa *multidisciplinar* como essa. Mas nada deteve o ânimo de Severo, que via na instituição um mecanismo adequado para motivar produtores, consumidores, empregados e empregadores a contribuir com o crescimento da economia e o bem-estar em geral. Aprovada a fundação, foi nomeado primeiro presidente da ADVB/SC, entidade na qual permanece como Conselheiro nato.

Aposentado da UDESC em 2004, Antunes Severo continuaria garimpando oportunidades profissionais e inspirando gerações. Em Florianópolis, foi o primeiro presidente do Instituto Caros Ouvintes de Estudos de Mídia, entidade criada para reconhecer e valorizar a história de quem, tal qual o menino do arroio Itapevi, chegou do nada mas aproveitou cada oportunidade, a ponto de deixar uma marca que possa servir de referência para outros sonhadores. Com grande e inestimável acervo, o Caros Ouvintes tem seguidores fieis, mundo afora.

O mesmo ensejo de recuperar a memória dos veteranos da comunicação levou Severo a aderir à confraria dos ComGurus, onde convive com radialistas, jornalistas e publicitários da velha guarda, como Elóy Simões, Julio Pimentel, Emilio Cerri, Francisco Socorro e George Alberto *Picolé* Peixoto.

Em 2005, em parceria com o professor e jornalista Ricardo Medeiros, lançou o livro “Caros Ouvintes – Os 60 Anos do Rádio em Florianópolis”. Em 2009, com o também jornalista Marco Aurélio Gomes, lançou a obra “Memórias da Radiodifusão Catarinense”, em edição ricamente encadernada. Em 2012 foi nomeado Diretor de Comunicação da ONG FloripAmanhã e, encorajado por amigos/admiradores, assumiu a alimentação do blog que dá continuidade às memórias resgatadas nesta biografia.

Nesse meio tempo, fez questão de compartilhar o carisma – aquele mesmo, que nem 60 anos de uso no Exército, nos estúdios, como executivo, nas salas de aula e em entidades de classe conseguiram gastar – com quem mais precisava de motivação. A quatro mãos com a esposa, Pretinha, assumiu trabalhos voluntários no Núcleo Espírita Nosso Lar,

confiante de que a acolhida aos pacientes potencializa as chances de recuperação da saúde.

*- As pessoas chegam nessas instituições com medo, traumas e inseguranças, e o nosso papel naquele momento é mostrar o quanto são bem-vindas, queridas e importantes para o bem-estar de todos.*

O fôlego, necessário para o exercício de muitas e múltiplas atividades, vem da vida simples que leva, no apartamento no bairro Estreito, onde a campainha não deixa de tocar. No intervalo entre uma e outra visita de quem não abre mão da companhia do *jovem casal*, Severo perde a hora no escritório, dividindo-se entre as duas grandes telas de computador que o mantém *up to date*, explorando e exercitando novos aplicativos e recursos do mundo digital.

A saúde física, como a mental, também vem das melhores práticas. Alimentação balanceada, o que garante o controle do diabetes; abstinência do cigarro, vício abandonado com grande esforço após 30 anos de convívio estreito; as aulas de pilates, que frequenta junto com a esposa duas vezes por semana; e um talento muito particular para cuidar da prole e dos *manos*, como trata os amigos, com mais motivação e incentivo do que regras impostas ou fiscalização implacável.

Como nas asas de um bumerangue, a energia distribuída volta ainda mais fortalecida. Em 2012, esperando sereno o tilintar dos 80 anos, o primogênito da dona Lahir, pai do Gilberto, da Jacqueline, da Gisele, da Giane e da Jasmine, avô da Mariana, do Marcelo, da Giane, da Elisa, da Carolina, do Gabriel, do João Pedro e do Lucas e bisavô da Joana e da Sofia, continua sendo um menino. Com mais experiência e amigos do que aquele do arroio Itapevi, mas com o mesmo olhar curioso e o mesmo coração, colecionador de sonhos possíveis.